

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 - 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 4 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE A
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A «PILGRIMS' ROUTE»

Um povo tranquilo que lutou pela liberdade e confia no futuro

por NORBERTO LOPES

Quem quisesse definir a Irlanda por um desses «slogans» prefabricados que sintetizam a índole de um povo, podia adoptar sem hesitação este velho aforismo português que resume só por si toda a sabedoria das nações: «Devagar que tenho pressa». Com efeito, tudo neste país, os hábitos da população, os divertimentos, a paisagem repousante, a própria língua gaélica, que vai desaparecendo lentamente e que hoje nota-

Vendas a dobrar



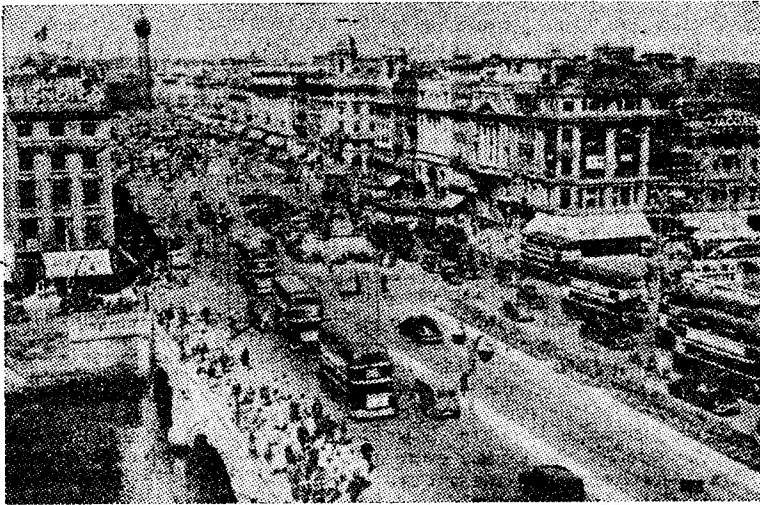
Aqui fica um conselho ilustrado aos proprietários dos postos de gasolina: —em Uppermill, na Inglaterra, duplicaram as vendas de combustível de uma das bombas locais, desde que elas passaram a estar confiadas a esta sorridente inglesa, de 19 anos, cujo sorriso constitui apreciável atractivo para os automobilistas que procuram gasolina, e encontram tão solícita e gentil vendedora...

VIDA ECONÓMICA

Um eldorado em laboriosa construção

Nas últimas décadas, emergindo da sua longa sonolência de quatro séculos, Angola tem vindo a despertar para um destino de expan-

são económico-social que já não é aventuroso qualificar sob o signo das grandes esperanças. Tiveram a intuição desse futuro, e lançaram as primeiras pedras dos seus alicerces, homens de clarividência e energia raras mas de formações muito diversas, como Paiva Couceiro e Norton de Matos; e a vontade de outros homens, aliada à força das circunstâncias, estão a erguer o velho território africano — como outros de soberanias diversas que o envolvem — para uma missão económica de larga



Uma vista da O'Connell Street, em Dublin

Nota do dia

A VISITA DA PRINCESA

Extinguiram-se os ecos da visita da princesa Margarida a Portugal. Ficará, no entanto, por muito tempo na memória e no coração daqueles que a viram ou com ela privaram a recordação do seu sorriso melancólico, da sua gentileza de mulher e do seu fascínio de princesa. Supunhamos nós que a visita da irmã de Isabel II, saudada por pessoas de todas as cores políticas e de todos os credos religio-

sos, não pudesse ser aproveitada para fins menos recomendáveis de propaganda sectária por pessoas que, em vez de procurarem motivos para nos unir, só descobrem razões para nos dividir. Pois não aconteceu assim. Uma revista ilustrada que se publica em Lisboa, com evidente desalegancia, aproveitou o ensejo para reavivar paixões políticas, fazendo da visita de Margarida um cartaz de propaganda. Vemo-la numa imagem graciosa, sorrindo, satisfeita, ao lado do Chefe do Estado. E como legenda, sem a mais leve alusão à presença do sr. Presidente da Republica, lê-se o seguinte: «Saudoso de monarquia o povo português recebeu como a sua a Princesa de Inglaterra». Não nos parece que o povo esteja tão saudoso de monarquia como pensa a revista em questão. Nem o momento era asado para uma manifestação de sentimentos políticos, que se nos afigura inteiramente deslocada em tais circunstâncias. Fiquem-se os monarquicos com as suas saudades e as suas ilusões; mas, pelo amor de Deus e da paz lusitana, não contribuam, com antagonismos inoportunos e irredutíveis, para comprometer a unidade nacional, hoje mais necessária do que nunca em face dos perigos que nos ameaçam e das dificuldades em que o Mundo se debate.

A posição do Presidente dos Estados-Unidos

Por fim, e principalmente, é preciso que o chefe do Governo americano não se dirija para uma conferência de alto nível se não forem realizados progressos pelos ministros dos Negócios Estrangeiros.

(Continua na 16.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

Isabel II

assistiu a cavalo
à parada anual
realizada em Londres
em sua honra

LONDRES, 13. — Esta manhã, às 5 e 30, quando os primeiros curiosos começaram a afluír ao centro da cidade a fim de assegurarem bons postos de observação para a cerimónia da revista às tropas que comemora todos os anos, em Junho, o aniversário oficial da rainha da Inglaterra, o céu prometia um dia radioso, de acordo com as previsões meteorológicas.

Foi precisamente o tempo geralmente nublado de Londres que levou os Ingleses a transferirem as celebrações dos aniversários dos seus reis para este mês, em que é raro chover. Nem sempre, porém, assim sucede, como se pôde observar o ano passado, quando a rainha e o príncipe Filipe se mantiveram a cavalo, durante uma hora, passando revista à Guarda, sob um aguaceiro que encharcou o chapéu emplumado da soberana — sorridente, apesar do rosto humido — e o alto gorro de pele de urso do duque.

A rainha saiu do Palácio de Buckingham escoltada por seiscentos guardas a cavalo. As tropas apresentam-se com os seus uniformes de gala — fardas vermelhas, capacetes emplumados, coturnos prateados — e seguem-na, para a cerimónia que se inicia às 10 horas

(Continua na página central)

Pedem isenção

de franquia
para escrever
aos namorados

SAO PAULO, 13. — Oitenta raparigas desta cidade enviaram uma petição ao presidente Kubitschek de Oliveira, solicitando-lhe que autorize a abolição de selos nas cartas trocadas pelos namorados.

«Pedimos-lhe sr. presidente, que inicie mais uma operação de largo alcance: a Operação Amor — com um objectivo a atingir: o altar» — escrevem as raparigas, que se queixam de ter de escolher entre pagar selos e não ter dinheiro nem para o «baton» ou gastarem o dinheiro a embelezar-se e depois não poderem comprar os selos para escreverem aos namorados.

As signatárias sugerem a recolha da cor azul para todos os sobrescritos usados pelos namorados, o que facilitaria a sua identificação, e pedem licença para chamarem ao presidente «o eterno enamorado de D. Sara» — a sua esposa. — (A. N. I.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

As melhores digestões da minha vida...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O excesso de ácido no estômago (hipercloridria), nem sempre indica a presença de uma ulcera: a colecistite e a apendicite crónica podem provocar exagerada produção de ácido. A hipersecreção encontra-se ligada a uma próxima ou distante irritação da mucosa. As glandulas reagem, defendem-se e segregam mais do que o normal. A reacção ácida é a natural do estômago, como a alcalina é a do in-

(Continua na 10.ª página)

A «Pilgrims' route»

(Continuação da página anterior)

sereno, um país que não tem pressa. Dir-se-ia que o tempo parou em algumas regiões desoladas do interior, onde a população se rareia cada vez mais e que se atravessam de um lado a outro sem topar povoado rumoroso, cabana perdida na lonjura, fumo de chaminé, sinal de vida. País tranquilo apenas na aparência. Sob as cinzas de um passado recente, não está ainda completamente extinto o fogo das paixões, que dominaram durante séculos o destino dramático deste povo e a sua fatalidade histórica. E se há povo que tenha o gosto da luta e que tenha recorrido, até, a extremos de violência para afirmar o seu inconformismo e o seu espírito de resistência, esse povo é o irlandês. Se há país que tenha vivido em permanente estado de rebelião até adquirir a liberdade que rida a todos os povos oprimidos, esse país é a Irlanda. Toda a sua História revela esse espírito inconformista e rebelde que vem desde os tempos mais recuados da história dos Gaels, essa raça enigmática que travou um combate sem tréguas contra todas as injustiças e todas as prepotências. Chesterton definiu com evidente ironia o carácter paradoxal desses grandes antepassados dos Irlandeses, «esses homens que Deus criou loucos / porque todas as suas guerras são alegres / e todas as suas canções tristes...».

A Irlanda, porém, realizou-se como país independente, adquiriu há muito a sua emancipação política e a consciência do seu destino. E olha para o futuro serenamente, com a confiança dos países que sabem o que querem e para onde vão, guiada por políticos que temperaram a sua alma no cadinho do sofrimento e adquiriram a sua experiência na luta e no sacrifício. Nota-se, no entanto, na fisionomia deste povo, que tem como nenhum outro o gosto da liberdade, uma espécie de cansaço ou de aparente indiferença perante a vida, que não é outra coisa senão o vazio que deixam na alma dos povos como dos indivíduos as grandes esperanças que se realizaram. Um país que saiu há pouco da clandestinidade e que guarda ainda, porventura, a nostalgia romântica da guerrilha, uma saudade permanente da aventura e da sociedade secreta, dos dias intranquitos em que lutou com um heroísmo sereno e obstinado pela conquista das liberdades políticas e religiosas que durante tantos séculos teimosamente lhe foram recusadas.

Não podemos ter a pretensão de ficar a conhecer um país que se visita com a rapidez de um relâmpago, no voç inaugural de uma carreira de aviação, entre duas escalas apressadas, embora hospitaleiras, que nos impõem um programa sobrecarregado de recepções, de banquetes, de «speeches» protocolares e de visitas inúteis, em prejuízo de contactos sociais e humanos, de observações flagrantes e de frequentações oportunas que nos teriam sido muito mais proveitosas. (Com vista aos organizadores de futuros programas de voos inaugurais ou de acontecimentos semelhantes).

A Irlanda, porém, é um destes países que não guardam hoje segredos para ninguém. Talvez porque teve absoluta necessidade de os guardar durante tanto tempo para defender a sua própria existência. Quem quiser conhecer o drama da sua História não tem mais do que deambular um pouco pelas ruas de Dublin, visitar as suas catedrais, os seus monumentos, ler as inscrições

das suas estátuas, contemplar os plintos de onde foram apeadas as figuras que neles se erguiam e que constituíam com a sua presença uma afronta permanente ao sentimento nacional; atardar-se numa manhã luminosa de Junho, que derama como uma bênção os ratos benfazejos e tímidos do astro-rei sobre um país que está mais habituado ao cariz cinzento dos dias pluviosos do que às claridades solares, pelas áreas ensombradas dos jardins, onde em cada recanto se ergue, num fundo verde de cedros e sobre um plinto coroado de rosas, um vulto discreto de mármore ou de bronze que nos fala das lutas do passado e das inquietações do presente. Aprende-se história nos jardins encantados de Dublin, que tem o gosto dos parques, das zonas verdes e arborizadas onde a população se refugia nos dias de sol para respirar a plenos pulmões. Em St. Stephen's Green, a nossa curiosidade é atraída para o busto gentil de Thomas Kettle, o poeta que morreu, não pela bandeira, nem pelo rei, nem pelo imperador, mas por um sonho, na defesa de princípios eternos e de esperanças humildes. Nesta ilha de heróis e de santos, outros poetas morreram pelo mesmo sonho. O Phoenix Park guarda ainda a recordação dolorosa dos patriotas fuzilados durante os acontecimentos que ocorreram nos dias sangrentos da «Easter Week» (a semana da Páscoa) de 1916. Cabeças a prêmio, greves da fome, como a desse admirável «lord mayor» de Cork cuja agonia durou 73 dias; quartéis incendiados, roubos, emboscadas, assaltos, assassinios, cenas de extrema violência assinalaram esse período agudo da crise irlandesa, de luta incruenta pela conquista da independência e das próprias lutas fratricidas.

Está ainda na memória de todos a revolta dos voluntários que partiam para a frente de batalha em França cantando «It's a long way to Tipperary» e que não se propunham servir «nem o rei, nem o kaiser, mas a Irlanda». Foram eles que proclamaram a efêmera República irlandesa, a breve trecho afogada em sangue. Não tardou, porém, que a vitória dos fuzilados fosse completa. Os seus ideais acabaram por triunfar e a Irlanda, depois de ter passado por diferentes estádios políticos, adquiriu finalmente a independência, cortando todos os laços constitucionais que a prendiam à Inglaterra. A luta cessou, embora a Irlanda continue com um espinho cravado no coração — a separação dos seis condados do Norte.

O combate pelo futuro começa agora. E em cada dia que passa se afirma com mais confiança e com mais probabilidades de êxito, mau grado as dificuldades que tem de vencer. A Irlanda, porém, está habituada a lutar — e não desanima facilmente.

Todas estas recordações nos acordam em tropel a memória ao visitar agora pela primeira vez a Irlanda — o país suave e amável que nos acolheu com tanta simpatia. Reservamos para outro artigo algumas impressões rápidas do pouco que nos foi dado ver, com o desejo que nos ficou de voltar para admirar todos os motivos de encantamento que a Irlanda oferece ao visitante.

NORBERTO LOPES

Exercícios navais luso-franceses nos dias 18, 19 e 20

Uma força naval da Marinha de Guerra, vai navegar no Atlântico nos dias 18, 19 e 20, a fim de participar em exercícios combinados com a esquadra ligeira francesa nos quais participarão forças aéreas dos dois países, no prosseguimento da colaboração militar entre nações do Pacto do Atlântico Norte.

A esquadra portuguesa, que navegara sob o comando do senhor comodoro Paulo Viana, é formada pelas seguintes unidades: fragata «Pero Escobar», navio-chefe, no qual será içado o distintivo do comandante da Força Naval do continente; os contratorpedeiros «Vouga» e «Lima»; patrulhas «Santo António» e «Santa Luzia»; e os submarinos «Narval» e «Neptuno».

Por sua vez, a formação francesa, do comando do sr. vice-almirante Douguet, é formada pelos contratorpedeiros «Guichen», «Casbianca», «Jaureguerry» e «Suarcouf», e, ainda pelos submarinos «Marsouin» e «Narval».

O exercício que se denomina «Tajex», tem por finalidade a prática da luta anti-submarina e desenvolver-se-á a partir da madrugada de 18 para 19 depois do encontro das duas esquadras, que se deve verificar por alturas do cabo de Sines, assumindo então, o comando superior das operações, o vice-almirante Douguet.

Concluído o exercício a esquadra francesa navegara para o Tejo, onde chega no dia 20.

Dois novos capitães-de-mar-e-guerra

Foram promovidos ao posto de capitães-de-mar-e-guerra os srs. capitães-de-fragata Jerónimo Henriques Jorge e António Morgado Belo.

O primeiro, que entrou para a Marinha em 1 de Outubro de 1923, tem-se desempenhado das mais variadas missões, das quais salientamos as de professor dos cursos do Estado-Maior do Exército e vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, tendo ascendido recentemente ao cargo de presidente.

Por sua vez, o sr. comandante Morgado Belo que se alistou na Armada em 3 de Novembro de 1924, tem prestado relevantes serviços. Nos últimos 12 anos, desempenhou o cargo de chefe do Estado-Maior da extinta Força Naval da Metrópole, cotando-se como o mais estreito colaborador do sr. almirante Nuno de Brion.

Os dois novos capitães-de-mar-e-guerra, contam numerosos louvores nas suas folhas de serviços e possuem condecorações nacionais e estrangeiras.

Prefera

Brandy HUTCHESON

Medalha de Ouro 1955

DEPOSITÁRIOS:

T. VILARINHOS, Lda

Rua do Bonferrado, 145 a 151-B

TELEFONE: 863399

LISBOA-2

TERMAS DE MONFORTINHO

Especialmente destinadas ao tratamento de afecções hepáticas - ginecológicas e doenças de pele e dos climas quentes

Abertas todo o Verão e até 30 de Novembro

HOSPEDE-SE NO

HOTEL FONTE SANTA - Telef. 4 e 28

As festas dos santos populares

Asilo de Santo António

A Associação Protectora da Infância Santo António de Lisboa (Asilo de Santo António) comemorará, hoje e amanhã, o seu 69.º aniversário. Hoje de manhã, na sua capela, na Avenida Almirante Reis, 38, foram rezadas duas missas: uma às 9 e 30, por todos os fiéis amigos daquela instituição; e a outra, às 11, em honra de Santo António de Lisboa, a grande instrumental e com acompanhamento coral de antigas e actuais educandas, seguindo-se a distribuição do pãozinho de Santo António. Às 21 horas, haverá solene «Te Deum», precedido de sermão, «Tantum Ergo», bênção do Santíssimo Sacramento e hino a Santo António, após o que se fará a distribuição do cravo de Santo António. Amanhã, às 15 e 30, serão inaugurados alguns melhoramentos, visitando várias entidades uma exposição de bordados e outros trabalhos das educandas e as instalações, que estarão patentes ao público.

«Antónios de Portugal»

Comemorando o 15.º aniversário do Grupo Onomástico «Antónios de Portugal», foi hoje distribuído, na sua sede, na Rua dos Anjos, 13, 6.º, esquerdo, um bode a numerosos Antónios pobres.

Festas desta noite

Esta noite haverá bailes; no Ateneu Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santa Antão, com o conjunto «Estrelas da noite»; no Clube Arte e Sport, na Rua Coelho da Rocha, 69, «atelier» n.º 9, com arraiá; no Clube Operário de Futebol, na Calçada do Monte, 70, 1.º; na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santa Antão, com a orquestra «Boémia», iluminações e marchas; na Casa do Algarve, na Rua Capelo; na Casa das Beiras, no Largo de São Domingos, 14, 2.º; na Casa do Minho, na R. Vitor Cor-

don, 14, 2.º, com a orquestra José Barreiros e ornamentações regionais; na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Rua da Misericórdia, 20, 2.º; na Casa da Comarca da Sertã, na Rua da Madalena, 171, 3.º, com a Orquestra Costa d'Ouro; no Lisboa Clube Rio de Janeiro, na Rua da Atalaia, 120, com Bártolo Valença e os «Rapazes do Ritmo», «Os Conquistadores» e o seu vocalista Roberto Gomes; nos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, na Rua Camilo Castelo Branco (à Praça Marquês de Pombal), com o conjunto «Tony Dominguez»; na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, com «Os Coroaes»; e na verbena anexa à sede da Sociedade de Instrução Musical e Escolar Cruz Quebradense, na Rua Sacadura Cabral, 81, na Cruz Quebrada.

Na vila de Amares

AMARES, 13 — (Pelo telefone) — Estão decorrendo, nesta vila, com grande concorrência e muita animação, as festas do concelho e a Santo António que se têm efectuado nos últimos dez anos. Desde a madrugada que, num ambiente festivo, se queimaram foguetes, enquanto as ruas eram percorridas por «gigantes» e cabeçudos.

Está sendo muito concorrida a Feira Franca, tendo-se efectuado um concurso pecuário, com valiosos prémios.

A noite haverá um grande festival folclórico e um arraial minhoto, que se repetirão amanhã, terminando com o lançamento de fogo de artifício.

O «IMPETUOSO»

larga hoje do Tejo

O contratorpedeiro «Impetuoso», da Marinha de Guerra italiana, largará hoje do Tejo, para o porto alemão de Kiel. Aquele vaso de guerra fará escala pelos portos de Bordeus e Anvers.

CASINO

APRESENTA

Peiró Brother's

os melhores malabaristas do Mundo

Jocelyne Jocya

das mais aplaudidas intérpretes da canção francesa e a famosa orquestra

Ray Martino

(Maiores 17 anos)

Ultima exibição do apreciado

RANCHO TÍPICO DE SANTA MARTA DE PORTUZELO

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25\$00

ESTORIL

STUDIO 4

TRAFARIA

Todos os domingos partidas do CAIS DO SODRÉ de hora a hora, das 7.30 às 17.30

A acção cultural do Clube Militar Naval

Reatando uma tradição antiga, a direcção do Clube Militar Naval organizou um ciclo de conferências a efectuar durante o ano corrente, com o objectivo de interessar e estimular os seus associados no estudo e na meditação dos problemas actuais da nossa Marinha. Associação quase centenária, o Clube Militar Naval constituiu sempre um órgão de convívio cultural da oficialidade, por onde passaram os mais ilustres e valerosos oficiais da Armada e onde foram expostos e discutidos, em conferências e palestras, os assuntos de maior interesse e oportunidade para a nossa Marinha. No momento em que parecem divisar-se novas e mais pesadas responsabilidades para a Marinha, afinal tarefas de sempre, por efeito das consultas político-militares mundiais, entendeu a direcção do clube proporcionar aos seus associados a oportunidade de apreciar conjuntamente os grandes problemas sempre existentes em qualquer organismo vivo, certa de que contribuirá para elevar o seu nível cultural e, deste modo, contribuir para que se alcance um dos fins específicos da associação.

Por casual, mas feliz coincidência, esta iniciativa integra-se perfeitamente nas comemorações anuais do «Dia da Marinha», este ano dedicado à glória e honra de dois marinheiros do Clube Militar Naval, que tanto enobreceram a Marinha e o País, com a travessia do Atlântico Sul, há 37 anos: o almirante Gago Coutinho e o comandante Sacadura Cabral.

O ciclo de conferências inicia-se no dia 15, às 21 e 30, com uma exposição do capitão-de-mar-e-guerra Armando de Roboredo, sobre política naval portuguesa. Presidirá a sessão o ministro da Marinha.

Confraternização dos electricistas do Arsenal do Alfeite

Os electricistas do Arsenal do Alfeite reuniram-se hoje, num almoço de confraternização, no Café «Coruja» em Coruche. Durante o almoço, que foi presidido pelo mestre José Coelho Junior, da oficina de electricidade, houve um acto de variedades, animado por exhibições de ranchos folclóricos e por uma sessão de fados, em que participaram, entre outros, Armando Dias, Maria Amélia Proença e Fernando Mauricio.

VIDA MILITAR Convite a alferes de Administração Militar

O 2.º Grupo de Companhias de Administração Militar convidou os alferes milicianos, na disponibilidade, pertencentes àquela unidade, para servir, em comissão militar, na província de Angola.

As declarações, em papel selado, deverão ser enviadas ao 2.º G. C. A. M., até terça-feira.

Nove feridos num desastre de viação perto da Ota

Uma furgoneta, que hoje seguia para Coimbra, com passageiros caiu num valado, à entrada da Ota quando tentava fazer uma curva. No desastre ficaram feridos, além do condutor, sr. Joaquim Martins S. Pedro, de 45 anos, sua mulher, Judite Freitas Dias Martins, de 45, e Alice Dias Martins, de 8 anos, filha de ambos, todos do Alguicão; Manuel Mateus, de 48, jornalista da Calçada do Carrascal, 151 1.º dt., Dominik Abraham Peccone, de 29 anos, cidadão norte-americano, e sua esposa, Elsa Peccone, residentes na Rua José Acurio das Neves, 5, 1.º-esq.; Eric Britten, de 44 anos, subdito britânico, comerciante, e sua esposa, Cristina Britten, de 47, moradores na Rua Lucinda do Carmo, 12, 1.º dt.; e, ainda, um homem de quem apenas se sabe chamar-se Francisco. Foram todos conduzidos ao Hospital de S. José, numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Alenquer, recebendo curativo e regressando a suas casas, excepto o condutor da furgoneta e as sr.ªs de Peccone e de Britten, que foram entrada na sala de observações.

NOVO PROFESSOR da Faculdade de Ciências

COIMBRA, 13. (pelo telefone). — O sr. dr. Manuel Feto Murta, concluiu hoje as provas do concurso para professor extraordinário da Faculdade de Ciências, acto que se realizou na Sala dos Capelos sob a presidência do reitor, sr. prof. dr. Maximino Correia, e com numerosa assistência.

O candidato defendeu a tese que versava «Sobre o caso singular do problema de Cauchy», tendo sido arguentes os srs. profs. drs. Diogo Pacheco de Amorim e Manuel dos Reis.

O juri reuniu-se em seguida, aprovando o candidato por unanimidade.

As galinhas assustadas põem dois ovos por dia

OTAVA, 13. — O «caso» das galinhas assustadas de Abbotsford vai hoje ser apresentado no Parlamento, a pedido do deputado Harold Hicks, que é de opinião de que a Secretaria dos Transportes deverá proceder a compra imediata de quatro propriedades agrícolas, situadas nas vizinhanças do aeroporto de Abbotsford, pois os aviões que ali têm de aterrizar têm assustado as galinhas e causado aborrecimentos aos proprietários.

As galinhas sentem-se de tal forma afectadas pelos ruídos dos aparelhos que chegam a pôr dois ovos por dia. — (A. N. L.)

Abandonados na estrada após chocarem com uma camioneta

José Casimiro, de 28 anos, e seu irmão Manuel Rodrigues Cartaxo, de 27, ambos residentes em Coruche, seguiam esta madrugada, pelas 2 e 30, em motocicleta guiada pelo primeiro, quando, próximo de Vila Franca de Xira, chocaram com uma camioneta que, com um único farol aceso e nos máximos, os encandeou. A camioneta, após o desastre, pôs-se em fuga, abandonando os feridos na estrada, os quais foram socorridos pelo empresário teatral Vasco Morgado, que numa furgoneta seguia para Monte Real e voltou atrás para os conduzir ao Hospital de S. José, onde os feridos ficaram ambos em estado grave. A P. V. T. deslocou várias brigadas na busca da camioneta.

Em ALMADA, na Tab. ARCADE, encontra-se à venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

Galerias para peões em vários pontos da cidade

A Camara Municipal vai construir galerias destinadas à passagem de peões nas Picoas, Saldanha, Campo Pequeno e Sete Rios. Aberto já o concurso para a adjudicação das respectivas empreitadas, foi marcada para o próximo dia 26, às 10 horas, a abertura das propostas, que se verificará na 2.ª Repartição da D. S. F., na Rua Gomes Freire. A base do concurso é de 2.694.184\$80. O prazo fixado para a execução desta empreitada é de 120 dias, a contar da data da consignação, para o que os trabalhos terão de ser executados por turnos e durante a noite.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. Augusto Gomes Pinheiro, director do Centro Escolar n.º 36 da Mocidade Portuguesa e do Colégio Manuel Bernardes, recebemos um officio, agradecendo o relevo que o «Diário de Lisboa» deu á reportagem do festival de encerramento das suas actividades e da abertura da Exposição de Pintura Infantil.

—Do engenheiro Maurício Vieira de Brito, presidente do conselho de administração da Fundação Mário da Cunha Brito, recebemos uma expressiva carta de agradecimento pela desenvolvida reportagem que o nosso jornal publicou, sobre a inauguração da referida instituição de utilidade pública local e de outros melhoramentos na freguesia de S. Pedro de Alva, no concelho de Penacova.

—Na assembleia geral do Grupo Onomástico «Antónios de Portugal», foi aprovado um voto de louvor ao «Diário de Lisboa», pelo relevo dado ao noticiário sobre a sua actividade.

Uma das melhores viagens de 1959

e que está despertando muito interesse é a excursão que pela primeira vez se anuncia no nosso País, para se assistir às grandiosas festas a «SAN FERMIN» (Féria del Toro), em Pamplona, Estas Fiestas gozam de grande renome internacional, quer pela beleza de que se revestem, quer pela eufórica alegria que transmitem aos visitantes, empolgando toda a gente.

Do seu itinerário, além das visitas a Salamanca, S. Sebastian, Biarritz e Lourdes, desfrutará o inedito percurso pirenaico para se visitar a velha ANDORRA e regressar-se por Barcelona, Saragoça, Madrid e Badajoz.

Programas, informações e inscrições no

TURISMO «SANTA MARIA» organização turística genuinamente portuguesa — Rua do Ouro, 292 (Telf. 21905 e 28686) — LISBOA

Tágide

APRESENTA

Um dos grandes nomes do «Music-Hall» francês

JACK GAUTHIER

Últimas apresentações da grande atracção internacional

KARINE and MICHEL

Dia 15

De passagem, de novo na Tágide e no Palm Beach, uma das grandes atracções do famoso «show» do Carnaval

THE MODERN JAZZ DANCERS

A atracção que ED. SULLIVAN contratou na Tágide por 90 contos por cada actuação na TV Americana!

(Maiores de 17. anos)

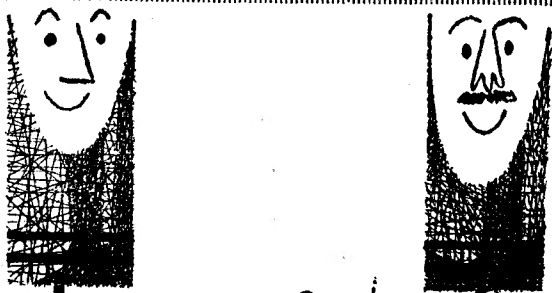
PALM BEACH

BREVEMENTE

Inauguração do
Restaurante-«Boite»
CONCHA
PISCINA DA PRAIA DAS MAÇAS

Cafiaspirina

CONTRA DORES MAL-ESTAR ABATIMENTO

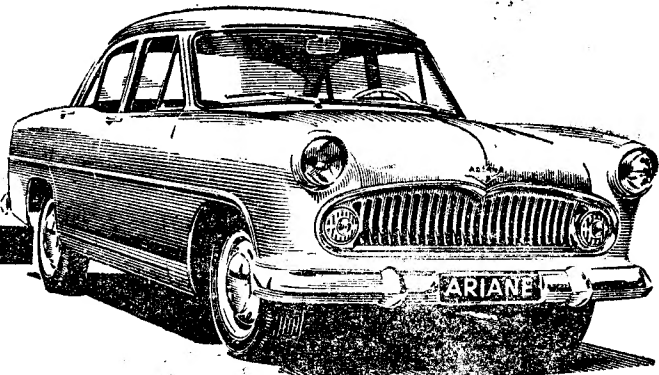


Para as grandes famílias viajarem com conforto, economia e segurança. O Simca Ariane quatro cilindros que consome menos de dez litros aos cem quilómetros.

SIMCA PORTUGUESA
PRAÇA DE LONDRES, 7
AV. DA LIBERDADE, 113

Ariane

4



TEATROS E CINEMAS

O público exige!
MAIS UMA SEMANA
• 17.ª •

no teatro MONUMENTAL
Vasco Morgado apresenta
Eles, Elas e os meninos
uma comédia de André Roussin
com Irene Isidro Benamor e Paula
FRONTE DUM GRANDE ELENCO

Hoje à noite às 21 e 45 horas
Assistem ao espectáculo às 25
NOIVAS DE SANTO ANTÓNIO.
Brilhante iniciativa do
Jornal «Diário Popular»

Bons lugares desde 5\$00
Amanhã, espectáculo à tarde
às 16 horas

O UNICO TEATRO COM
AR-CONDICIONADO
ADULTOS — Maiores 17 anos

LUSO
T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
(Adultos, maiores de 17 anos)
Hoje (até de madrugada) cantam:
Aurora Sobral —
Joaquim Geraudes —
Maria A. Proença —
Reinato de Oliveira — Julieta Reis e o «as» da Boa Disposição,
João Viana «Vianinhas». Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.

AMANHÃ: Grandiosa «Matinée»

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotei
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Atrás do reposteiro

De acordo com a empresa do Coliseu, os empresários Vasco Morgado e Giuseppe Bastos vão apresentar, naquela casa de espectáculos, a companhia de revistas que devia actuar na época de Verão no Teatro Variedades. Está prevista a sua apresentação, com estreia de uma nova revista, para a segunda quinzena do mês de Julho próximo, começando brevemente os ensaios.

—A companhia do Variedades, que está no Porto, conclui os seus espectáculos no Teatro Sá da Bandeira na próxima semana.

—Só em fins do corrente mês deve estrear-se, no Teatro Avenida, a companhia italiana de revistas e fantasias Cantarelli.

—Uma das nossas empresas está interessada em contratar a vedeta brasileira Rose Randall.

—O actor Alexandre Vieira, que na época de Inverno fez parte da companhia do Teatro Avenida, está incluído no elenco da companhia de que fazem parte os artistas Brunilde Judice e Alves da Costa.

—As três principais figuras femininas da peça «Guerra fria», em ensaios no Teatro D. Maria II, vão ser interpretadas por Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço e Aura Abranches.

—Está a actuar nas Caldas da Rainha o Grande Circo Mariano, que anda em digressão pela província.

—No Capitólio, estão a decorrer os ensaios de coreografia de uma nova companhia de revistas, devendo depois de amanhã começarem os ensaios do poema, com todos os artistas do poema, de desempenhar.

—Está a funcionar em Matosinhos o Circo Luftman.

No D. Maria II

ensaia-se «Guerra fria»

Enquanto se representa «O processo de Jesus», estão a ultimar-se os trabalhos de montagem da comédia de Francisco Mata, «Guerra fria», que o D. Maria II apresentará, em estreia, dentro de dias. Comédia fulgurante de ironia, em que o autor como que transporta para o teatro, uma vez mais, o brilho inconfundível de cronista implacável da sociedade contemporânea.

«Guerra fria» está a ser encenada pela eminente actriz Palmira Bastos, que também interpreta o principal papel feminino. Há dois anos que a peça fora aceite pela empresa

do D. Maria II, tendo mesmo chegado a estar em ensaios, que tiveram de ser interrompidos por motivo de doença de Palmira Bastos, ao lado da qual intervirão, agora, Amélia Rey Colaço, Aura Abranches, Luz Veloso, Gina Santos, Helena Félix, Meniche Lopes, Laura Fernandes, Cristina Pavão, Erico Braga, Paiva Raposo, Pedro Lemos, Manuel Correia e José Cardoso.

«O 7.º Mandamento»

No Eden

Roubar ou não roubar é o dilema deste filme. E afinal, como todos os dilemas tão retundantes como este, a solução não é clara. Se roubar tem os seus inconvenientes não roubar também os tem porque neste caso é-se roubado e isso é mais lamentável. «O 7.º Mandamento» tem uma grande actualidade e Jacques Companiel (argumentista) e Raymond Bernard (realizador) enfrentaram-no com um sorriso todo francês. Também há bons ladrões e roubos úteis diz-nos este filme valioso e encantador que mereceria mais público para a estreia. E não apenas ladrões bons mas ladrões elegantes e irresistíveis.

Edwige Fenech, actriz do palco, vestida por Balmain, revela-se mais poderosa que Arsene Lupin. Princesa russa de um encanto parisiense, chefia uma quadrilha de ladrões «civilizados». Polidamente, gentilmente, o roubo é cometido, sem que isso abale o Mundo sem

alarme a Polícia. Poderemos perguntar se a plateia não converteu em heroína esta admirável Nadia e não deseja que os seus planos se realizem completamente. Por fim, Nadia retira-se em triunfo.

A seu lado, num papel curioso, Jacques Dumesnil excelente actor. Maurice Teynac e Jacques Mosel são dois divertidos ladrões.

Entre os documentários uma estética curta metragem de António Lopes Ribeiro, intitulada «Nazare» e interpretada pelo «Verde Galo».

— Visor 70.

«O Dilúvio do Medo»

em exibição no São Jorge

O publico tem, esta semana, na ampla sala refrigerada do Cinema São Jorge, um filme de extraordinário vigor dramático — «O dilúvio do medo» com o americano Howard Keel e a gentil inglesa Anne Heywood nos protagonistas.

O assunto serve de tema a «O dilúvio do medo» é forte e vigoroso. Quando os elementos da natureza se desencadeiam em furia tempestuosa, os diques rebentam e os rios transbordam ameaçando afogar as pessoas e as almas, um presidiário consegue furtar-se ao cativo. Mas, ao reconquistar a liberdade, ele tem oportunidade de salvar uma rapariga bloqueada pelas águas e, mais tarde, de a libertar das intenções de um repulso companheiro de prisão. Ela não tarda a amar esse condenado, embora se sinta possuída do mais vivo horror ao saber que ama um assassino. Porém, esse homem estranho, não obstante acabar por se mostrar sensível aos encantos da assustada jovem, está mais interessado em aproveitar a sua inesperada liberdade para dar realidade ao projecto acalentado em seis anos de ódio torturante: enfrentar o homem que o atirou para o cárcere, fazendo-o condenar por um crime que não cometera.

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
TODAS AS NOITES, AS 21 E 45 (12 ANOS)
O MAIOR EXITO DA TEMPORADA
O PROCESSO DE JESUS
A PREÇOS REDUZIDOS
Amanhã não há espectáculo para a companhia, a convite da Junta de Turismo da Costa do Sol, apresenta esta peça na cerca da Escola Salesiana do Estoril.

Restaurante Saloio
Filha da Ti Jaquina
TODOS OS DOMINGOS
ALMOÇOS COM FOLCLORE
DANÇAS E BAILE
OPTIMA COMIDA
(Maiores de 12 anos)
CARRICHE
OLIVAL DE BASTO
a 500 metros do Autocarro
Telefone 91682

Reposições

«O Fantasma da Córsega», no Avis

O Avis permite-nos voltar a ver num filme bem característico, Douglas Fairbanks Junior que, depois do pai, foi o mais brilhante espadachim do cinema, ambos sem sucessor no entusiasmo e na maestria que punham nos duelos e nos saltos elásticos. Vale a pena ver o actor magnifico, fantasma da tela, em «O fantasma da Córsega», e recordar os tempos heroicos do branco e negro e um tão representativo pioneiro dos seus filmes vibrantes, sem o teatro estático dos de hoje, mais cinema, enfim. — Visor 70.

NOVA CARREIRA

de camionetas de passageiros

Foi concedida á Empresa de Camionetas Boa Viagem Lda., com sede em Bucelas, autorização para exploração de uma carreira regular de passageiros, entre Sacavém-Estação e Moscavide-Apeadeiro.

«Guerreiros Impecáveis»



Botas bem engraxadas, botões a brilhar, barba bem feita, bom porte, apresentação impecável, tudo isto tem uma importância primordial na vida militar, não só em tempo de paz, mas também durante a batalha, pois um soldado que tem orgulho em si e no melhor soldado. Até na guerra de 1914-18, nas trincheiras, os soldados ingleses tiveram a fama de levantar-se mais cedo para barbear-se antes de atacar ao levantar o Sol. Todos os soldados ingleses que tomam parte no «Tattoo» usam a lâmina inglesa «SWORD» e a gravura ao lado mostra dois soldados britânicos a barbear-se com esta lâmina, no Quartel da Ajuda, antes de se apresentarem no «Tattoo». Esta nova lâmina — que dá até 2 meses de barbas — está agora a ser vendida em Portugal e como parte das actividades da Feira Britânica. Lâminas «SWORD» foram oferecidas também a todo o contingente da Guarda Nacional Republicana que toma parte no «Tattoo» de maneira que o publico, quando vê todos estes belissimos soldados, possa saber: que estão todos barbeados com a lâmina «SWORD».

HOJE EM LISBOA NÃO SE FALA NOUTRA COISA
A NOTAVEL E TRIUNFAL ATRACÇÃO EXCÊNTRICA
TRIO RUDDY and RODDY
NUM NOVO ESTILO DE BAILADOS
OS DOIS FAMOSOS CÉREBROS «SUPER-SÓNICOS»
GULMAR y ANA ELSA
MEIA HORA DE MISTÉRIO E DE «SUSPENSE»

KITZ CLUB
EMPRESA KITZ CLUB
ADULTOS Maiores de 17 anos
Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

EM EXITO TOTAL
CINCO BRIZAS DE ESPANHA
No SALÃO TÍPICO: CEIAS com FADOS e GUITARRADAS
NA PRÓXIMA SEMANA:
6 ESTREIAS DE FAMA MUNDIAL
GRANDE ACONTECIMENTO

MAIS UM GRANDE TRIUNFO POPULAR
NO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp. «E. Salvador e R. Martins, Lda.»
As 21 e 23 horas
(ADULTOS — M/ de 17 anos)

COM A FORMIDÁVEL REVISTA POPULAR DE
SALVADOR ARRAIAL DE LISBOA
Barroso Lopes

COM
ANTÓNIO SILVA HUMBERTO MADEIRA DEOLINDA RODRIGUES E DYR LOPES
AMANHÃ
Mimi Gaspar
ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 HORAS

SÓ MAIS 2 DIAS TATTOO

Festival Militar
Luso-Britânico
no Estádio do Restelo

ÀS 22.30 HORAS

PROGRAMA INCLUINDO:
EXERCÍCIOS DE GINÁSTICA POR CAMPEÕES OLÍMPICOS

TRADICIONAL CERIMÓNIA DO RENDER DA GUARDA REAL

CARROCEL MOTO, PELA G. N. R. ETC., ETC.

**BILHETES À VENDA
DE 10\$00 A 50\$00
NO ROSSIO, 38
(ANTIGO CAFÉ CHAVE DE OURO)**

Diariamente das 12.30 às 19 horas e no Restelo a partir das 21 horas, incluindo bilhetes de peões a Esc. 5\$00

ESPECTÁCULOS PARA MAIORES DE 12 ANOS
HOJE, DIA 13, PARA MAIORES DE 6 ANOS



PARA MAIORES DE 17 ANOS

AS 20 e 30 **ABC** AS 22 e 45

EMP. TEATRAL ABC, LDA. — T. 366745

AMANHÃ, ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

JOSÉ MIGUEL APRESENTA

LEÔNIA MENDES • AIDA BAPTISTA • JOSÉ VIANA • RAUL SOLNADO
• CARLOS COELHO • MARIA DE FÁTIMA BRAVO • MAX • YOLA & PAULO

e as atrações internacionais BERTA LORAN e LINA BELMONTE
NA SENSACIONAL REVISTA DE GARGALHADA

Mulheres à vista!

A "BOITE"
ONDE LISBOA
NUNCA FALTA
Passapogo
TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
ADULTOS M/ DE 17 ANOS

3 ÉXITOS DE LOUCO ENTUSIASMO 3

O CONJUNTO GREGO DE JUSTA FAMA MUNDIAL:

BALLET NIKOLSON

EM MARAVILHOSAS DANÇAS FOLCLÓRICAS

A TRIUNFAL RARIDADE EM BAILE ESPANHOL

TRIO LA CAVA

A ESCULPTURAL VEGETA VENUS RUBIA EM CRIAÇÕES FRIVOLAS

Baile por ESTEVAO e sua orquestra com Manuel Serrano

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
TEL. 27171

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Um filme de Walt Disney

SEGREDOS DA VIDA

EDEN
TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.45
(M/17 anos)
Uma grande comédia para rir

O 7.º MANDAMENTO
NÃO ROUBARÁS —
SO SE NÃO PUDES
com Edwige Fenech
A história de uma linda mulher, associada a dois vigaristas... que acabam por ser vigarizados.

ALVALADE
Telefone 63080

15.15 (p. r.) e 21.45
(M/17 anos)
Cinemascope

A TERRA DOS HOMENS MAUS

A história empolgante de Cole Younger, «O pistoleiro»
com Frank Lovejoy

ODEON
Telefone 26283

15.15 - 18.15
e 21.30 (M/17 anos)
Um filme louco e disparatado

O AMIGO DA FAMÍLIA
com Darryl Cowi e Annette Poivre

ROYAL
TEL. 845037

As 21 (M/17 anos)
Eastmancolor
UM AMOR QUE NÃO MORREU
com Arturo de Cordova

RESTELO
Telefone 610375

21.15 (M/17 anos)
Cinemascope
UM SOLTEIRO EM PARIS
com Tony Curtis e Janet Leigh

PAVILHÃO PORTUGUÊS
(Parque Mayer)

21.30 (M/12 anos)
SOL NO CORAÇÃO
com Pat Boone

A PENA BRANCA
com Robert Wagner

FIVOLI
TEL. 50595

As 3 e 6.15 da tarde
e 9.30 da noite
(M/12 anos)
Um deslumbrante filme em Cinemascope
Cor de Luxe

CARNAVAL DO AMOR
com Pat Boone e Christine Carere

POLITEAMA
TEL. 26301

15.15 - 18.15 e 21.30
Grandioso êxito!
O filme das mais vibrantes e arriscadas aventuras gloriosas

O REGRESSO DO ROBIN DOS BOSQUES
com Al Hedison e June Laverick
Cinemascope — (M/12 anos)

CONDES
TEL. 22523

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
O sensacional e desopilante filme de ontem e de sempre

GRANDE HOTEL
c/ MARIO MORENO «CANTINFLAS»
A história mais cômica com o cômico mais genial.

AVIS
Tel. 47163

15.30 e 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
O famoso romance de Alexandre Dumas que apaixonou muitas gerações

O FANTASMA DA CORSEGA
com Douglas Fairbanks Jr.

ESPLANADA PORTUGALIA
21.30 (M/12 anos)
Cinemascope
DUELO DE GIGANTES

A ÁRVORE DA FORTUNA

TERRAÇO CAPITÓLIO
Telef. 27493

21.30 (M/17 anos)
Cinemascope col.
A VINDIMA TRÁGICA
com Mel Ferrer

ESTRELA DO DESTINO
com Clark Gable

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)
TERRA BENDITA
com Paul Muni

IMPERIO
Tel. 55134

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)

Um filme violento e fortemente emocionante com Elvis Presley
BALADA SANGRENTA
com Caroline Jones e Walter Matthau
Ar condicionado
Temperatura da sala a 21°

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)

Howard Kell e Anne Heywood em
O DILÚVIO DO MEDO
Sob a avalanche tempestuosa da Natureza o amor rende-se ao ódio.

MONUMENTAL
TEL. 55131

15.15 - 18.15 e 21.30
(M/17 anos)

O TUNEL DO AMOR
Uma alta comédia, romântica e hilariante para fazer rir, cheia de sabor malicioso, com Doris Day e Richard Widmark.

ROMA
Telef. 727778

15.30 - 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)
Uma das obras mais notáveis da cinematografia italiana

POLÍCIA E LADRÃO
com Totó e Fabrizi

CINEMA IDEAL

Às 21 (M/12 anos)

A FLECHA QUEBRADA
A CULPA FOI DO MACACO

TERRAÇO
TEL. 90917

Às 21 (M/16 anos)
O PEQUENO POLEGAR
APURADOS PARA O SERVIÇO
Estíca e Bucha

LIEP
TEL. 48560

Às 21 (M/12 anos)
Technicolor

A ÁRVORE DA VIDA
DROOPY NO CASTELO DOS FANTASMAS

COLISEU

Emp.º Ricardo Covões, Herd.
TELEF. 31997

Para maiores de 12 anos
AMANHÃ, ÀS 21.30

2.º CONCERTO DO

3.º FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL
Sob a direcção do notável maestro

MASSIMO FRECCIA
e com o genial violinista
NATHAN MILSTEIN
Bilhetes à venda—Geral 10\$00

DIA 3.º CONCERTO
19. SINFÓNICO

SANTARÉM

AMANHÃ,
14 DE JUNHO,
pelas 17 horas
(5 da tarde)

DIA DO ENCERRAMENTO DA

GRANDE FEIRA DO RIBATEJO CAVALEIROS:

Manuel Conde

David Ribeiro Teles

José Barahona Nuncio

ESPADAS:

CURRO ROMERO

JOSÉ JÚLIO

Forçados Amadores do Santarém
chefiados por Rhodes Sérgio
Toiros de OLIVEIRAS, IRMAOS
(de Samora Correia)

Bilhetes em Santarém e na Agência A. B. E. P. dos Restauradores
— MAIORES DE 6 ANOS —

RESTAURANTE ALVALADE
Conjunto JORGE MACHADO

Chás Dançantes às Quintas, Sábados e Domingos
MÚSICA ATÉ ÀS 3.30 (Adultos M. de 17 anos)

VOSSA EXCELENCIA

Encontra: café de Balão — uma Pega 6.50
DOÇARIA CASEIRA
no Bar Ribatejo — Praça do Areeiro, 11-D

EM ALGUNS VEZES O «Diário de Lisboa» é vendido por Manuel de Sousa Meiro.

DESPORTOS

O futebol de amanhã

- Cinco jogos particulares
- O «Nacional» da 3.ª Divisão
- Provas da A. F. L.

O primeiro «defeso» do futebol em 1959, vai ser quebrado amanhã por quatro equipas do último «Nacional» da 1.ª Divisão, que aproveitaram convites para a realização de jogos particulares.

Assim, o Belenenses vai de abalada até Olhão, onde defrontará o grupo local. A presença de uma equipa de primeiro plano no Algarve, onde tais visitas não são frequentes, é sempre motivo de especial interesse e esta deslocação dos «azuis» não foge à regra.

O Vitória de Guimarães vai até Aveiro defrontar o Beira Mar. Adivinha-se nos Aveirenses o propósito de experimentarem forças com equipas de plano superior, reflexo do momento de euforia que vivem os dirigentes e simpatizantes do Beira Mar, por motivo da sua entrada na 2.ª Divisão Nacional. O

desafio de amanhã é aguardado com a maior expectativa e deve fornecer espectáculo de agrado.

Gouveia prepara-se para receber festivamente uma embaixada da Associação Académica de Coimbra, que desloca a sua equipa de honra para defrontar um Sporting C. de Gouveia que alinhara todos os seus titulares.

O Torriense desloca-se para perto. Vai a Peniche defrontar o Desportivo local, que ainda recentemente «bateu o pé» ao Benfica. O desafio tem um interesse especial: as duas equipas na próxima época estarão na 2.ª Divisão e o jogo de amanhã serve de pedra de toque...

O Atlético campeão da 2.ª Divisão vai a Montemor-o-Novo. Os locais prolongam a sua actividade e para o efeito escolheram uma equipa capaz de proporcionar um despique agradável.

A 2.ª fase do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão já concluída nas Zonas A, B e D, termina amanhã para os clubes da Zona C.

Estão marcados os encontros: S. L. Olivais-Casa Pia e Leões-Torres Novas, respectivamente, no campo do Olivais e do União Operária, em Santarém (que o dos Leões está interdito).

Em boa verdade só o desafio entre as duas equipas lisboetas se reveste de interesse especial. E' que dele depende apuramento do vencedor da Zona. Diremos que ao Casa Pia basta um empate.

Os jogos, primeiramente, marcados para as 16 horas, realizar-se-ão às 17 horas.

A A. F. L. embora com uma actividade bem mais limitada do que há semanas atrás, continua a dar sinal de vida.

Para amanhã reservou-nos quatro encontros. Teremos, pois:

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — (2.ª fase) — Vialonga-Loures e Linda-a-Velha-U. de Algés, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar — ambos às 16,30 horas.

Taça de Lisboa (1.ª mão da 3.ª eliminatória) — Charneca-E. Amadora e Queluz-Camarate, nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar — ambos às 16 horas.

Várias provas de amanhã

AEROMODELISMO — Prossegue o 7.º Campeonato de Lisboa de Aeromodelismo, disputando-se das 10 às 13 h. e das 15,30 às 19 h., na pista do Voo Circular da Portela.

ATLETISMO — Prossegue o campeonato regional de principiantes, às 15 e 30 h., no estádio «José Alvalade». O programa da 2.ª e última jornada inclui as seguintes provas: 100 metros, 400 metros, 1.500 metros, 2.000 metros obstáculos, 110 metros barreiras, disco, dardo e 4x100 metros. Haverá provas de 400 metros, triplo e disco, a contar para o Torneio de Equipas e uma prova de 100 metros, para senhoras.

AUTOMOBILISMO — Para comemorar o 1.º aniversário a Casa do Pessoal da Uti realiza uma ginca-na, no campo do S. U. Sintrense, às 10 horas.

BASQUETEBOL — Disputa-se a 1.ª «mão» da meia-final (Zona Norte) do campeonato nacional de juniores: F. C. Porto-Olivais, às 10 e 30, na Constituição.

Também, na Constituição, às 9 horas, jogam os «infantis» do F. C. Porto e da Académica (1.ª «mão» da meia-final).

A A. B. L. dá continuidade aos seus campeonatos de juniores e infantis (fase final). Encontros marcados:

Passadigo — Benfica-Belenenses (J.); Benfica-C. Ourique (Inf.) e Casa Pia-Benfica B (J.), a partir das 9 horas; Liberdade — Sporting A-Queluz (J.) e Algés-Queluz (Inf.)

Hoje, à noite

BASQUETEBOL — «Taça de Portugal» (oitavos de final). Em S. Bento, a partir das 21 e 30 horas: Benfica-Oriental e Nacional-Sporting Figueirense.

BILHAR — Na sede da A. L. A. B., às 21 e 30 horas, prossegue o torneio de 1.ª categoria às três tabelas, defrontando-se João Pereira-Jorge Pinto.

HANDEBOL — No recinto da Madre de Deus, às 21 horas, continua o «Regional» da 1.ª Divisão com os encontros Sporting da Penha-Liberdade (Mutela) e Ginásio do Sul-Amoreiras. A's 21 e 30 horas, no ringue de Paço de Arcos o clube local enfrenta o Ateneu da Madre de Deus.

ESGRIMA

«Taça Sousa Carrusca» organizada pelo Campolide A. C.

Organizado pelo Campolide Atlético Clube, realiza-se no dia 18 do corrente, no ginásio daquela agremiação, na Rua Marquês de Fronteira, uma prova de espada, na qual tomam parte atiradores das salas de armas do Centro Nacional de Esgrima, Centro Desportivo Universitário de Lisboa, Centro Militar de Educação Física e Desportos, Campolide A. C., Clube Shell e Centro Desportivo da Casa H. Vaultier. A prova disputa-se com handicap e por eliminação directa.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Benfica e F. C. Porto disputam em Leiria a final do 19.º campeonato

O 19.º Campeonato Nacional de Juniores tem amanhã o seu epílogo, no Estádio Municipal de Leiria, às 17 horas.

Tal como aconteceu há um ano são finalistas o Benfica e o F. C. Porto, que já se haviam defrontado nas finais de 1943-44 e 1950-51.

De todas as vezes os «encarnados» levaram a melhor, fazendo sucessivamente 3-1, 3-1 e 4-1, o que não quer dizer que amanhã venha a acontecer o mesmo.

Sabe-se que a constituição das equipas é muito susceptível de ser alterada de ano para ano e, portanto, a superioridade dos benfiquistas em 1958-59 nada pode significar, a não ser que servirá de incentivo para os portistas se empregarem mais a fundo, no desejo compreensível de alcançarem uma desforra. Por outro lado, mal irá o Benfica se descer ao terreno com excessiva confiança.

O prognóstico é, portanto, difícil. Os «portistas» mostraram-se equipas algo irregulares, ainda que tenham correspondido da melhor maneira nos jogos decisivos. Os benfiquistas, por seu turno, denunciaram certo abateamento na 2.ª volta da 2.ª fase.

Pressentimos que o desafio se revestirá de maior equilíbrio do que há um ano e a luta se revestirá do maior agrado pela disposição que as duas equipas revelam para a competição.

GINÁSTICA

Festival do C. A. Alvalade amanhã, à tarde no Pavilhão dos Desportos

Uma das mais progressivas, e de trabalho mais criteriosamente orientado, colectividades portuguesas de educação física, o Clube Atlético de Alvalade, promove amanhã, às 15 horas, no Pavilhão dos Desportos, um festival de ginástica, no qual serão apresentadas as seguintes classes: infantil, mista, dos 3 aos 4 anos; infantil, mista, dos 5 aos 6; B, de meninas, dos 9 aos 12; C, mista, dos 5 aos 7; B, mista, dos 7 aos 8; rapazes, B, dos 9 aos 11; meninas dos 9 aos 11; mista-A, dos 7 aos 8; rapazes, dos 12 aos 14; rapazes, A, dos 9 aos 11; senhorinhas; de saltos no tapete; e de bailado clássico.

São professores das diversas turmas, as sr.ªs D. Antónia Mariano e D. Elsa Mastbaum e os srs. João Gonçalves Mariano, Fernando Ferreira Chaves e Valdemar Lucas. No total, exibir-se-ão 12 classes de ginástica e uma de «ballet».



O nosso futebol anda a fazer «passeios turísticos» enquanto o Zé espera pelo final da «Taça»...

O «Regional» de handebol de sete

O despique Benfica-Almada não correspondeu à expectativa

No ringue de Campo de Ourique efectuaram-se à noite mais três encontros do «Regional» de handebol de sete apurando-se os resultados:

Técnico, 17-Oriental, 10 (8-2 ao intervalo); Belenenses, 23-Glória, 11 (8-7); Almada, 16-Benfica, 11 (8-6). No primeiro jogo, a estruturada e habilidosa equipa dos estudantes de

engenharia, sem forçar a nota, ganhou muito bem, devendo salientar-se os 6 pontos de Marinho, um elemento que está a dar nas vistas como rematador. Contra a força do adversário o Oriental lutou apenas animosamente.

O encontro Belenenses-Glória caracterizou-se por uma primeira parte equilibrada, para nos últimos 30 minutos os «azuis», imprimindo maior andamento, ganharem por vantagem confortável. Arlindo foi a figura dominante do conjunto belenense com os seus oito golos marcados. O Glória, equipa sempre voluntariosa, só na segunda parte cedeu ante um adversário que se mostrou superior.

O jogo Benfica-Almada, prato forte da sessão, não correspondeu à expectativa. O Benfica, como vai sendo hábito, começou em bom plano, movimentando-se bem, quer à defesa, quer ao ataque, mantendo-se à frente da marcação até ao quarto de hora, altura em que venceu por 4-3. Depois os rematadores do Almada — César e Hermínio — começaram a impor a sua lei e ao intervalo os «encarnados» já estavam na mó de baixo. No 2.º tempo o Benfica, especialmente no bloco defensivo, cedeu ainda mais e o Almada acabou por ganhar com mais facilidade um encontro que se antevia equilibrado.

De salientar o facto de Plácido — o grande rematador dos «encarnados» — apenas ter marcado um tento. Com mais esta derrota, o Benfica vê seriamente comprometidas as suas aspirações ao título.

Carlos Dinis dirigiu este encontro com autoridade e saber.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Almada	5	5	—	—	87-51	15
Técnico	5	4	—	1	86-51	13
Sporting ...	4	4	—	—	84-35	12
Belenenses...	4	2	1	1	58-46	9
Benfica	5	2	—	3	68-59	9
Oriental	5	—	1	4	48-77	6
Glória	4	—	4	4	38-59	4
M. Pedral...	4	—	4	4	27-98	4

HÓQUEI EM PATINS

A selecção de Luanda perdeu em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 13 — Num encontro de hóquei em patins, disputado ontem à noite no Estádio de Malhangalene, o Clube Malhangalene de Lourenço Marques derrotou a selecção de Luanda por 8-3.

O Estádio voltou a registar uma lotação esgotada, vibrando a assistência com o desenrolar do encontro disputado sempre com a máxima correcção.

As equipas alinharam: selecção de Luanda: Fonseca, Lopes, Cruzeiro, Flores e Assunção; Clube de Malhangalene: Adriano, Gemelco, Adrião, Tomás da Rocha e Gouveia.

Ao intervalo, os Moçambicanos venceram por 4-1. Adrião e Cruzeiro foram as pedras basulares dos dois grupos, embora Cruzeiro tivesse demonstrado por vezes falta de preparação física ou cansaço. — (L.)

(Continua na página seguinte)

Mosaico internacional

Segundo notícia a imprensa estrangeira da especialidade, o torneio denominado «Pequena Taça do Mundo», realizar-se-á em Caracas (Venezuela), de 24 de Junho a 15 de Julho, e terá como participantes os seguintes clubes: Vasco da Gama, Milão, Rapid de Viena, Atlético de Bilbao ou Real Madrid, Racing de Paris e... Benfica. Seria, na verdade, um lote excepcional se os Venezuelanos conseguissem reunir todos estes «teams» na sua capital. Pomos, todavia, as nossas dúvidas, pelo menos quanto ao Benfica, devido aos lamentáveis sinais de desarticulação observados nas competições oficiais do futebol português. Observe-se que em 28 se joga o Portugal-Alemanha e que o Benfica tem seis elementos seleccionados.

* * *

Uma surpresa no futebol húngaro. Bukovi, há doze anos treinador do M. T. K., clube que conserva todas as «chances» de ser campeão nacional, declarou que findo o prazo do seu actual contrato, não o renovará. Parece seu propósito abalar para o estrangeiro...

O lugar de Bukovi será ocupado pelo famoso Hidegkuti, um dos homens de mais nomeada do futebol magiar e que fez parte do célebre «team» do Honved. Note-se que Bukovi é, presentemente, treinador-adjunto do M. T. K.

* * *

A importância que o futebol atingiu, em todas as latitudes, mesmo na Rússia, leva infalivelmente à sua autonomia. Esboça-se esse movimento no Brasil, onde ele ainda está afecto à C. B. D. e acaba de se verificar na Rússia, onde foi recentemente criada a Federação de Futebol. Este desporto deixou de estar directamente dependente do Instituto de Cultura e Desportos. A sede do novo organismo dirigente do futebol russo será em Moscovo.

* * *

Os clubes mais importantes de Paris, Racing e Red Star, estão dispostos a fazer um grande esforço para se elevarem ao mais alto nível do futebol «tricolor».

No Racing, a acção é orientada pelo conhecido técnico Pierre Pebarot, esperando-se algumas aquisições. Para formar novos elementos, o Racing serviu-se do C. A. P., onde um adjunto de Pebarot preparará os jovens racinguistas.

Quanto ao Red Star, é o nosso conhecido Simony que está a orientar a sua actividade. Os dirigentes do Red Star mostram-se na firme disposição de formar uma grande equipa e o seu presidente declarou: «Será na próxima época ou nunca!» Segundo consta, o clube gastará até 100 milhões de francos para reforçar o seu «team», figurando entre os recrutados o antigo «internacional» Bonifaci, presentemente no Torino.

DESSPORTOS

Várias provas de amanhã
(Continuação da página anterior)

quilómetros cada é destina-se a populares.

DESP. CORPORATIVO — A F. N. A. T. faz prosseguir o seu campeonato de handebol de sete, jogando no campo da Escola «Nuno Gonçalves», a partir das 9 horas: F. Rego-Jo-S. C. Cervejas, C. Europeia-Rob-bialac e M. Olai-A. Identificação.

A contar para o campeonato de handebol de sete, jogam, em Belém, às 9 h., as equipas do Cinema Condes e da Celcat.

HANDEBOL DE SETE — Continua o torneio de 2.ª categorias, da Divisão de Honra. No campo da A. E. I. S. Técnico jogam, a partir das 9 h.: Técnico-M. Pedral, Belenenses-Benfica e Oriental-Sporting.

HÓQUEI EM PATINS — Prossegue o campeonato regional de hóquei em patins, de principiantes, com os encontros Paço de Arcos-Benfica, C. Ourique-Sintra, Algés-L. Francês e Cascalheira-Azeitonense — nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar.

Começa o campeonato nacional da 2.ª Divisão, jogando o Desportivo de Beja contra o Belenenses.

NATAÇÃO — Dentro das comemorações do seu 44.º aniversário, o Sport Algés e Dafundo faz disputar de manhã, algumas provas inter-só-cios.

RAGUEBI — Está prevista a realização da 2.ª «mão» da meia-final da «Taça de Portugal», entre o Belenenses e o Internacional, sem que, no entanto, tenha sido recebida da F. P. R. indicação do local e horas do encontro.

TÊNIS — Prosseguem os Campeonatos da Costa do Sol, estando pendente dos resultados de hoje a marcação dos encontros.

TIRO AOS PRATOS — No campo de tiro «José Hipólito» em Torres Vedras, realiza-se um torneio, que inclui três provas, a partir das 10 horas.

VELA — Na baía de Cascais, às 11 h. e às 15 e 30 h. disputam-se mais duas regatas de «stars», a contar para as eliminatórias dos Campeonatos do Mundo, e da Europa e do 15.º Distrito.

MOTOCICLISMO

Grande «Rallye»
a Aveiro

Em organização do Moto Clube de Lisboa, realiza-se no próximo dia 21, o grande «Rallye» a Aveiro para motos e «scooters» e que engloba um percurso de regularidade em estrada e uma prova complementar de pericia a disputar na Avenida Lourenço Peixinho daquela cidade.

Para a prova de estrada foram estabelecidas partidas de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, percorrendo todos os concorrentes um itinerário de cerca de 260 quilómetros até Coimbra local onde se fará a junção para depois se prosseguir em percurso comum até Aveiro. Foram instituídos diversos e valiosos prémios para as várias categorias de veículos admitidos consoante as respectivas cilindradas.

O «Rallye», que conta com o patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro, integra-se nos festivais comemorativos do milénário da cidade.

As inscrições podem ser feitas até ao próximo dia 17, na sede do clube: Rua Palmira, 52-1.ª, em Lisboa; na sua delegação do Porto — Rua Pinto Bessa, 248-2.ª, idem em Coimbra, Rua Dr. Manuel Rodrigues, 24, Figueira da Foz — Garage Atlantic; e em Aveiro, J. Casal, Av. Lourenço Peixinho, 243.

O sorteio realiza-se no dia 18 pelas 22 horas.

Em Amares disputa-se um circuito de 70 quilómetros que reúne os melhores ciclistas do Norte do País.

O Troféu Turístico Shell

O produto das entradas no campo de Alverca durante as provas complementares para a disputa do IV Troféu Turístico Clube Shell e destinado à Cruz Vermelha Portuguesa rendeu 11.800\$00, incluindo dois donativos do Automóvel Clube de Portugal e da Sociedade Shell Portuguesa.

LUZ PARA LISBOA

Foram aprovados, pelos serviços respectivos da Câmara Municipal de Lisboa, os projectos de iluminação pública para instalação de candeeiros de consola, nos arruamentos A e B à Alameda das Linhas de Torres, e de betão, equipados com lanternas reflecto-difusoras e lampadas de 200 «watts», no troço final da Rua Filipe de Magalhães. Também se vai proceder à remodelação e reforço da instalação, no arranjo urbanístico em curso junto às Portas do Sol, em que se incluem os arruamentos de acesso ao Miradouro de Santa Luzia e ao Castelo de S. Jorge, em que serão colocados candeeiros de consola de ferro fundido e igual numero de colunas.

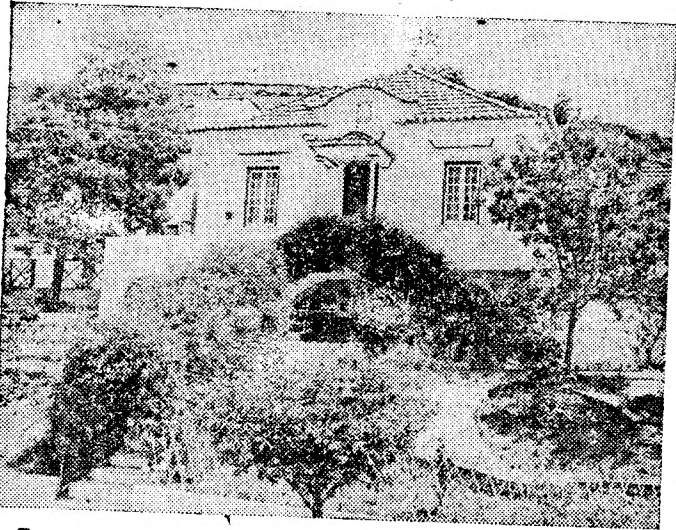
Tauromaquia

Amanhã em Santarém

Para encerramento da Feira do Ribatejo, realiza-se amanhã, às 17 horas, em Santarém, uma corrida com touros dor Irmãos Oliveira para os cavaleiros Manuel Conde, David Ribeiro Teles e José Barahona Nuncio, com os Forcados Amadores de Santarém, chefiados por Rhodes Sérgio, e para os «diestros» Curro Romero e José Julio, duas figuras em foco em Espanha, e em Portugal, onde o primeiro foi o triunfador de 1958, e do qual o segundo é novilheiro representativo.

BOM NEGÓCIO

Vende-se esta vivenda, bem mobilada, com todas as comodidades, águas quentes, garagem, electricidade, telefone, 2 casas separadas da vivenda e casa para caseiro. 4.000 m2 de terreno com muitas árvores de fruto e grande jardim. Possibilidades, capoeiras, adega e 2 poços c/ motor.



VER PARA CRER

CACEM — AGUALVA

(a 5 minutos da estação C. F.)

Informa sucursal da Adega Mesquita no Cacem ou pelos telefones 054100 (Cacem) ou 28307 (Lisboa).

O penúltimo dia
da F. I. B.
e do «Tattoo»

Das 14 e 30 a 1 hora, a Feira das Indústrias Britânicas está hoje aberta pela penúltima vez.

Dezenas de milhares de pessoas visitaram já o importante certame estrangeiro, tomando conhecimento directo do extraordinário desenvolvimento da indústria do Reino Unido.

Como tem acontecido todos os dias, bandas militares tocarão no coreto da Feira durante a tarde e a noite.

O «Tattoo» no Restelo

No Estádio do Restelo, às 22 e 30, também se realiza hoje a penúltima sessão do «Tattoo» militar luso-britânico, que movimentará muitas centenas de militares dos dois países, em exhibições variadas. Ao espectáculo desta noite assistirá o presidente da Federação das Indústrias Britânicas, sr. W. H. McFadden, a quem serão prestadas honras militares pelas tropas em parada.

Um ministro inglês
é esperado amanhã

Em representação do Governo britânico, no jantar que, á noite, será oferecido pelo ministro português da Economia, no Estoril, é esperado amanhã em Lisboa, vindo de Londres, em avião, o sr. conde de Dundee, ministro inglês sem pasta, que regressará depois de amanhã ao seu país.

Regatas de vela luso-britânicas

Integradas no programa de manifestações complementares da Feira das Indústrias, realizam-se esta tarde e amanhã regatas de barcos da classe «Dragão» entre velejadores portugueses e britânicos.

A ESTRADA
interrompida
há seis meses

Desde Janeiro que se encontra interrompida a estrada que liga Barcarena a Caxias impedindo o trânsito de veículos e, consequentemente, o das carreiras regulares de camionagem entre Queluz de Baixo e Caxias, cujo percurso não é completado por esse facto.

Devido às chuvas, a estrada abateu mas os trabalhos de reparação têm sido tão morosos que os habitantes daquela região continuam privados dos meios de transporte normais, tendo de percorrer a pé parte do percurso.

O facto causa ainda maior transtorno por estarmos já em plena época estival e muitas pessoas desejam deslocar-se às praias, em especial crianças, para passarem a época balnear.

Para o caso chamamos a atenção das autoridades competentes.

Jantar de homenagem

No dia 16, às 20 e 30, será oferecido, na Casa do Alentejo, um jantar de homenagem ao sr. Julio Navarro Cabral e á sr.ª D. Maria Adelaide Leal, respectivamente, presidente e vice-presidente do Grupo dos Amigos da Finlândia, que o Governo daquele País condecorou, recentemente, com as Ordens da Rosa Branca e do Leão.

OS SOLICITADORES
reuniram-se num almoço
de confraternização

O almoço anual de confraternização dos solicitadores, do todo o País, reuniu hoje, na «Choupana», em S. João do Estoril, cerca de 50 participantes, entre os quais vários convidados e suas famílias. A mesa era presidida pelo sr. Aires de Oliveira, presidente da direcção da Câmara dos Solicitadores, que usou da palavra, assim como o advogado sr. dr. Colares Pereira.

Almoço de homenagem
ao dr. Manuel Cordeiro Ferreira

Promovido pelos colaboradores do dr. Manuel Cordeiro Ferreira, vai realizar-se, no próximo dia 21, no restaurante Alvalade, um almoço de homenagem aquele pediatra comemorando os seus 30 anos de médico dos Hospitais Cívicos e 15 de director do Serviço de Pediatria Médica do Hospital de D. Estefânia. As inscrições fazem-se naquele restaurante ou pelo telefone 779151.

De ontem para hoje

OS CEM ANOS DE UM COLEGIO

A linda cidade de Lamego, as cavaleiras do Douro, ajoelhada aos pés da Senhora dos Remedios, ufana-se de um passado que vai de D. Egas Moniz o aio da corda ao peçoço e honra intacta, até D. Miguel de Portugal, embaixador mitrado, arcabuzador nas ruas de Roma brinca e as crianças retocam estão coelhadas de casas cujos brasões dizem da grande alcurnia de seus senhores... Lamego recebeu ontem professores universitários, bispos, abades mitrados, advogados, médicos, jornalistas, escritores, lavradores e industriais, homens dos sete ofícios e todas as situações. Era um mar de gente a celebrar o centenario do colegio do Padre Alfredo, como ainda hoje é conhecido, onde toda essa gente e muita outra dispersa pelo Mundo recebeu a educação. Houve discursos, foi condecorado o colegio, e uma lapide ficará a atestar aos vindouros a gratidão eternecida dos antigos alunos. Mas a grande gloria do colegio está em contar entre os seus educandos o maior escritor português de hoje; o verdadeiro e imperecível monumento ao colegio de Lamego está na meia centena de obras de Aquilino Ribeiro, em que a lingua portuguesa é escarolada e limpa, como o Sol da Primavera nestas cristas do Ribadouro.

FEIXE DE NOTÍCIAS

NO Laboratório Nacional de Engenharia Civil houve mais uma reunião de entidades interessadas na utilização da energia solar. Muitos presentes desde o industrial ao cientista analisaram a evolução das fontes de energia que permitem ao homem satisfazer as necessidades crescentes. Relatórios técnicos apresentados dizem-nos que também aqui se não assiste de braços cruzados ao enorme progresso registado nos últimos anos, no sector da luz e da força, progresso que transforma por completo a vida.

* O S. Gonçalo de Amarante e romaria de estrondo em terras do Norte. A vila, escanchada no Tamega e de olhos em alvo para o abantesma do Marão, enche-se de forasteiros e de alegria. Corre o vinho dos pipos e quanto mais cirandam os copos mais sobe o barulho dos bombos. Em Santa Leocádia do Baião estavam em pulgas por se meterem ao caminho doisromeiros; compraram duas bombas e o primeiro que acordasse faria rebentar a sua bomba para acordar o outro, e ambos poriam pes ao caminho. Acordou primeiro José Monteiro e com pouca sorte. Ao rebentar a bomba esfacelou-lhe a mão e em vez de ir para o S. Gonçalo foi para o hospital de Baião.

* Victor Manuel Neto, de 2 anos, brincava no Casal da Azenha, freguesia do Carvalhal, Matra. Como o nome indica na propriedade há uma represa a que o Vitor nas suas traquinices e inconsciência caiu. Gritou e alarmou uma tia que, aflita, gritou também. Acudiram trabalhadores e um deles atirou-se á água e apanhou o fedelho quando lá se envolvido no rodizio da azenha. Ele saiu intacto das águas, o trabalhador é que sofreu entorse de um pé.

* Enviaram mensagens de saudação por motivo do «Dia de Portugal», as seguintes personalidades: Ao sr. Presidente da República: o rei Gustavo Adolfo, da Suécia; o rei Balduino, da Bélgica; o rei Mohamed V, de Marrocos; Presidente Heuss, da Republica Federal Alemã; general Ayub Khan, do Paquistão; generalissimo Chiang Kai Cheque, da Republica da China; Presidente da Republica da Indonésia. Ao sr. Presidente do Conselho: o primeiro ministro do Ceilão. Ao sr ministro dos Negócios Estrangeiros: ministros dos Negócios Estrangeiros do Brasil, Chile, Venezuela, Equador, Indonésia, Coreia do Sul, Uruguai, Guatemala, Nicarágua e São Salvador.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem o sr. ministro do Ultramar e os engenheiros do Instituto de Architectos Navaes, acompanhados do sr. ministro da Presidência que o foram cumprimentar e entregar-lhe o diploma de honra. * Com o sr. Presidente do Conselho, trabalharam os srs. ministros da Defesa Nacional, do Ultramar, da Saúde e Assistência. * Adelaide Viana, de 79 anos, foi colhida na Calçada da Ajuda, por um veículo do exercito; morreu no hospital de S. José. * Em Alpedrinha ardeu um forno de pão tónico Beleza. * José Roqueime, da Ribeira Grande, trabalhava de vertebral e morreu. * Manuel Jose da Silva Rebelo, jornalista, de 21 anos morreu de congestão ao tomar banho no Mondego, junto a de automóveis, recolheu a S. Jose, porque um veículo lhe caiu em cima, quando o limpava. * Na estrada Vila Velha de Rodão-Castelo Branco voltou-se uma furgoneta; ficaram feridos Victor Augusto de Oliveira Gomes, de 23 anos que conduzia, e Nuno Gil Rocha, de 36 da Silva Tavares, de 16 anos, em Vale de Cambra, caiu de uma ce-rejeira e morria um quarto de hora depois.

O 7.º aniversário

da Casa do Concelho de Ovar

A Casa do Concelho de Ovar, que na capital, vem desenvolvendo uma intensa actividade regionalista, vai comemorar o 7.º aniversário da sua fundação com alguns actos festivos entre os quais se destaca o almoço, no dia 21, a que preside o grande amigo da região vareira, sr. conselheiro Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional. Estão também convidados para o almoço, além dos representantes da Imprensa, o governador-civil de Aveiro, o presidente da Câmara Municipal de Ovar e outras individualidades de relevo.

Nesse mesmo dia de manhã, às 10 e 30, monsenhor Miguel de Oliveira, que é natural do concelho de Ovar, celebrará missa de acção de graças na igreja de S. José dos Carpinteiros, pela data que se comemora.

Rotary Clube de Lisboa

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, às 13 horas, na Casa do Alentejo, o sr. Paul Hans Nitschmann falará sobre um assunto em que é técnico: «Detergentes — suas características e o seu uso».

A Feira do Ribatejo

encerra-se amanhã

SANTAREM, 13 — (Pelo telefone) — A VI Feira do Ribatejo, que atingiu este ano o máximo esplendor e atraiu o maior numero de forasteiros, entre os quais muitos turistas estrangeiros, encerra-se amanhã, «Dia da máquina» com o seguinte programa: ás 9 horas, grande concurso de tractores com o patrocínio da Shell; ás 11, desfile da Adiafa, a festa dos trabalhadores quando do termo das vindimas e da apanha da azeitona; ás 14, desfile de todas as máquinas expostas na Feira, e ás 16 e 30, da Adiafa, pelas ruas da cidade. As 17 horas efectua-se a grande tourada e, ás 22, no palco da Feira, festival de arte pelo Circulo Cultural Scalabitano, com a sua orquestra típica, orfeão e espectáculo de teatro.

Ontem disputou-se uma gincana de automóveis de que foram vencedores o sr. Domingos Gil Marques e a sr.ª D. Maria Fernanda Serrão. A noite houve largada de touros e concerto no palco da Feira pelo orfeão da Casa Hipólito, de Torres Vedras. Para amanhã, domingo, está anunciada a vinda de numerosos forasteiros.

O PRETO NO BRANCO ONTEM E HOJE

De RAMADA CURTO

Malaquias, que é homem de princípios, está radiante por ter lido nos jornais, que se proclamou mais outra República — a de Singapura. Há na verdade uma proliferação notável de jovens Repúblicas e de várias cores — amarelas, pretas, cinzentas e brancas. Numa destas jovens democracias o presidente é um homem que, como não podia deixar de ser, é autóctone, quer dizer que nasceu lá, no território da jovem nação independente. Nasceu lá, mas foi educado na América. Além da sua língua de origem, fala o americano ou seja o inglês, o que é ligeiramente diverso. O que não impede que ele tenha trocado o seu nome originário pelo nome de mister William.

E' um homem robusto, de cabelo excessivamente frisado, lábios também acentuadamente grossos e que anda sempre fardado de branco com grandes galões dourados nos punhos da farda. Enfim um fardamento de colonial: do tempo em que havia colónias. E na cabeça usa um boné de pala como aqueles dos revisores dos comboios, onde se vê escrito, ou bordado a grandes letras, também de ouro, isto: Mister William, the President, ou seja em português, o senhor Guilherme, o Presidente. Quem contou isto ao Malaquias teve mesmo a honra de ser apresentado a mister William, porque foi tomar parte numa conferência internacional que se realizou no país a que ele preside. O assunto da conferência era a borracha. Porque aquela terra é a terra da borracha, da árvore da borracha. Há lá centenas ou milhares de hectares plantados com seringueiras. De lá vem a borracha que os industriais países europeus e americanos, transformam em excelentes pneumáticos para automóveis. Mister William tem mais automóveis de todas as marcas e dos mais altos preços, do que há de táxis em Lisboa nas praças, quando chove, ou aos domingos à hora dos desafios da bola. Mas mister William não se emborracha. Quer dizer só bebe «whisky» mas isso, diz-me o Malaquias, que o bebe «in magna quantitate». E' um triunfo da civilização europeia, inglesa e americana. Antes disso que «vodka». Será útil que mister William não prove desta bebida. E' uma bebida que deve fazer mal à saúde nos climas quentes. Quanto a Malaquias já nem bebe a sua «bagaceira» com o café. Malaquias nem do tinto do Cartaxo ou do de Torres. E' abstêmio. O médico só lhe permite um copinho de branco do Dão que julga o clínico que não faz mal à saúde. Acrescentando que, mesmo desse, não deve abusar. Pois mister William, esse, abusa do «whisky».

Diz o informador do Malaquias que the President, tem um negócio de whisky e de conta próprio, na sua capital. História de aumentar os seus réditos, além dos que lhe dá a borracha. A civilização islâmica prescrevia o álcool. O Árabe, mesmo os velhos turcos, não provavam vinho ou qualquer bebida fermentada. O que não os impediu de acabar com o império bizantino e cristar Constantinopla em Istambul, que se ocidentalizou. The President, mister William, vai fazer ao seu país da borracha o que Mustafá Kemal Atatürk fez à Turquia, que acabou com o «fez».

O Mundo transforma-se vertiginosamente, Malaquias diz-me que ele era rapaz, ainda em Lisboa, havia turcos, vendedores de tamaras e tapetes. Todos eles usavam o «fez», o barrete vermelho com borla. E havia o turco do Calhariz, um turco do antigo modelo, que vendia coisas turcas e tinha «fez» e fazia negócio. Hoje se fosse vivo não fazia nada. Nem «fez» usava. Em que se transformará a jovem República de Singapura? Será de raça amarela o novo presidente? Haverá um parlamento em Singapura? Quanto ao Tibet já está sabido que acabou o Dalai Lama e o Panchai Lama deve ser chinês. Vertiginoso e contraditório o momento da História que se atravessa! A civilização budista como a islâmica estão agonizando. As mulheres árabes, turcas, egípcias, já mostram a cara a quem as quer ver. E sabe-se lá por este caminho aonde elas chegarão e que mostrarão. Mustafá Kemal acabou com a turca velada que fez as delícias do Pierre Loti e a algarina que iludiu o Tartarin de Tarascon que ia à Argélia com o «chechia», o barretinho á turca na cabeça, caçar lebres, carregado de espingardas. Estou que, em Singapura, se lá houve culturas de chá em qualquer tempo, hoje transferiram-se para a África, que era a terra do café. E Malaquias não se admirará se o futuro presidente da jovem República de Singapura for um chinês de «frack» ou de casaca e rabicho à antiga, que tenha um café para lhe aumentar os rendimentos. Que hoje, para Malaquias há um único xá autêntico, o rei dos reis, cuja formosa divorciada é frequentadora assídua de todos os cafés e casas de chá das grandes capitais, com a nostalgia do marido ou porque enjoou o chá e só gosta de café que é bebida mais forte e excitante. O que o Mundo era ontem e o que é hoje!

OURO e PRATA

Compra e vende aos melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta 253 Tel. 24564



PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A R E N D E R
A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:
SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Leste e o céu estava limpo por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação de um anticiclone centrado nas Ilhas Britânicas.

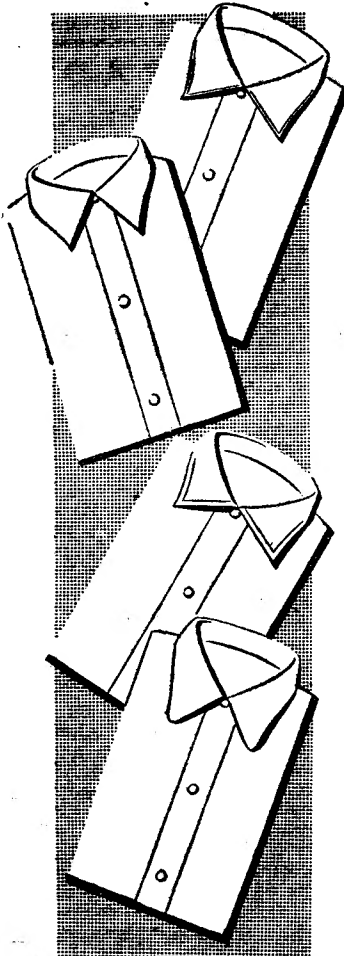
TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.) — Funchal, 18°; Porto, Coimbra, Faro e Portalegre, 21°; Lisboa, 22°; Ponta Delgada, 25°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu limpo, vento Leste fraco.



4 MODELOS

ELEGANTES - ECONOMICAS
E
DE SUPERIOR QUALIDADE



**CAMISAS
RW
130\$00**

UMA CRIAÇÃO DE
JOQUEI CAMISEIROS
R. NOVA DO ALMADA, 60
LISBOA

A.P.A.

Sapataria Douro

Apresenta hoje os 4 modelos que ontem calçou a Princesa Margarida Rosa.

Av. Casal Ribeiro, 13

São idênticas as causas da crise teatral em Portugal e Espanha — diz-nos o actor Pepe Alfayate

«Cá e lá...» — concluímos após troca de impressões acerca da chamada crise teatral em Portugal e em Espanha com o bom actor espanhol Pepe Alfayate, director da companhia do seu nome e titular do Teatro Cómico, de Madrid, onde sucedeu a Loreto Prado e Chicote. Pepe Alfayate veio descansar uma semana no Palácio Hotel, do Estoril, acompanhado por sua esposa, irmã da actriz Aurora Redondo, que, com Rafaela Rodríguez, encabeça o elenco feminino da sua companhia, e fala-nos do teatro espanhol na sua dupla qualidade de actor e de autor de muitas comédias.

— Em Espanha está-se a abusar da tradução de peças que não justificam a saída dos países de origem porque nada ensinam e antes desorientam, como aliás a crítica vem apontando, e em má troca parece esquecido o bom teatro espanhol de Benavente e doutros dos grandes autores espanhóis. Basta olhar os cartazes dos quinze teatros agora abertos em Madrid para se verificar o abuso de traduções e também a ausência de companhias fixas em cada teatro, o que contribui para desorientar o público que assim não sabe quem e o que vai ver em cada qual.

Pepe Alfayate, que tem por norma fazer a temporada de sete meses em Madrid e a de quatro em «tournée» pelas províncias, atribui a ausência de companhias fixas em cada teatro a chamada crise teatral «Cá e lá...» concluímos nós, porque também Pepe Alfayate nos fala da exorbitância de «cachets» diários que para algumas figuras atingem mais de duas mil pesetas, mais de um conto de réis, verbas

público sem o desorientar. Pelo que me toca, continuarei as minhas temporadas de comédias no Teatro Cómico, de Madrid, e preparando-as com tanta antecedência que já estou esperando mais uma peça do fecundo e famoso autor Carlos Llopi, e começarei a ensaiá-la tão depressa a tenha em meu poder. Entretanto, descanso neste adorável Estoril.

Vinte e cinco pares casaram-se hoje sob a invocação de Santo

Enquanto o coro entoava o hino «Cantai Cristãos», glorioso na alegria solene dos seus acordes, o prior da Sé Patriarcal celebrou hoje, ao fim da manhã, na Igreja de S. António, cujos altares estavam artística e exuberantemente decorados com lírios, o casamento de vinte e cinco noivas da manhã de Santo António.

Um busto de Artur Portela por Leopoldo de Almeida na Casa da Imprensa

O escultor Leopoldo de Almeida está a trabalhar num busto do nosso querido camarada de redacção, o jornalista e escritor Artur Portela, destinado à sala de sessões da Casa da Imprensa.

Leopoldo de Almeida, grande amigo de Artur Portela, esculpiu já uma cabeça admirável de expressão e nobreza.

O busto será inaugurado quando de uma sessão de homenagem a Artur Portela, que a direcção da Casa da Imprensa está a organizar. Levantar-se-á na sala de sessões que, aliás, já tem o nome do fundador da Casa da Imprensa.



PEPE ALFAYATE

exageradas que explicam os desastres de alguns empresários.

Em compensação, diz-nos Pepe Alfayate que a velhice dos actores espanhóis está agora assegurada por pensões que vão de quarenta por cento do ordenado mensal quando da reforma aos 60 anos e atingem a totalidade, por aumentos sucessivos, aos 70 anos. Para estas reformas pagam os actores 3 por cento dos ordenados, e as empresas 6 por cento, e assim se acabou com casos tão deploráveis como o do grande actor Emilio Thuillier que acabou num hospital e foi sepultado por caridade.

E Pepe Alfayate conclui: — Impõe-se, porém, um plano geral na vida dos teatros, a fixação de companhias e do género de cada qual, restabelecendo a corrente de

TERMAS DE CALDELAS

Tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Estância de repouso
**GRANDE HOTEL
DA BELA VISTA**

O primeiro da Estância
1 de Junho a 10 de Outubro

GAZ

DE 15 A
A CIDLA

10% de desconto no
GAZCIDL

a) — A todos os consumidores e esquentadores

b) — Aos antigos consumidores esquentadores, ta

Na compra de fo

desconto de 10%

VENDAS A

USE

Uma chama vi

LS
spanha

. Pelo que
s minhas
no Teatro
parando-as
que já es-
peça do
Charles Llo-
la tão de-
poder. En-
adorável

co pares de jovens se hoje em Lisboa ão de Santo António

Ideia lançada pelo nosso camara-
da na Imprensa e vereador sr. Au-
gusto Pinto, numa reunião camará-
ria, a sua concretização deve-se à
iniciativa do nosso prezado colega
«Diário Popular» que a pôs em prá-
tica com todo o entusiasmo. Graças
aquele diário e a numerosas empre-
sas comerciais, vinte e cinco noivas,
seleccionadas dentre muitas de-
zenas de inscritas, pelas suas quali-
dades morais e pelas suas maiores
necessidades económicas, não tive-
ram despesas de casamento, foram
vestidas pelos nossos melhores cos-
tureiros e ficaram com um lar dota-
do de comodidades que, normalmen-
te, só são acessíveis às noivas
ricas ou, pelo menos, de outras cla-
ses mais privilegiadas. Além de mo-
biliário e roupas, os dotes das no-
vas incluem objectos de decoração
artística, artigos de mercearia, nu-
merosas máquinas eléctricas, ex-
cedendo em muito os sonhos que al-
gum dia pudessem ter acalentado
mesmo as mais ambiciosas destas
raparigas simples do nosso povo hu-
milde.

Muito antes do início da cerimô-
nia na Igreja de Santo António, já
se comprimia ao longo dos passeios
das ruas fronteiras um verdadeiro
mar de gente. Nas janelas de um
prédio vizinho, dezenas de raparigas
empregadas numa fábrica de
cartonagens, vestidas e toucadas de
branco. Um verdadeiro cacho hu-



Após o casamento, os jovens noivos dirigem-se à Sé Patriarcal

mano, em que predominavam as
mulheres do povo, na Calçada do
Correio Velho.

A primeira noiva a chegar foi
Madalena de Jesus Valentim, costu-
reira. Num enorme automóvel ne-
gro, com motorista e mestre de ce-
rimónias, era acompanhada por sua
madrinha e por duas pequeninas
damas de honor. Logo depois, pa-
rou na Rua de Santo António o au-
tomóvel que conduzia a noiva Be-
nedita de Jesus Almeida Adão, do-
méstica. Muito bonita, num vestido
que terá importado em muitos mi-
lhares de escudos, os olhos emba-
çados por uma comoção irreprimi-
vel. De momento a momento, sur-
giam outros automóveis, todos de
grande luxo, com as noivas e suas
madrinhas. Mais discretamente, em
simples automóveis de praça, che-
garam os noivos. Fatos escuros e
gravatas claras, foram-se apinhando
na escadaria da igreja, pouco à
vontade perante a multidão que os
fitava curiosa. Entretanto, as no-
vas eram submetidas ao constante
relampejar dos «flashes» ou à luz
forte dos projectores da televisão.

Contrastando com o vestuário mo-
desto das famílias dos noivos e das

(Continua na 13.ª página)

Em Ponta Delgada

foram inaugurados
melhoramentos telefónicos
no valor de 31 mil contos

PONTA DELGADA, 13 — Com a
presença dos srs. eng.º Henrique
Pereira, administrador-adjunto dos
C. T. T., em representação do minist-
rio das Comunicações e do correio-
mor; e Santos Silva, director dos
Serviços Técnicos; e outros altos
funcionários e técnicos dos C. T. T.,
realizaram-se, esta tarde, as cerimô-
nias da inauguração da rede telefô-
nica automática desta cidade e dos
feixes hertzianos inter-ilhas, impor-
tantes melhoramentos do maior al-
cance para as comunicações locais
e de todo o arquipélago, as quais
importaram em 31.000 contos.

A nova central automática, insta-
lada em moderno edifício, tem ca-
pacidade inicial para 2.600 assinan-
tes, 8 posições manuais para servi-
ço regional e radiotelegráfico, 4 po-
sições de informação e uma para
fonogramas. A capacidade total da
rede será de 4.500 assinantes. Os as-
sinantes em Ponta Delgada passa-
rão a dispor dos serviços de hora,
despertar e assistência técnica.

O funcionamento dos novos cir-
cuitos inter-ilhas permite uma re-
dução nas taxas do serviço, que pas-
sam de 15\$00 para 12\$000 por pe-
ríodo de 3 minutos, salvo nos casos
entre as ilhas do Pico e do Faial e
de Flores e do Corvo, em que as
taxas baixam de 7\$50 para 6\$00.

O almoço anual

dos antigos alunos
do Curso Superior de Letras

E' amanhã, às 13 e 30, que, no
restaurante da Tobis, se realiza o
almoço anual dos antigos alunos do
Curso Superior de Letras, que, às
12 horas, visitarão o novo edifício
da Faculdade na Cidade Universitá-
ria, e cumprimentarão o respectivo
director, sr. prof. Orlando Ribeiro.

DENTES
COMO ESTES
SÓ COM
PASTA
MEDICINAL
COUTO

CONTRA AS
DOENÇAS DA BOCA



Jóias Antigas e Modernas
compramos pelo mais alto preço
G. OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

Trespassa-se

Restaurante e salão de chá na linha do Estoril, bem
afreguesado. Negócio urgente por o proprietário não poder
estar à testa. Bom emprego de capital. Resposta ao n.º 92
— Rua Nova do Almada, 68.

Durante a parada em Londres a população distinguiu com apiausos a princesa Margarida recem-chegada de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

(T. M. G.), numa grande calvalga-
da rutilante, de sabres desembai-
nhados.

Muitos milhares de pessoas, á
espera desde o amanhecer pelo
momento em que os portões dos
jardins do palácio real se abrissem
para dar passagem á esbelta silhue-
ta da rainha a cavalo, postadas ao
longo das ruas que conduzem á
grande praça da Parada das Guar-
das, junto ao quartel do Whitehall,
aclamam a soberana.

O desenrolar da parada
e convidados estrangeiros

A parada segue o cerimonial de
há séculos sem a mínima alteração.
Assistem a ela os chefes das mis-
sões diplomáticas acreditadas em
Londres e os respectivos adidos mi-
litares em tribuna que reúne mul-
tas outras personalidades inglesas
e estrangeiras da capital.

Fraque e chapéu alto são exigi-
dos para os felizes convidados nas
bandadas que cercam a praça, mas
para a grande massa da população
londrina, trata-se de um espectá-
culo de entrada livre, desde que se
chegue a tempo e se espere pacien-
temente.

Assiste á parada o general Lauris
Norstad, comandante das tropas da
N. A. T. O., ontem chegado a Lon-
dres e que deve aproveitar a oportu-
nidade para se avistar com diri-
gentes britânicos.

Os exercícios preparatórios da
parada são aqueles em que a rei-
na, ocupando o seu lugar, reabre

as honras militares e a saudação
das bandeiras, com escolta própria
de três oficiais e 76 soldados de ca-
da uma das oito guardas que na
parada participam. O ritual foi or-
ganizado há um século pelo prínci-
pe Alberto, marido da Rainha Vi-
tória.

Todo este desfile, que muitos di-
zem datar de Ricardo Coração de
Leão quando fazia desfilar as in-
signias e pendões dos vários chefes
para se certificar de que todos o co-
nheciam e veneravam, celebra o
aniversário da rainha. Isabel II
completou 33 anos de idade no dia

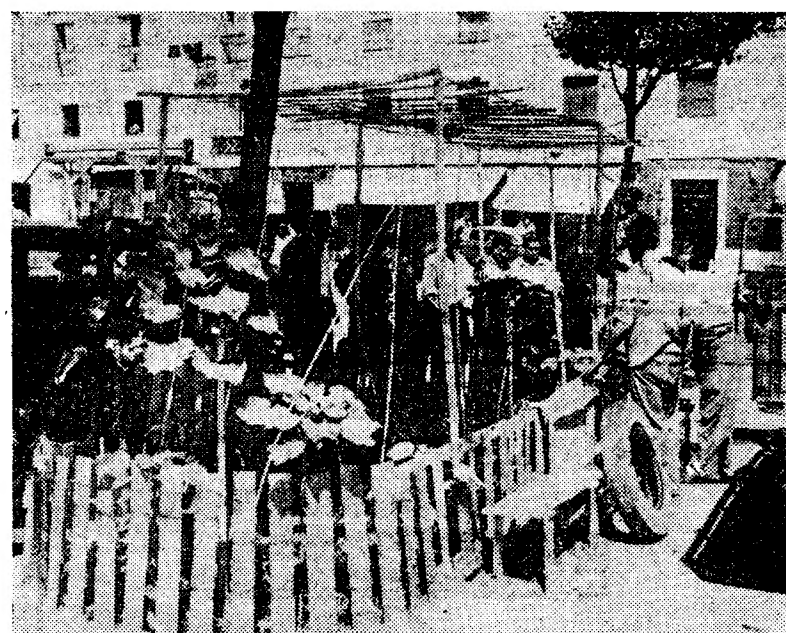
(Continua na 13.ª página)

A Primeira Apresentação do Cavalo de Sela

Constituirá admirável espectá-
culo a Primeira Apresentação do
Cavalo de Sela, no Estoril, marca-
da para amanhã, às 11 horas, pro-
longando-se pela tarde fora. Pelo
formoso parque da nossa melhor
estância de turismo desfilarão,
montados, os mais belos exempla-
res de raça cavalar, incluindo «po-
neys», montados por cavaleiros
com menos de 12 anos de idade.

No final, serão atribuídos nume-
rosos prémios por um júri presi-
dido pela veterinária irlandesa dr.
Eileen Parkhill.

O espectáculo será enriquecido
com a apresentação da matilha de
Sto. Huberto.



GAZCIDLA

DE 15 A 30 DE JUNHO

GAZCIDLA OFERECE:

desconto no material Nacional e 13 kgs. de
GAZCIDLA

para os consumidores que comprem fogões, foga-
res e esquentadores através da sua organização.

Para antigos consumidores que comprem fogões ou
esquentadores, também através da sua organização.

A compra de fogareiros beneficiarão apenas do
desconto de 10%.

PAGAMENTOS EM 24 PRESTAÇÕES

USE GAZCIDLA

chama viva onde quer que viva!

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Empréstimos s/ automóveis,
nas melhores condições, no
espaço de uma hora e por
períodos de 3 a 18 meses,
c/ amortizações suaves.

COLHAM REFERÊNCIAS

PORTO-PRACA D. JOAO I, 25-1.º
TELEFS. 26706-30181
LISBOA-PRACA DA ALEGRIA, 58-2.º
TELEFS. 366812-366731

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

testino (bílis, secreção pancreática e outras ainda).

Existe por aí quem esteja convencido, como sucedia geralmente em tempos idos, de que a hipercloridria é a causa da ulcera gastrintestinal. Meia verdade não é a verdade inteira. A hipercloridria mantém a ulcera em actividade e opõe-se á cicatrização.

A etiologia das úlceras do estômago e do duodeno encontra-se directamente ligada, entrelaçada a um factor vascular, isquemiante e necrosante e a lesões profundas e distantes.

São muitas as causas — orgânicas e psíquicas — todas elas, porém, conduzindo á isquemia local.

Só nesta altura do processo intervêm os sucos digestivos, impedindo a cicatrização e alimentando a doença ulcerosa.

A reacção vagal, reguladora das secreções, provoca contracções violentas dos músculos gástricos. O conteúdo do estômago desloca-se com maior rapidez e entra apressadamente no intestino, irritando-o por sua vez. A região doente sofre mais, dilacerando-se ao acaso.

Nem sempre a ausência de acidez indica que o processo ulcerativo se encontra em via de cicatrização. A fadiga patológica dos nervos secretórios e o concomitante esgotamento das glândulas, implantadas numa mucosa hipotrófica, explicam esta diminuição ou ausência de secreção ácida.

Para que se instale uma ou mais úlceras torna-se necessário, além de outras condições, a presença de um factor local isquemiante, factores de ordem geral, favorecendo o aparecimento de trombozes e isquemia de um dado território. Alguns destes factores podem ser de ordem hepática. A função antitóxica do órgão encontra-se diminuída. O equilíbrio do sangue altera-se devido á passagem de impurezas. Modifica-se a nutrição da parede dos vasos. Esta alteração, devido a um mecanismo que não vem agora a propósito explicar, favorece a infecção local (maior actividade dos agentes infecciosos). Que se passa, então? Aumentam os espasmos; altera-se a circulação do sangue, estabelecendo-se um ciclo vicioso. Múltiplos factores in-

fluem no estabelecimento deste ciclo.

Para muito indivíduos, o ponto de partida encontra-se distante, na grande central nervosa. Todos sabem já que as psicoses e nevroses se repercutem na mucosa gástrica (Danilo Perestrello, «Medicina Psicossomática», Rio de Janeiro, 1958).

Lesões do córtex (córtice), do mesodiencefalo e do hipotálamo, do centro simpático, plexo solhar e plexos de Auerbach e de Messner, têm sido observados em necropsias de indivíduos portadores de úlceras crónicas e calosas.

Verificaram-se sempre, desde os trabalhos de Cushing aos de Bordeño, constancia e simultaneidade de alterações vasculares viscerais e alterações circulatorias isquémicas. Este ponto é muito importante para a nítida compreensão do processo ulcerativo, e sua evolução, e ainda para o estabelecimento de uma terapêutica útil e consentânea.

Autores responsáveis são de opinião que o excesso de drogas, em especial tranquilizadores, e o ritmo alucinante da vida moderna, aliados ao esforço contínuo e premente que o quotidiano impõe ao cérebro, favorecem o desequilíbrio neurovegetativo, causando logo hiponutrição, hipoxia mesmo dos tecidos, isquemia e, em final de cortejo, necrose, morte local.

O homem de hoje, esse mesmo que se vê passar a nosso lado, emqumado, alheio, mutilado, isento de sonhos, encontra-se á beira de uma destruição lenta que explica a origem das trombozes cerebrais e pulmonares, do enfarte do miocárdio, claudicações intermitentes, obliterações arteriais, úlceras gastrintestinais, gastrites e colestistites.

Tais causas de destruição lenta impõem ao homem de hoje, além de um regime alimentar descomplicado e natural, a necessidade urgente de alternar dias de intenso trabalho com outros de completo repouso físico e mental (Lindesay Neustatter, «Psychiatry in medical practice», Londres, 1958). Enquanto, mercê do aparecimento de terapêuticas tcivas, a tuberculose e a sífilis tendem a desaparecer, o número de nevroticos e cardíacos aumenta assustadoramente.

Os sanatórios de meia e de grande altitude encerram suas portas,

dando lugar a casas de repouso, comandadas e dirigidas por psiquiatras que aliam á prática médica o móbil da exploração hoteleira.

Esta a grande tragédia da hora febril que a humanidade atravessa, bárbara herança dos campos de concentração e de morte que a Alemanha nazi legou, e ainda a memória (terrível pesadelo para todos os homens de ciência) daquele Instituto de Anatomia de Estrasburgo, dirigido pelo sinistro professor Hirt, que, utilizando seres humanos, se propunha, a bem da Medicina, gerar monstros em seus laboratórios de ensino e investigação.

Não foi impugnação que a humanidade assistiu a esse espectáculo miserável, a esse desconcerto dos mais rudimentares instintos humanos, ao triunfo das zonas bárbaras do subconsciente. Hirt, de Estrasburgo, foi um dos grandes culpados. Bairati, no «Trattato di Anatomia Umana» (1959), refere-se a estas tropelias e inqualificáveis desmandos.

O desaparelhamento da sensação penosa, a dor da fome, horário, não significa que o doente se encontre liberto da alecção.

O ulceroso necessita ter muito cuidado com o regime alimentar, assim como de se preocupar com a boa higiene do corpo e da alma, procurando libertar-se, quanto possível, de sensações penosas e violentas, sendo mister encarar a vida com optimismo, para alcançar, capitalizando, o maior lucro, isto é, a maior soma de reservas.

Fugir do «jazz», do «rock and roll» da TV todas as noites, das películas, instrumentos de alta tensão e «suspense»! O ulceroso necessita de dormir bem e, sobretudo, acordar refeito e repousado, preparado para mais uma jornada de trabalho.

Obtida a cura, o doente não deve abandonar de todo o regime alimentar ou deixar-se dominar pelas exigências da vida moderna, saltitante e apelativa, aliciente, procurando ser, durante um ou dois anos, simples figura de segundo plano.

Apesar da película radiográfica não acusar lesão incendiária, o regime alimentar continuará a ser muito importante, tão importante como o repouso psíquico. Os períodos de acalmia coincidem sempre com prolongadas fases de despreocupação, desalogo financeiro, harmonia no lar. A ulcera é uma alecção que evolui por surtos. Não foi Bockus quem um dia afirmou que a ulcera gastrintestinal é a resultante lógica da vida tumultuosa da civilização (2) ocidental, uma doença do «Homo Sapiens»? Não serão as situações de conflito as grandes responsáveis? São particularmente nocivos o álcool, o vinho, o tabaco, todos os excitantes e também os queijos, a não ser o fresco, fritos e frituras, carnes fumadas e de conserva, peixes gordos, tudo quanto sobrecarregue o fígado, exija um trabalho digestivo intenso ou produza exageradas vasodilatações.

A ulcera, na grande maioria dos casos, tem como companheira inseparável a doença ulcerosa, razão por que a cirurgia (excepto na ulcera aguda, com perfuração, úlceras complicadas e na estenose pilórica) nem sempre resolve o problema.

A doença ulcerosa não desaparece com a ablação da ulcera. Convém aqui recordar que as operações conservadoras têm o mérito de não alterar a fisiologia do órgão doente, facto que, a distancia, se torna muito importante.

A electroencefalografia (Rubin e Browman) promete auxiliar os doentes ulcerosos. Verificaram-se já índices alta altos em 71 % destes doentes. Parece que, num futuro próximo, tudo tende a esclarecer-se.

Entretanto, bom é não esquecer esta frase célebre de Machado de Assis, em «A Semana»:

«As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado».

A. D'E.

VIDA ECONÓMICA

(Continuação da 1.ª página)

projectado ou já executado dos necessários elementos infra-estruturais. Estas referências genéricas não excluem, evidentemente, o interesse das copiosas informações de pormenor que preenchem mais de duzentas páginas, densamente documentadas, do relatório do Banco de Angola. Alguns pontos mais discutíveis, como a afirmação de que «o problema das transferências não revela um estado doente da economia angolana e antes denuncia uma crise de crescimento dessa economia», justificariam, sem dúvida, extensa análise por especialistas devidamente informados. Mas a realidade primordial de que a estrutura económica da Província se expande e que cumpre enquadrá-la num esforço coordenado de estímulo e equilíbrio está bem patente nesse volume altamente elucidativo, em que se reflecte igualmente as preocupações e as esperanças do seu previsível futuro.

O relatório anual do Banco de Angola é o mais completo e flutuante documentário que nos desvela a fisionomia económica actual do território e a evolução não só das suas realidades como das suas possibilidades. Magistralmente elaborado, desde o início da sua publicação, este amplo repositório de informações faculta a quem o ler atentamente o mais amplo conjunto de referências positivas de que se pode dispor sobre a Província. O relatório de 1958 não desmente a salutar tradição criada — antes a consagra na largueza e objectividade das suas observações, por isso mesmo dificilmente inventariáveis numa breve anotação.

O que é hoje a economia de Angola, á luz das informações gerais do seu Banco Emissor? É uma economia cada vez mais dependente das necessidades dos recursos e das tendências dos grandes mercados exteriores; é uma economia baseada essencialmente na produção para exportação de alguns géneros agrícolas de consumo e alguns produtos de base para transformação, tendendo a reduzir-se o número dos produtos de grande procura externa e agravando-se os seus problemas de crescimento pela tendência para a baixa das cotagens mundiais desses produtos; é uma economia que começa a edificar uma estrutura consumidora interna capaz de absorver volumes progressivos de produção industrial e que tem a subsistência básica da sua população civilizada consideravelmente articulada com o intercâmbio metropolitano. Pode concluir-se do relatório, em suma, que a economia de Angola está em animador crescimento, mas que a continuidade deste exigirá grande esforço na estruturação de um mercado interno mais amplo, na coordenação com a economia metropolitana e no ajustamento ás perspectivas de evolução da economia mundial. O «eldorado» não existe; terá de ser indefinidamente construído. E as próprias realidades políticas gerais em África impõem que ele seja construído aceleradamente, sob risco de abdicções fatais.

Na análise dos factos verificados em 1958 instrui o relatório do Banco de Angola que se manifestou apreciável incremento na tonelagem e valor global da exportação, contribuindo as matérias-primas e substâncias alimentícias com 98,8 % do valor total das vendas da Província. Agravou-se o custo da importação que diminuiu na tonelagem e aumentou no valor, não sendo o facto inteiramente adverso á economia angolana visto que o determinou em apreciável parcela a aquisição de maquinaria e aparelhagem industriais. Não avançou em extensão e gravidade o problema da mão-de-obra e consigna-se que se manteve estacionário o custo da vida. O relatório acentua, em remate significativo, que «no campo da actividade industrial se assinalou a relevância de alguns empreendimentos, como a montagem de novas unidades fabris de grandes dimensões e o desenvolvimento pro-

jectado ou já executado dos necessários elementos infra-estruturais.

Estas referências genéricas não excluem, evidentemente, o interesse das copiosas informações de pormenor que preenchem mais de duzentas páginas, densamente documentadas, do relatório do Banco de Angola. Alguns pontos mais discutíveis, como a afirmação de que «o problema das transferências não revela um estado doente da economia angolana e antes denuncia uma crise de crescimento dessa economia», justificariam, sem dúvida, extensa análise por especialistas devidamente informados. Mas a realidade primordial de que a estrutura económica da Província se expande e que cumpre enquadrá-la num esforço coordenado de estímulo e equilíbrio está bem patente nesse volume altamente elucidativo, em que se reflecte igualmente as preocupações e as esperanças do seu previsível futuro.

FACTOS E PROBLEMAS

Os caminhos de ferro de Moçambique com fecunda compreensão das suas funções económicas, propuseram recentemente ao Governo da província a redução das tarifas aplicadas no transporte do chá até aos portos de embarque. O transporte de uma tonelada de chá desde Vila Junqueiro a Quelimane importava em 491 escudos; com a nova tarifa custará apenas 350 escudos. Reduzindo em 29 % as suas receitas no transporte do chá, os caminhos de ferro moçambicanos lançam um saque sobre o futuro — visto que o incremento do tráfego virá a reflectir-se necessariamente em contrapartidas vindouras de exploração. O exemplo, sobretudo pela espontaneidade da resolução dos serviços ferroviários, merece ser salientado como expoente de uma conjugação de interesses que não se confina em cálculos de receitas imediatas.

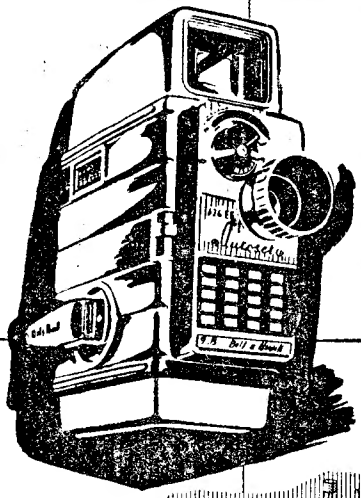
Elucida o recente relatório do Grémio do Comércio de Exportação de Frutas que a exportação destes produtos nacionais sofreu em 1958 uma redução de 1.063 toneladas e constata com desassombro muito de louvar que se têm processado no comércio internacional transformações profundas na forma de negociar, a que já não se ajusta a velha regulamentação que orienta as actividades do Grémio Assim se verifica, mais uma vez, que só depois da casa roubada se pensa em pôr tranças na porta — pelo menos neste capítulo tão pouco feliz da nossa exportação frutícola. Enquanto este ramo do comércio externo português dormita numa imobilidade estéril, as frutas italianas, holandesas e espanholas invadem vitoriosamente os mercados da Europa central e nórdica, constituindo fontes de divisas em magnífico florescimento para os países exportadores.

Num dos «estudos de economia aplicada» recentemente publicados pela Associação Industrial Portuguesa salienta-se este princípio que não pode ser esquecido na previsão do nosso desenvolvimento fabril: «...Não se devem aplicar todos e quaisquer meios antiquados de produção apenas pelo facto de que empregariam maior volume de mão-de-obra... Há que examinar as técnicas a aplicar, no sentido de não serem importados, indiscriminadamente, processos e vias de fabrico que muitas vezes podem ser substituídos por meios mais apropriados ás disponibilidades de factores produtivos e á política económica e social que mais convenha seguir no estágio particular de desenvolvimento da economia do País. Não serão de associar estes conceitos com a ausência estranhamente prolongada de uma organização técnica de produtividade no nosso País, capaz de orientar em cooperação estreita do Estado e das actividades particulares a modernização da nossa economia sem prejuízo do nível emprego?

A PRIMEIRA CÂMARA 8"

100 % AUTOMÁTICA

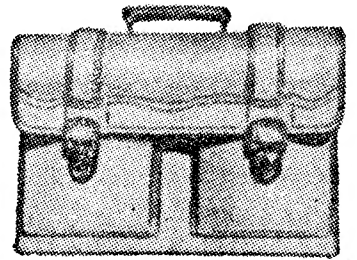
Bell & Howell



REPRESENTANTE EXCLUSIVO
CENTRO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA
RUA D. JOÃO V, 2 TEL. 680007 LISBOA

VISITE O NOSSO STAND N.º D-276 NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS BRITÂNICAS

PASTAS



30 anos de fabrico todos
modelos fornece ao comércio
A Comprido — R. Madalena, 97

Almoço ao sr. Mawhinney

oferecido pela firma Tractores de Portugal, Lda.

Está em Portugal o sr. W. W. Mawhinney, director principal da firma Massey-Ferguson (Export), Ltd., a maior fabricante de tractores agrícolas de rodas em todo o Mundo, marca que desfruta, internacionalmente, de um alto nível de preferência. O almoço em sua honra, no Restaurante Montes Claros, teve a presidência do sr. eng. José Lobo de Vasconcelos, gerente da firma Tractores de Portugal, Lda., representante e distribuidora exclusiva da marca Massey-Ferguson, que dava a direita aos srs. W. W. Mawhinney, conde de Caria, também gerente da empresa e administrador da organização C. Santos, Lda., e Lupton; e a esquerda aos srs. Soanias, eng. Francisco Lobo de Vasconcelos e dr. António Mátel Correia, ambos gerentes da firma Tractores de Portugal, Lda.

Estiveram também presentes os empregados e os agentes da firma

DOIS MARÍTIMOS

foram presos

no batelão que roubavam

Embora seja apertada a vigilância das autoridades, a verdade é que, de vez em quando, se assinala um roubo na zona marítima do porto de Lisboa. Deve salientar-se, todavia, o facto de ter diminuído consideravelmente a fúria dos gatumos, certamente, por acção da Polícia Marítima, que dispondo, agora, de maior numero de funcionários pode, por isso mesmo, exercer maior actividade.

Talvez por serem precipitados na tentativa de roubo, foram descobertos dois indivíduos que se preparavam para assaltar o porão de um batelão atracado no cais do Jardim do Tabaco. Foi o caso de o arrais do referido batelão, Manuel Maria da Fonseca Guerra, natural de Ovar e morador na Rua da Cruz de Alcantara, ao entrar de noite a bordo, ter verificado que alguém se encontrava no porão. Serenamente e sem perda de tempo, fechou o porão, deixando dentro quem lá estivesse. Imediatamente chamou o guarda fiscal António Mendes Madruga e deu-lhe conhecimento das suas suspeitas. Aberto o porão, lá estavam dois indivíduos: o marítimo Arménio Pinto Pereira, de 26 anos, e o descarregador Manuel Alves, de 50 anos, casado. Conduzidos à Polícia Marítima, cada um prestou as declarações que julgou mais convenientes para fugir à responsabilidade. O agente Cerqueira, daquela corporação, apertou-os em interrogatórios e, em breve, se esclareceram as contradições em que principalmente o primeiro havia caído.

Não conseguiram consumir o seu acto, mas preparavam-se para arrombar uma caixa com vários artigos para a Índia Portuguesa. Ambos vão ser enviados ao Tribunal Marítimo.

Influência do tempo nas culturas

O Boletim Meteorológico para a Agricultura, em relação à 1.ª década de 1 a 10 do corrente, informa que o desenvolvimento vegetativo das várias culturas em curso é, de um modo geral, regular. Os batatais estão em plena floração, os olivais começam a «limpar» em algumas regiões e os milharais prometem regular produção.

Os trabalhos agrícolas próprios da época foram pouco prejudicados pela chuva que caiu durante a década e por isso puderam prosseguir em boas condições. Procedeu-se com muita actividade às ceifas nas regiões do sul, à plantação de arroz e à colheita de frutos. Continua a fazer-se a sacha dos milhos, dos batatais e do grão de bico, e a recolha dos feno.

Continuaram a verificar-se ataques de mildio nas vinhas e nos batatais, onde os prejuízos são importantes apesar dos repetidos tratamentos anticriptogâmicos.

Aperitivo a bordo

Por motivo da viagem inaugural do transatlântico espanhol «Cabo San Vicente», atracado à Gare Marítima da Rocha Conde de Obidos, a Agência Marítima Transatlântica Lda., consignatária de Ybarra, & C.ª S. A., oferece um aperitivo a bordo, das 17 e 30 até às 19 horas.

II CONFERÊNCIA Internacional do Mercado da General Electric

Partiram para a cidade do México os chefes dos serviços de administração e assistência técnica da General Eléctric Portuguesa, respectivamente srs. dr. Duarte Borges Coutinho (Praia) e Luís R. Rocha, que vão representar aquela empresa numa reunião internacional, onde se discutirão os problemas relacionados com o aperfeiçoamento da assistência técnica, a aparelhagem electro-doméstica e, também, os processos da moderna organização comercial.

Em ALCAÇER DO SAL o «Diário de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

ALLENQUER, 12 — Realizou-se na capela privada da quinta de seus pais, o casamento da sr.ª D. Ana Isabel de Mendonça Górgão Henriques com o sr. Jorge Artur Rego de Brito. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, as sr.ªs D. Maria Leonor Mendonça e Silva e D. Maria do Carmo Almeida Vaz Pinto e por parte do noivo os srs. Manuel Ricardo Espírito Santo Silva e António Filipe Barata.

DR. NUNO BESSA LOPES

Seguiu de avião para os Estados Unidos o dr. Nuno Bessa Lopes, representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros na delegação portuguesa à 12.ª sessão da Assembleia da I. C. A. O. (Organização da Aviação Civil Internacional),

que se efectua em San Diego da Califórnia.

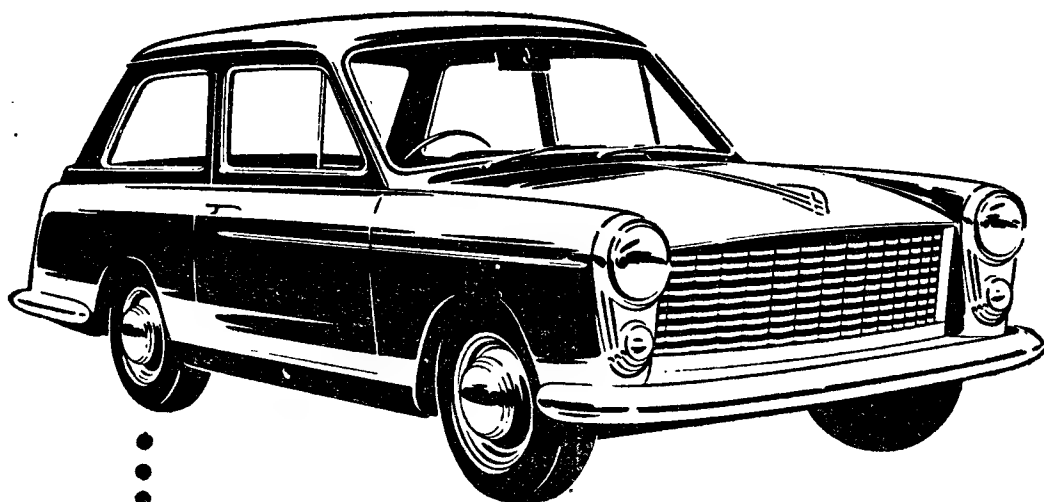
DR. JOÃO DE FREITAS CRUZ

A bordo do «Moambique» seguiu para a Cidade do Cabo, acompanhado de sua esposa, o dr. João de Freitas Cruz, que vai ocupar o posto de 1.º secretário da embaixada de Portugal em Pretória.

Homenagem a um mestre

Faz hoje anos o antigo professor e jornalista Celestino de Vasconcelos, não se efectuando o anunciado a modo de homenagem, oferecido pelos seus amigos e antigos alunos, devido ao facto de se encontrar ainda deente. A comissão promotora deliberou apresentar-lhe felicitações na sua residência, e adiar o almoço para data que oportunamente será anunciada.

AUSTIN A 40

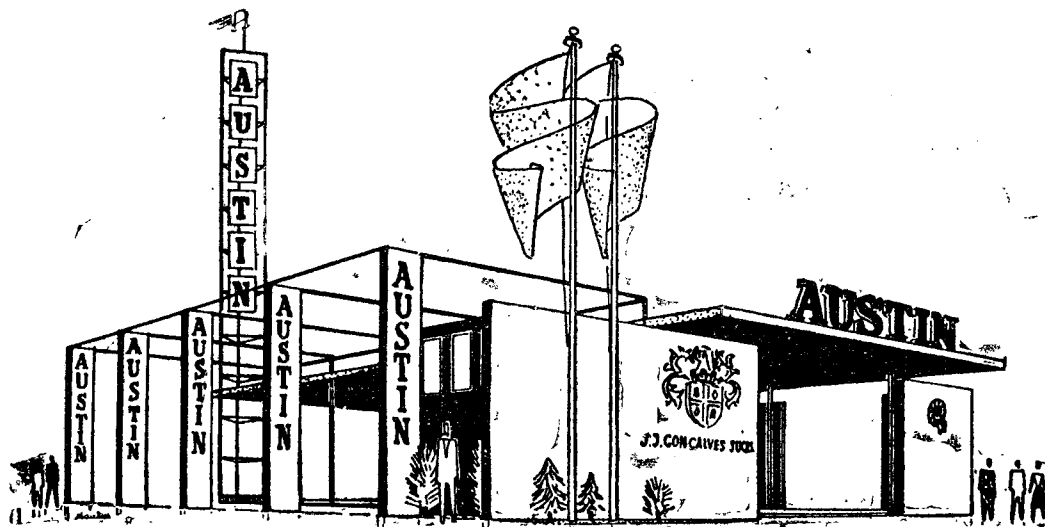


DESENHO DE FARIN

C O N F O R T Á V E L
E L E G A N T E
S E G U R O
E S P A Ç O S O
E C O N Ó M I C O



DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS.
LISBOA • ÉVORA • PORTO — AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS



VISITE O STAND AUSTIN NA FEIRA Nº 145-E

Estilo!

UMA CARACTERÍSTICA ...

**FORD ANGLIA
E PERFECT**

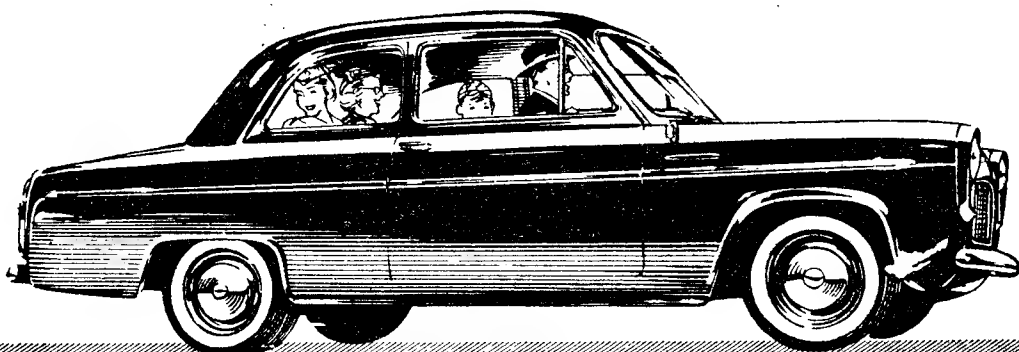


Vistos de longe ou de perto o ANGLIA (2 portas) e o PERFECT (4 portas) são, sem dúvida, 2 carros de ESTILO! Aprecie as suas linhas elegantes mas funcionais, os seus interiores de grande beleza e especialmente a grande área de vidro que proporciona uma visibilidade excepcional.

Aceite a demonstração que lhe oferece a Organização FORD.



CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS



J. MENDES COELHO, LDA. (LISBOA) **AUTO BOAVISTA, LIMITADA**
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 46147-43523 RUA DA BOA VISTA, 81-B • TEL. 669141-4



VISITE A FEIRA DAS INDÚSTRIAS BRITÂNICAS

Eis a grande novidade

Servis

A NOVA MÁQUINA COMBINADA AUTOMÁTICA QUE LAVA, ENXAGUA E SECA A SUA ROUPA EM POUCOS INSTANTES.

AGORA EM DEMONSTRAÇÃO NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS BRITÂNICAS EM LISBOA, STAND SERVIS, NA GALERIA JUNTO AO CINEMA.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AGENCIA COMERCIAL SUECA, L. DA
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 59181 • LISBOA

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais

Caldeirada à Sorraia

Enxopado de Enguias

Filetes à Marisqueira

Lombo de Porco no Espeto

Frango de Caril à Coruja

Bifes de Vaca na Caçola

Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

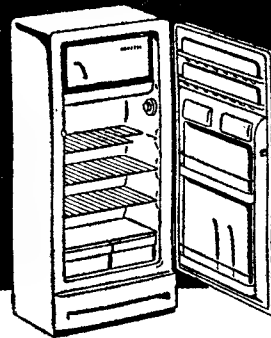
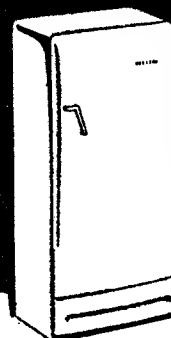
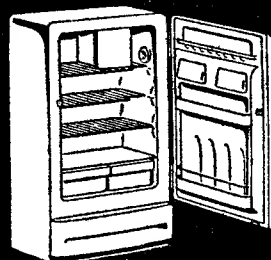
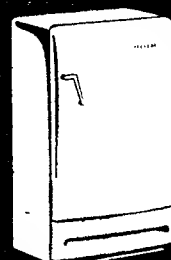
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95. Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

LIEBHERR

O FRIGORÍFICO
POPULAR
ALEMÃO

Apresenta

OS SEUS NOVOS E SENSACIONAIS
MODELOS DE 150 E 200 LITROS



ANTES DE COMPRAR UM
FRIGORÍFICO VEJA, EXAMINE,
COMPARE E... DEPOIS RESOLVA!

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L. DA

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 TEL. 59181 • LISBOA

DELEGACÃO { AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 32
EM COIMBRA { TEL. 25829

NO { M. SIMÕES JR. L. DA
NORTE { R. S.º ANTÓNIO, 208 • TEL. 25581 • PORTO

Grémio Concelhio dos Comerciantes de Carnes de Lisboa

ARREMATACÃO DE SUBPRODUTOS

No próximo dia 19, pelas 15 e 30 horas, proceder-se-á a arrematação dos seguintes subprodutos.

Farinhas de: CARNE — CARNE E OSSO — OSSO (Sabugo de Chifres) — SANGUE — FIGADO; CHIFRES DE BOVINOS ADULTOS — PONTAS DE VITELAS — CASCOS DE BOVINOS ADULTOS E UNHAS DE VITELAS — PELOS DE MÃOS DE BOVINOS — MACHINHOS DE BOVINOS — LÃS: MERINADA BRANCA — MERINADA PRETA — CHURRA BRANCA — CHURRA PRETA — GORDURA INDUSTRIAL — CANOS E MANGUELAS DE BOVINOS ADULTOS — IDEM DE BOVINOS ADOLESCENTES.

As condições encontram-se patentes na sede deste Grémio — Rossio, 45-2.º.

**DOMINGO, 21 DE JUNHO DE
1959 — EXCURSÃO DA C. P.
À AVEIRO**

3.ª classe — Esc. 110\$00

IDA: Lisboa (Sta. Apolónia), 8.40, p.; Aveiro, 12.23, c.

VOLTA: Aveiro, 19.41, p.; Lisboa (Sta. Apolónia), 23.35, c.

Os respectivos bilhetes estão à venda na estação de Lisboa (Rossio) desde as 8 horas do dia 15 do corrente (2.ª feira). Lotação limitada.

SENHORES AUTOMOBILISTAS:

A C. P. tem em vigor uma tarifa concedendo facilidades no transporte de automóveis em condições de pronta utilização, o que dispensa os Senhores automobilistas do pesadelo de longos percursos ao volante de seus carros.

Informe-se nas estações ferroviárias ou no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia) ou ainda pelo telefone n.º 864181.

CALDAS DA

FELGUEIRA

Informações em Lisboa: Rua do Ouro, 273
GRANDE HOTEL CLUBE e BALNEÁRIO
Aberto até 30 de Outubro

BEIRA ALTA

Obtêm-se os melhores resultados
no tratamento de
**BRONQUITES - ASMAS
FLEBITES - CORAÇÃO**

e em Renites, Doenças de Pele, Reumatismo Articular e Alterações da Tensão Arterial

Necrologia

D. Idália Ferreira dos Santos

Faleceu a sr.^a D. Idália Ferreira dos Santos, de 63 anos, natural de Lisboa, viúva, mãe do sr. Alfredo Barbosa dos Santos e sogra da sr.^a D. Maria Paula de Ortins Ferreira Barbosa dos Santos.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 10 horas, saindo da igreja de Nossa Senhora de Fátima, para o seu jazigo no cemitério de Benfica.

José Eduardo da Assunção Rodrigues

BRAGANÇA, 12 — Em casa de sua filha, sr.^a D. Virgínia Julieta Martins Rodrigues Monteiro, casada com o sr. Augusto César Martins Monteiro, conceituado comerciante desta praça, e sita na Rua Alexandre Herculano, desta cidade, faleceu o sr. José Eduardo da Assunção Rodrigues, de 76 anos, natural da freguesia de Nogueira, deste concelho, chefe de conservação de 1.^a classe, reformado, da Junta Autónoma de Estradas, viúvo, desde 20 de Outubro de 1918, da sr.^a D. Ana Marcelina Martins.

Foi um dos funcionários mais activos e zelosos, gozando de gerais simpatias, pelo que, no seu funeral se incorporaram centenas de pessoas. Era pai do sr. dr. Eduardo Baptista da Assunção Rodrigues, professor do ensino liceal, aposentado; engenheiro-agrônomo Hermínio Alberto Galhardo Rodrigues, em serviço na 3.^a Brigada Técnica da 3.^a Região e presidente da direcção do Grémio da Lavoura deste concelho, casado com a sr.^a D. Candida Emilia Carneiro Rodrigues; e da sr.^a D. Virgínia Julieta Martins Rodrigues Monteiro, casada com o sr. Augusto César Martins Monteiro, todos residentes e domiciliados nesta cidade.

António Joaquim Lopes Navarro
BRAGANÇA, 12 — Na sua casa na Rua Almirante Reis, desta cidade, onde vivia há muitos anos, faleceu, após longa doença, o sr. António Joaquim Lopes Navarro, de 85 anos, natural da freguesia de Vilariño dos Galegos, concelho de Mogadouro, primeiro-sargento reformado, da Guarda Fiscal, viúvo da sr.^a D. Luísa da Glória Gonçalves Lopes Navarro. O extinto, muito estimado de todos os brigantinos, prestou serviço por último, na 5.^a Companhia do Batalhão, n.º 3 da Guarda Fiscal, com sede nesta cidade, reformando-se há mais de 30 anos.

SUFRAGIOS

Autor Vasco Santana

Em comemoração do primeiro aniversário da morte do grande e saudoso actor Vasco Santana, e por determinação dos seus filhos Henrique Santana e José Manuel Santana, foi hoje rezada missa solene a instrumental, por sua alma, na igreja de S. Domingos.

A cerimónia, celebrada no altar-mor pelo rev. Roque Cabral S. J., acolitado pelos padres Barros e Rocha começou ao meio-dia e a ela assistiram, além de pessoas da família, muitos amigos e colegas do saudoso artista.

AGÊNCIA MAGNO

PUNDADA EM 1974

Não tem qualquer sucursal

na Av. Almirante Reis

TELEFONES 43189 -

43180-55301-66 27 72-08 00 22

Montemor-o-Novo

regozija-se pela criação da sua Escola Técnica

MONTEMOR-O-NOVO, 13 — (Pelo telefone) — Causou boa impressão a notícia de ter sido criada, por lei, a Escola Técnica de Montemor-o-Novo, a maior aspiração presentemente desta progressiva vila e do seu vasto concelho. A criação da escola estava prevista por um decreto de 1918. Desde lá vão realizar-se conferências para a propaganda e divulgação dos interesses da região, por iniciativa do Grémio do Comércio de Évora, secção de Montemor-o-Novo. A primeira conferência, pelo sr. dr. Guedes do Amaral, director e professor da Escola Comercial de Évora, será no Rádio-Cine, na próxima segunda ou terça-feira.

BISPO ATIRADOR

INSBRUCK, 13. — Monsenhor Johannes Filzer, bispo auxiliar de Salzburgo, que conta 86 anos, conquistou um dos primeiros prémios num concurso de tiro disputado nesta cidade e em que participaram cerca de cem atiradores. — (A. N. I.)

A parada de hoje em Londres

(Continuação da página central)

21 de Abril, mas está determinado que, em data a fixar anualmente, nas proximidades de 8 de Junho, esse aniversário da rainha seja oficialmente festejado com o desfile militar mais pomposo do ano: o desfile das bandeiras. E escolhe-se esta quadra do ano para poder ter-se uma certeza relativa de que a chuva não prejudicará a grande festa em que pelo menos 1.600 homens dos Regimentos de Coldstream, dos Granadeiros, e das Guardas escocesa, irlandesa e galesa prestam honras militares à soberana da Inglaterra.

A princesa Margarida, tostada pelo sol de Portugal, distinguiu-se pelo publico de Londres

A multidão que aclamou a princesa Margarida, á sua passagem, ficou sem qualquer duvida de que a irmã da rainha apreciava sinceramente a sua visita a Portugal.

A óptima disposição da princesa

Foi sepultado

com todo o cerimonial mas estava vivo

ALBUQUERQUE (Novo México), 13.—Um «morto-vivo» que «regressou da terra dos mortos» depois de terem sido sepultados o que se julgava serem os seus restos mortais e de terem sido celebradas missas por sua alma, vai agora ser submetido a exames aturados.

Trata-se de Manuel Armijo Junior, que desapareceu a Oeste do Novo México, quando buscava uma mina india perdida. A semana passada, acharam-se dentro do seu automóvel destruído pelas chamas, um crânio humano e ossos de vitela e de porco espinho, que seus cunhados identificaram como pertencendo ao esqueleto do desaparecido. A viúva e os quatro filhos de Armijo Junior sepultaram-nos na quarta-feira, no cemitério católico.

Ontem, porém, toda a família recebeu a notícia de que Armijo tinha aparecido num acampamento de lenhadores, sã e salvo. O «morto-vivo» contou que conseguiu quebrar a vidraça de uma das portinholas do automóvel e escapar-se por ela, quando as chamas, provocadas por curto-circuito, começaram a destruir o veículo. Além disso, temia que deflagrassem as cápsulas de dinamite que transportava. As labaredas alastraram pelo mato seco e Armijo vagueou, sem consciência, durante uma semana, até encontrar o acampamento, onde o acolheram e onde, a pouco e pouco, recuperou a memória. Foi ele quem informou a Polícia de que os ossos encontrados no veículo haviam sido recolhidos por ele durante as suas investigações. «Acho que deviam ter-se certificado bem antes de mandarem enterrar uma pessoa que, afinal, está viva» — comentou uma das filhas. — (A. N. I.)

A marcha de Oeiras

volta a exhibir-se

Depois dos seus êxitos nas festas da comemoração do bicentenário da vila de Oeiras e de Vila Nova de Famalicão, a Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras, apresenta hoje, no ringue da Associação desportiva Oeirense, às 22 horas, a Grande Marcha de Oeiras de 1959.

Findas as exhibições da marcha, realiza-se um baile.

transparecia claramente no rosto, enquanto observava a rainha Isabel, a cavalo, á frente das Guardas, e, mais tarde, da varanda do Palácio de Buckingham, passando revista ás tropas. E o ligeiro tom tostado que a sua tez adquiriu durante os seis dias que esteve fora da Inglaterra só a favorece.

A princesa Margarida vai este fim de semana a Windsor, com a família real. Amanhã á tarde, ali se efectuará a ultima reunião íntima antes da partida da rainha e do príncipe Filipe para a sua viagem de seis semanas ao Canadá, na próxima quinta-feira.

Margarida aproveitará, decerto, a oportunidade para contar á família os episódios que mais a impressionaram durante a visita a Portugal e mostrar algumas das recordações e fotografias que trouxe para a Inglaterra.

A princesa Ana está encantada com a boneca, em trajes portugueses, que Margarida recebeu, em nome da sua sobrinha, durante a passagem pela Nazaré. Ana, que tem nove anos, colecciona bonecas regionais e guarda-as cuidadosamente nas prateleiras de um belo armário antigo, colocado no amplo corredor atapetado a vermelho da «mursery» do Palácio de Buckingham.

O prazer manifestado pela princesinha com a sua ultima boneca é motivo de agrado para a rainha e para Margarida. Ambas faziam colecções semelhantes quando crianças.

A ida a Portugal proporcionou á princesa o seu ultimo período de repouso e distração até meados de Agosto. Nas próximas semanas, o seu diário está sobrecarregado com compromissos oficiais, devido aos encargos extraordinários que teve de tomar por motivo da ausência da rainha.

Nas próximas terça e quarta-feira, assistirá ás corridas de Ascot e, no dia seguinte, quinta-feira, estará entre os membros da família real que apresentarão cumprimentos de despedida á rainha e ao príncipe Filipe, no aeroporto de Londres.

No domingo, vai até á venerável catedral de Ely, próximo de Cambridge, a fim de assistir a solenidades religiosas. Na segunda-feira toma o avião em Londres para uma visita de quatro dias ás ilhas do Canal. E, no fim do mês, o programa indica uma viagem a Shropshire. — (A. N. I.)

Uma exposição

de artigos nacionais

na Casa de Portugal

em Paris

PARIS, 13 — O embaixador de Portugal em França, dr. António de Faria, inaugurou na Casa de Portugal a exposição «Made in Portugal». Num conjunto de salas muito bem decoradas, vêem-se fotografias de Portugal e amostras artisticamente apresentadas dos principais produtos portugueses: vinhos do Porto, vinhos da Madeira, vinhos de mesa, cortiça, conservas de sardinhas e outros peixes, conservas de frutas e legumes, frutas e legumes frescos, trabalhos de artesanato, cafés solúveis, bordados, produtos ultramarinos, farinha de peixe.

A inauguração assistiram numerosas personalidades, entre as quais um representante do secretário de Estado dos Negócios Económicos, De Saint Jorre. — (F. P.)



Foi descoberto um Rembrandt. Um mestre da escola vendeu-o por 1.700 libras mas verificou-se valer 20.000. De 1628, a tela não está assinada, mas os peritos asseguram ser do genial pintor. Eis um especialista holandês examinando o auto-retrato e comparando-o com outros já conhecidos.

Os noivos da manhã de Santo António

(Continuação da página central)

noivos, os vestidos elegantíssimos das madrinhas e os fatos dos padrinhos, um dos quais de fraque.

A chegada das noivas

Quando finalmente chegaram todas as vinte e cinco noivas, os automóveis que haviam estacionado no pequeno largo, circundado de árvores, fronteiro ao templo, puseram-se em movimento e vieram, sucessivamente, parar junto á escadaria de acesso ao templo. Os mestres de cerimónia gritavam o numero da noiva, chamando o noivo. Pouco á vontade nos seus fatos domingueiros, entre gente desconhecida e de outras classes sociais, os noivos acorriam. Pelo braço do padrinho, as noivas, cujos rostos populares contrastavam com os luxuosos vestidos, subiam a escadaria e, percorrida a nave da igreja, ficavam lado a lado com os noivos, ao longo do altar-mor e da coxa central.

Junto do altar-mor, também tomaram lugar, em representação da Camara Municipal de Lisboa, os srs. Augusto Pinto e Sáfara da Costa e, em representação do Município de Pádua, os srs. drs. Bertineli e Tardelo, acompanhados pelo sr. Bonito, do Turismo Italiano. A Camara Municipal de Pádua exprimiu através desta sua representação o seu apoio moral á iniciativa do «Diário Popular». E, ao que se anuncia, para o ano este apoio concretizar-se-á na oferta a todos os noivos e noivas de uma viagem de nupcias á cidade italiana que participa com Lisboa a glória do grande traumaturgo português.

A homilia e a troca de alianças

Celebrou os matrimónios o prior da Sé Patriarcal, cônego Manuel Luís, coadjuvado pelo padre Eugénio e pelo sacristão sr. Vieira. Sucessivamente perguntou a cada um dos noivos e noivas se aceitavam o outro como mulher e marido. Recobida a resposta afirmativa, ora timidamente, ora com firmeza, por vezes quase apenas balbuciada, juntava ás mãos, envolvia-as na estola e benzia, pronunciando a fórmula:

CHEGOU A LISBOA

o chefe do Estado-Maior

da R. A. F.

Chegou hoje de Londres, vindo de avião, o marechal do Ar britânico, sir Dermot Boyle, chefe do Estado-Maior da R. A. F., que vem presidir, com o general Belezza Ferraz, a uma sessão do «Tattoo».

No aeroporto apresentaram-lhe cumprimentos de boas-vindas o sr. general Belezza Ferraz, comandante Neto Milharico, pelo ministro da Defesa Nacional, e outras entidades oficiais.

la do sacramento do matrimónio. E, apesar do elevado numero de noivos, teve uma pergunta pessoal e uma palavra de amizade e incentivo para todos. Enquanto se realizava a cerimónia, o coro da igreja entoou, acompanhado a órgão, o hino «Cantai Cristãos». Dominando a entrada do altar-mor, uma grande e bela imagem de Santo António, em talha dourada.

O rev. cônego Manuel Luís dirigiu aos nubentes, terminada a bênção das mãos, uma pregação em que salientou a responsabilidade do matrimónio cristão, enalteceu a bênção de Deus que representam os filhos e teve palavras de incentivo para uma vida moral.

Missa nupcial na Sé

Após a cerimónia da bênção e troca das alianças, os noivos abandonaram a Igreja por uma porta lateral, junto ao altar-mor. Presentes, nos seus hábitos pardos, cingidos por cordões brancos, irmãos da Ordem Terceira de São Francisco. Saudados carinhosamente pela multidão, os noivos atravessaram depois a Rua de Santo António, em direcção á Sé Patriarcal. Máquinas de filmar, projectores da Televisão e «flashes» davam, talvez, uma sensação efémera de grandeza a estes rapazes e raparigas do povo. Os costureiros e mestres de cerimónias corriam de noiva para noiva, puxando aqui; corrigindo ali, a fim de valorizarem os vestidos, impressionantes pela beleza e pelo valor.

Na Sé Patriarcal, os noivos ouviram, seguidamente, missa nupcial, rezada pelo cônego Manuel Luís. Durante a cerimónia, fez-se ouvir o coro «Stella Vitae», regido pelo maestro Jorge Manzoni, tendo como organista o sr. dr. António Fonseca. Os altares estavam muito bem decorados, destacando-se centenas de lírios nas jarras armadas em escada e valiosos tapetes no chão do altar-mor.

Um «copo-d'água» na Estufa Fria

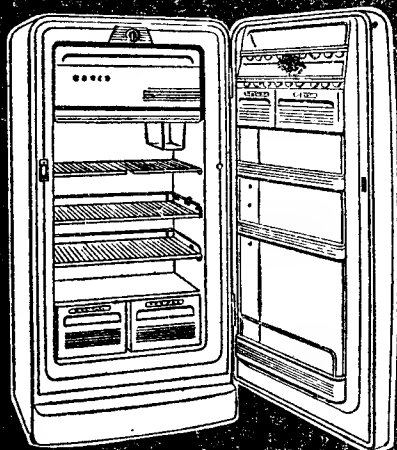
Rezada a missa, de noivos e noivas tomaram lugar nos seus automóveis. O extenso cortejo, em que também se incorporaram os padrinhos e muitos outros convidados e patrocinadores desta feliz iniciativa, atravessou a Baixa e dirigiu-se ao Parque Eduardo VII. Ao longo das ruas da Baixa, muitas centenas de pessoas assistiram á passagem do cortejo, saudando os noivos, por vezes com salvas de palmas.

Na Estufa Fria, foi servido um «copo d'água», oferecido aos noivos pelo Governo Civil e Camara Municipal de Lisboa. Os jovens que hoje uniram os seus destinos, para todo o sempre, foram saudados com palavras carinhosas pelo sr. dr. Ovídio Vaz, chefe do distrito, e brigadeiro França Borges, presidente do Município.



FEIRA DAS INDÚSTRIAS BRITÂNICAS

A SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA., TEM A HONRA DE CONVIDAR TODOS OS INTERESSADOS A INQUIRIR SOBRE QUAISQUER ASSUNTOS RELACIONADOS COM ÓLEOS CASTROL, ÓLEOS INDUSTRIAIS WAKEFIELD-DICK E MATERIAL PARA ESTAÇÃO DE SERVIÇO, DA MARCA WAKEFIELD, NO SEU STAND N.º A2, DESTA FEIRA, ONDE SE ENCONTRA SEMPRE UM FUNCIONÁRIO COMPETENTE PARA ATENDER.



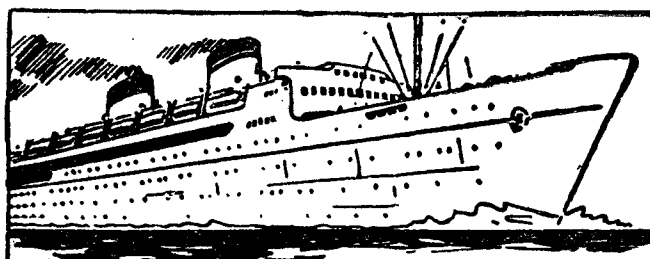
NA
VANGUARDA
DA TÉCNICA
ALEMÃ

7 MODELOS
DESDE 5.990\$00

APROVEITAMENTO
MÁXIMO

CONSUMO
REDUZIDO

BOSCH



"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA: **AMÉRICA DO SUL**

CONTE GRANDE

28 Junho

Dakar
Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

PARA: **MEDITERRÂNEO**

CONTE BIANCAMANO

5 Julho

Barcelona
Cannes
Génova
Nápoles

OS AGENTES:

Em Lisboa:
**AGÊNCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA.**
Rua do Alecrim, 20-A, 1.
Telefone 27264

No Porto:
**KENDALL, PINTO BASIO
& C. L.**
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

**Alberto Mário
de Sousa Vaz**
FALECEU

Suas filhas genro e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido pai, sogro e parente e que o funeral se realiza amanhã dia 14 pelas 11 horas da Rua Newton, 22-1.ª-Esq., para o cemitério do Alto S. João.

AGENCIA MARIO MILHEIRO
Rua dos Anjos, 57-B

**Idalia Ferreira
dos Santos**
FALECEU

A GERÊNCIA DA ANIGER, LDA. cumpre o doloroso dever de participar aos seus Clientes, Fornecedores e Amigos, o falecimento da sua Sócia-Gerente D. Idalia Ferreira dos Santos, mãe e parente dos Sócios Alfredo Barbosa dos Santos e D. Fabiana dos Santos da Gama Franco e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, saindo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o seu jazigo no cemitério de Benfica.

**Idalia Ferreira
dos Santos**

FALECEU

Alfredo Barbosa dos Santos, Maria Paula de Ortins Ferreira Barbosa dos Santos, Ilda Ferreira de Paiva Simões, Julia Arcelina Capucho, Maria Julia Ferreira David, Fabiana dos Santos da Gama Franco, Dr. António Maria da Gama Franco e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, irmã, sobrinha, e parente e que o seu funeral se realiza amanhã às 10 horas, saindo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para o seu jazigo no cemitério de Benfica.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

**Idalia Ferreira
dos Santos**
FALECEU

A ADMINISTRAÇÃO DA FÁBRICA DE CHOCOLATES REGINA, LIMITADA, cumpre o doloroso dever de participar aos seus Clientes, Fornecedores e Amigos, o falecimento da viúva do sócio fundador Albert. Barbosa dos Santos, mãe e parente dos Sócios Alfredo Barbosa dos Santos e D. Fabiana dos Santos da Gama Franco e do Gerente Dr. António Maria da Gama Franco e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, saindo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o seu jazigo no cemitério de Benfica.

**Idalia Ferreira
dos Santos**
FALECEU

A DIRECÇÃO DO REGINA CLUBE (C. A. T. n.º 312) em seu nome e no de todo o pessoal da Fábrica de Chocolates Regina, Limitada, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da mãe do Presidente do Conselho Fiscal, Sr. Alfredo Barbosa dos Santos e parente do Presidente da mesa da Assembleia Geral Sr. Dr. António Maria da Gama Franco e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, saindo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para o seu jazigo no cemitério de Benfica.

TURMIX

BATEDORES

MOÍNO DE CAFÉ

BATEDOR DE MASSAS

CENTRIFUGADOR DE FRUTOS

CORTA VEGETAIS

ESPRESSADOR DE LARANJAS E LIMÕES

DESCASCADOR DE BATATAS

SHAKER

MOD. 450

Distribuidores Gerais: **MARÇAL CORREA, LDA.**
Rua Serpa Pinto, 15, 6.ª, Esq., (com elevador), Tel. 26076
LISBOA

**POLICLINICA
CAMPO D'OURIQUE**

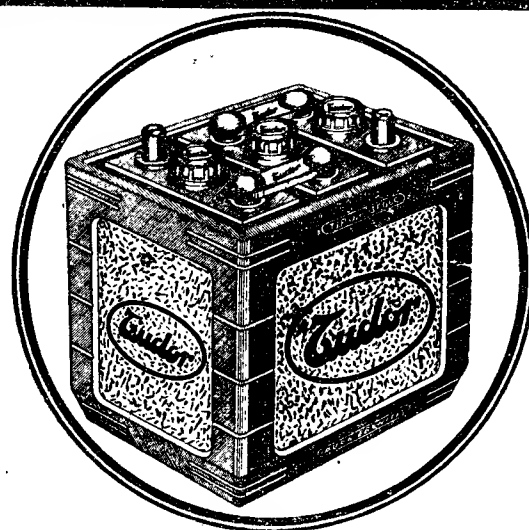
Rua Francisco Metrass, 24, 1.ª-Dt.
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

**COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO**

Por este Tribunal e 2.ª secção correm éditos de 20 dias a contar da publicação do ultimo anuncio, citando quaisquer credores desconhecidos de Moisés Neymara, morador na Avenida de Paris, 10-A, desta cidade, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária que lhe move J. Mendes Coelho, Limitada, Lisboa, 6 de Junho de 1959.
O Juiz de Direito
HERNANI GIL CRUZ DE CAMPOS
E LENCASTRE
O chefe de secção, ajudante
P. LUIZ MENDES

TUDOR



A MELHOR BATERIA

BOLETIM DO DIA

EFEMÉRIDES

No dia 13 de Junho de 1953 Rosalinda Pinilla destituiu da presidência da Columbia o general Gomez.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio rural; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa A — As 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 10 e 45, A Orquestra de Tony Osborne; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Música de jazz; 20 e 30, Album musical; 21 e 15, Canções de Itália; 21 e 30, Ritos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores. No intervalo: «Terras de Angola»; 23 e 20, Danças.

Programa B — As 19, Uma palestra; 19 e 10, Cantatas; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Compositores neerlandeses; 20 e 30, Música vocal; 21 e 20, Concerto pelo Coro Polifonia, dirigido pelo cantor-mor Mário Sampaio Ribeiro; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, 2.º programa da série «Sonatas de Mozart»; 22 e 20, Cartas a um músico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?

RADIO CLUBE — As 18, Teatro de brincar; 18 e 15, Jornal feminino; 18 e 45, Diálogos do Olavo; 19, Festas do Montijo; 19 e 15, Conjuntos; 19 e 30, Orquestras e canções; 20 e 10, Noticiário; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por música; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Opereta; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Don Marino Barreto Junior; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, Orquestra de Jerry Mengo; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Solistas; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritos de baile; 0 e 55, Sumário; 1, Fecho.

Emissor de Miramar — As 18, Paisagem infantil; 18 e 30, Orquestras e canções; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 45, Brasil; 22 e 15, Intermédia musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Programa de concerto; 23 e 30, Variedades; 0, Baile; 0 e 28, Sumário; 0 e 30, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30, Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, Horizonte do Mundo; 19 e 45, Solos de piano; 20, Música para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As últimas novidades; 21 e 30, Música e vozes portuguesas; 21 e 50, Melodias; 22 No reino das musas; 22 e 20, Composições escolhidas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 19 e 30, Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22, Rádio Peninsular; 22 e 1, Voz de Lisboa; 1 e 2, Club Radiofónico de Portugal.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 45 — «O processo de Jesus».

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «Eles... e os meninos».

ABC — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Mulheres à vista».

MARIA VITÓRIA — As 21 e 45 — «Arraial de Lisboa».

CINEMAS

TIVOLI — «Carnaval do amor».

S. LUIS — «Segredo da vida».

S. JORGE — «O dilúvio do medo».

IMPERIO — «Balada sangrenta».

EDEN — «O 7.º mandamento».

POLITEAMA — «O regresso de Robin dos Bosques».

MONUMENTAL — «O tunel do amor».

ODEON — «O amigo da família».

CONDES — «O grande hotel».

ROMA — «Polícia e ladrão».

AVIS — «Pressa de viver».

ALVALADE — «A terra dos homens maus».

CAPITOLIO (Terraço) — «A vinha trágica».

OLIMPIA — «Congo».

PAVILHÃO — «Sol no coração».

RESTELO — «Um solteiro em Paris».

ESPLANADA PORTUGALIA — «Duelo de gigantes».

IDEAL — «A flecha quebrada».

JARDIM — «Homem até ao fim».

PROMOTORA — «O diário de minha mãe».

TELEVISAO

Hoje, às 21: Abertura; 21 e 2: «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10: «Tele-Desporto»; 21 e 30: «Período da «Associated-Rediffusion»: «Esta noite na Feira», refresco musical e concurso; 22 e 30: «Jornal R. P.»; 22 e 55: «A visita da princesa Margarida a Lisboa»; e 23 e 40: Encerramento da emissão.

HA TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 13 de Junho de 1929:

«Alves da Cunha, comediante do talhe de Zaconi, inquisidor de almas, estupefando estatutário de figuras, mereceu do importante jornal alemão «Berliner Borfen Courier» uma admirável crítica da qual transcrevemos os seguintes períodos: «Alves da Cunha é não só o maior actor de Portugal, como provavelmente um dos melhores actores da Europa. Tem uma voz como a de Bassermann, a figura de Kloepper e o temperamento de Krauss. Estas comparações sumárias são indispensáveis, porque o palco alemão raras vezes apresentou uma personalidade com um tal conjunto de qualidades». E o «Diário de Lisboa» comentava: «És uma notável e invulgar homenagem a que de todo o coração nos associamos».

HOMENAGENS

Na sede da associação de socorros mútuos «A Providente dos Funcionários do Ultramar», no segundo andar do edifício do Amparo, na Rua da Mouraria, há hoje à tarde uma sessão de homenagem ao antigo presidente da direcção sr. Germano Augusto Teles Grilo, pela sua notável administração durante o triénio de 1956-58. Será descerrada uma fotografia do homenageado.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO — Benfica — Estrada de Benfica, 678-B, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606. Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, 1 780511. Santa Cruz — Rua n.º 15, a Av. Gomes de Faria, n.º 2-A, Tel. 784838. (auto-estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841. Prates e Mota — Rua da Beneficência (ac Rego) 91. Telefone 710621.

PORTO pelo telefone

Uma razia na gatumagem

PORTO, 13. — A brigada de Serviços Externos da Secção Central da P. J. em serviço de prevenção e repressão da criminalidade, capturou os seguintes indivíduos: José Humberto Maia, de Torres Vedras e residente em Lisboa; António Ferreira Lopes, de Gaia, sem morada certa; Alice Lopes de Carvalho, do Porto. Fernando Carvalho Araújo, de Braga. Fortunato da Silva Resende, do Porto, todos sem residência certa.

As capturas foram solicitadas, do primeiro, pela P. J. de Lisboa; do segundo, terceiro e quarto, por mandados do Tribunal de Execuções de Penas, do Porto, e o quinto, do 1.º juízo criminal desta cidade.

A mesma brigada, nos passados dias 6 e 7 do corrente, durante as tradicionais festas a S. Gonçalo de Amarante, localizou a 16 cartelistas, na rua, grande parte do sexo feminino, fazendo a apresentação dos mesmos às autoridades locais, evitando assim, furtos de carteiras aos forasteiros.

No dia 5 do corrente fora preso, nesta cidade, Jorge Joaquim de Jesus, aqui residente no Bairro João de Deus, por mandado de captura do 2.º juízo correccional.

Atropelamento mortal

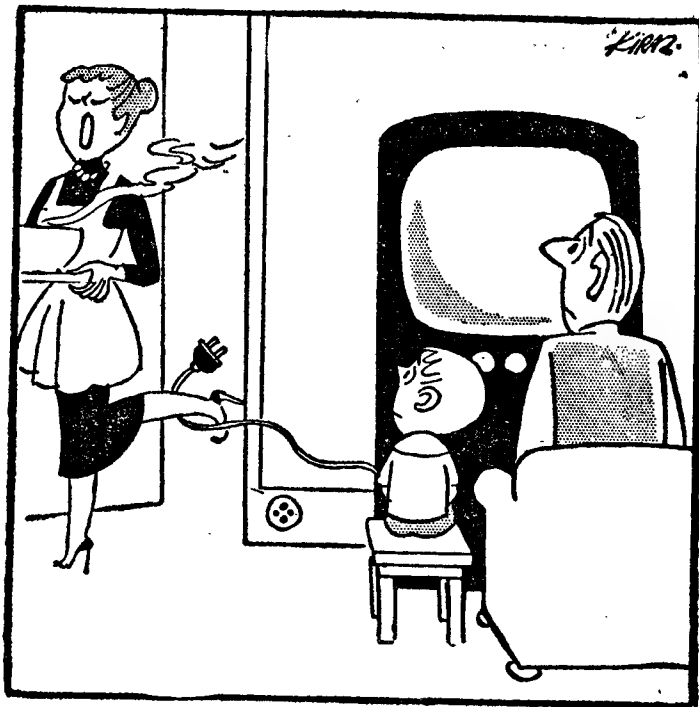
No cruzamento das ruas D. João IV e Fernandes Tomás, no lo-

GRUPO BP

Amanhã, às 21 e 30, na sede da Associação Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, d.º 89, efectua-se a sessão solene de encerramento das actividades culturais comemorativas do cinquentenário do Grupo BP. Será também ali encerrada a 1.ª exposição filatélica do Clube BP, sendo distribuídos os prémios aos expositores.

O nosso prezado colaborador dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal, fará uma palestra sobre filatelia. A entrada é publica.

773728. Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397, 411 — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380, Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443, Chin-de — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331, S. Miguel — Praça Francisco de Moraes I, Tel. 771469, Providência — Rua D. Filipa de Vilhena 94, (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luis Bivar, 69-71, Tel. 47213, Correia de Almeida — Avenida Pontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385, Sa da Bandeira — Rua Marquês da Bandeira, 36, Tel. 41961, Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 54808, Ascensos, Lda. — Rua J. Jote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172, Freitas — Rua Zofimo Pedrosso 11-13, Tel. 381136, Mariuz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395, Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326, Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 562909, Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV, Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269, Romano Baptista — Rua Passos Manuel 6-10, Tel. 50593, Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513, Higiénica — Rua Heliodoro Saigão, 20-A, Tel. 844361, Rodon — Rua Rodrigo da Fonseca 133, 1 683438, Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694, Amoreiras (Lda) — Praça das Águas Livres, S-D, Tel. 681515, Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514, 1 687949, Linada — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955, Confiança — Praça das Flores 59, Tel. 27901, Alb — Rua Santana 4, Lapa 156, Tel. 6635-62, Higiúna — Rua de Pedrouços 50-52, Tel. 610280, Mendes Gomes — Calçada da Ajuda 222, Tel. 638256, Botânico-Química Lda. — R. da Junqueira 38-40, Tel. 638132, Ester Nogueira — Rua de Alcântara, 5-A, Tel. 637563, Moderna — Rua Garcia 18, 24, Tel. 663117, Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636, Luis Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, 1 46490, Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Tel. 60464, Simões Pires — Rua da Prata 115, Tel. 32350, Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova de Almeida, 71, Tel. 30521-A-; Cel. — Rua Mourão Girão 3-B, Tel. 710621.

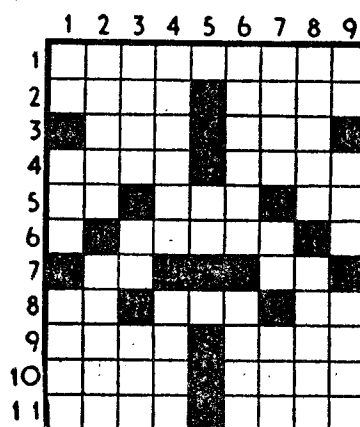


— A sopa vai para a mesa...

palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1622



HORIZONTAIS: 1 — Fazer fogo sobre. 2 — Estimou. Antiga cidade na Tarraconense, na Hispania. 3 — Nesse lugar, doutores. 4 — Célebre astrónomo francês autor de «Astronomia Popular». 5 — Seguiu. Sufixo que indica abundância. Em partes iguais. 6 — Preposição. Língua de terra que liga uma península a um continente. 7 — Cabelo branco. 8 — Artigo definido do (ant.). Doença. Língua antiga e medieval falada ao S. do Loire. 9 — Pau com que se governa o leme. Enjeo. 10 — Resa. Habilidade. 11 — Saudáveis. Santos.

VERTICAIS: 1 — Maligna. Vende a crédito. Reflexões de sons. 2 — Mete na mala Nome de mulher. 3 — Burla, fraude. Comparecia. Recusa. 4 — Caimos pela base. Além disso. 5 — Erudito filólogo alemão autor de «Vida de Platão». 6 — Latente. Contração de dois pronomes (pl.). 7 — Embarcação de mezena rectangular do Mar da Mancha. Alternativa. Prega. 8 — Esmonça. Mar também chamado de Asfaltite. 9 — Batráquio. Negação. Animais domésticos.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 1621

HORIZONTAIS: 1 — Cm. Carme. 2 — Deitar. Ag. 3 — Ralas. 4 — Pérolas. 5 — Lesas. Lás. 6 — El. A. Me. 7 — Rás. Rufar. 8 — Recatos. 9 — Matos. 10 — Ar. PORCOS. 11 — Ligas. Asa.

VERTICAIS: 1 — C. D. L. Ler. Mal. 2 — L. Pelar. Ri. 3 — Aires. Sem. 4 — Taras. Capa. 5 — Calos. Ratos. 6 — Aral. Autor. 7 — Sal. Fosca. 8 — Má. Samas. Os. 9 — Ega. Ser. Usa.

Proverbio: Deitar pérolas a porcos.

FOI ADIADA

a Feira dos Inválidos do Volante

Estava marcada para hoje a abertura da Feira dos Inválidos do Volante, mas, devido ao facto de vários expositores se terem atrasado, foi a sua inauguração adiada para as 17 horas do dia 18. Uma hora depois será aberta ao publico.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento até ao dia 30 de Junho, com juros da mora, as seguintes:

Contribuição Predial — Pode ser paga toda a dívida ou somente a primeira prestação semestral e as primeiras e segundas prestações trimestrais. Se a primeira prestação trimestral não for paga até aquela data relaxará toda a dívida sendo paga, a segunda só relaxará com o resto da contribuição em 29 de Setembro.

Contribuição Industrial — Pode ser pago o resto da dívida ou somente a segunda prestação trimestral. O relaxe só se opera com as terceiras e quartas prestações em 29 de Setembro.

Imposto Profissional — Liberais — Pode ser pago o resto da dívida ou somente a segunda prestação trimestral. O relaxe só se opera com as terceiras e quartas prestações em 29 de Setembro.

Taxa Militar — A anuidade de 1959 não paga até ao ultimo dia do mês de Maio pode ser liquidada em dobro, isto é por 120\$00 até ao ultimo dia do mês de Dezembro do corrente ano, posto o que relaxará e será cobrada com custas e selos do processo.

Licença de estabelecimento comercial ou industrial — Encontra-se a pagamento nos Paços do Concelho durante este mês de Junho, mas sujeita ao pagamento de juros da mora.

DOCTRINA

Traspasse e novos arrendamentos — Valores para a sua liquidação: — Na determinação de material colectável dos contratos de traspasse entrar-se-á em conta com três valores — traspasse, renda líquida declarada e rendimento colectável da matriz — quer se trate de simples traspasse, quer de qualquer das modalidades de traspasse e novo arrendamento simultâneo.

Do despacho do Subsecretário de Estado das Finanças, de 18 de Março de 1959, in Boletim da D. G. das Contribuições e Impostos de 1959, vol. 3.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

MORRERAM NO HOSPITAL — No Hospital dos Capuchos, onde entrara há dias, faleceu Firmino Augusto Brás, de 10 anos, residente no bairro Clemente Vicente, 33, rés-do-chão, no Dafundo, onde foi atropelado por um automóvel.

E no Hospital de S. José faleceram: José Maria de Oliveira, de 60 anos, jornaleiro, cuja residência se ignora e que adoeceu subitamente na Avenida D. Carlos I; Manuel de Oliveira Ferraz, de 33 anos, vendedor ambulante, morador na Calçada da Picheleira, 23, 1.º, que foi colhido por uma camioneta na Rua dos Caminhos de Ferro; Maria Lucas Póvoa, de 63 anos, residente no Casal Novo do Moinho, Meca, Alenquer, que ingeriu raticida por engano, e Rosalina da Conceição Pinto, de 70 anos, moradora na Rua Morais Soares, 89, 4.º, vítima de queda.

A próxima semana será decisiva para os trabalhos da Conferência de Genebra

(Continuação da 1.ª página)

O Presidente Eisenhower não modificou em nada a sua atitude a este respeito desde a sua última conferência de imprensa. Aceitará qualquer recomendação que lhe possa fazer Christian Herter, de Genebra, se o secretário de Estado julgar que o boco sem saída é demasiado profundo para haver qualquer possibilidade de sair dele.

Em qualquer caso está fora de causa que o chefe do Governo americano aceite encontrar-se com o Presidente do Conselho soviético enquanto Moscovo mantiver sobre as negociações qualquer ameaça.

Em 3 de Junho, Eisenhower afirmou que não via como um chefe de governo respeitável poderia dirigir-se a uma conferência de alto nível sob a influência de qualquer ameaça. É verdade que Gromyko afirmou que as suas últimas propostas não constituem um ultimato. Mas na capital americana não se vê como se poderão reatar as negociações em bases verdadeiramente sérias se as últimas propostas não forem simplesmente retiradas para regressar ao estado da situação na véspera da apresentação.

A delegação que Herter dirige em Genebra tem o apoio, não só do Governo, mas também do Congresso, e esta certeza dar-lhe-á, na fase extremamente crítica que vai começar na segunda-feira, o peso e a autoridade indispensáveis para julgar e decidir de acordo com os aliados. Não é caso, destaca-se, de ceder perante a insistência soviética que quer que os chefes de Governo se reúnam mesmo que os ministros falhem. — (F. P.).

O fim de semana dos participantes na conferência

GENEVBRA, 13 — Fim-de-semana de reflexão. A actividade a partir

CÃO CONDENADO à pena de morte substituída por prisão

LONDRES, 13. — O tribunal do Durham condenou um cão que matou um carneiro à «pena» de reclusão «numa casa de reeducação para cães delinquentes».

O cão matou um carneiro em Chester-Le-Street, no condado de Durham. O magistrado local ordenou que o animal fosse abatido, mas o dono apelou para o tribunal do Condado. O advogado da defesa referiu-se, no julgamento, ao «comportamento sem mácula» do seu constituinte, até ao dia em que por infeliz incidente matou o carneiro. O depoimento do representante da Liga de Defesa da Raça Canina contribuiu também para que o tribunal anulasse a sentença de morte, substituindo-a pela de «reeducação». — (F. P.).

O Governo francês

procura evitar
a greve dos transportes
anunciada para terça-feira

PARIS, 13. — O chefe do Governo francês, reúne-se esta tarde com os dirigentes dos sindicatos dos ferroviários, a fim de discutir a situação criada pela ameaça de greve.

O pessoal dos caminhos de ferro recebeu ordem, dos dirigentes sindicais, para paralisar o trabalho, na próxima terça-feira, desde as 4 da madrugada até ao meio-dia.

Ontem à noite, Michel Debré declarou, numa mensagem dirigida à Nação, pela televisão, que o Governo está firmemente disposto a não consentir que os serviços públicos sejam afectados por greves como a que foi projectada para terça-feira e que tem o carácter nitidamente político.

O chefe do Governo avisou os dirigentes sindicais de que, se for necessário, recorrerá à mobilização do pessoal ferroviário, a fim de manter a circulação dos comboios. — (A. N. I.).

de hoje exerce-se noutro local. Couve de Murville está em Paris. Selwyn Lloyd está em Londres, onde as suas conversações com o primeiro-ministro, Harold MacMillan, podem ter um efeito importante nas decisões que serão tomadas em Genebra e no futuro das relações Leste-Oeste.

Os outros ministros ficaram, mas Christian Herter disse que faria turismo e André Gromyko deixou entender, por intermédio do seu informador, que faria o mesmo: Gromyko, disse, ficará na Suíça, mas não necessariamente em Genebra. Finalmente, Heinrich Von Brentano não deu a conhecer projectos precisos. Não é impossível, no entanto, que sejam tomados certos contactos para aproveitar o prazo que os ministros se deram: Um único acontecimento esta manhã: a partida de Willy Brandt para Berlim. — (F. P.).

Sugestão para uma suspensão temporária dos trabalhos

WASHINGTON, 13. — O presidente da Comissão das Relações Exteriores do Senado, J. William Fulbright, acha aconselhável que se suspendam os trabalhos da Conferência de Genebra, por dez dias, de forma a permitir que a delegação russa possa «receber instruções» do Kremlin.

Fulbright fez uma declaração neste sentido depois do senador democrático Mansfield ter sugerido que o chefe do Governo soviético estudasse pessoalmente as propostas apresentadas pelo Ocidente na Conferência de Genebra, antes que as conversações se malogrem.

Por sua vez, Mansfield afirmou no Senado que os planos para o Ocidente propostos pelos agentes de Kruchchev são não só ridículos, como também «muito semelhantes» aos que o chefe do Governo soviético já aprovava. — (A. N. I.).

O estado actual dos trabalhos

GENEVBRA, 13. — A conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros deve reunir-se em sessão à porta fechada, na segunda-feira. Além disto, tudo são hipóteses. Enquanto que nos círculos ocidentais, apenas se ouve falar de adiamento, nos soviéticos, fala-se de continuação das negociações. E' consequentemente provável que os Ocidentais que se recusam a negociar sob o que têm por ameaça, proponham ao parceiro russo que os trabalhos da conferência sejam suspensos, quer «sine die», quer aprazando encontro dentro de um mês ou seis semanas. Se Andrei Gromyko, como levam a supor todas as indicações de fonte comunista, recusar a proposta, caber-lhe-á a responsabilidade do rompimento final e absoluto.

E' esta, pelo menos, a atitude marcada pelas delegações ocidentais, desde a reunião de ontem dos seus chefes, depois da sessão pública em que Gromyko se negou a retirar o seu projecto.

Mas tudo leva a crer que o ministro soviético não se prestará ao argumento previsto. O seu informador disse ontem que a delegação da U. R. S. estava pronta a negociar e negociaria. Não seria para admirar, portanto, que Gromyko, verificando o boco sem saída actual,

tentasse desviar a discussão para outros assuntos: acordo sobre não recurso à força, zona de limitação dos armamentos, etc. Os Ocidentais não quererão, deixar-se levar para esse terreno, mas a tática soviética poderá obrigá-los a adiar o fim das negociações.

O que é certo é que a conferência não se pode prolongar por mais de alguns dias, em virtude das viagens de Couve de Murville a Roma e a seguir a Madagascar, às obrigações imperiosas, de Christian Herter e Selwyn Lloyd. Admite-se o rompimento, sob forma mais ou menos disfarçada, em que cada um atribuirá a sua responsabilidade ao parceiro. — (F. P.).

De Gaulle recebeu hoje
Couve de Murville

PARIS, 13. — O presidente de Gaulle conferenciou esta manhã com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Couve de Murville, que o visitou às onze horas, ao que parece para informar sobre o andamento das conversações de Genebra.

Embora não haja qualquer comunicado oficial, diz-se o Governo francês não vê com optimismo a possibilidade de produzir a conferência de Genebra resultados importantes. — (A. N. I.).

Uma declaração de Mikoyan

MOSCOVO, 13. — «As propostas soviéticas são de tal maneira claras que sinto-me desapontado, pela minha parte, ao verificar que as potências ocidentais as rejeitem» — declarou hoje A. Mikoyan, na recepção oferecida pela Embaixada britânica, no aniversário da rainha Isabel II. — (F. P.).

Nova legislação em Espanha para assegurar a ordem pública com largos poderes para o ministro do Interior

MADRID, 13. — Um projecto de lei sobre a ordem pública, que reforça sensivelmente os poderes do ministro do Interior, foi publicado no «Boletim das Cortes», cuja circulação é limitada aos membros daquele órgão, e foi tornado publico de ontem para hoje. A difusão do texto, que deve ainda ser aprovado pelas Cortes, coincide com os rumores de greve que circulam há um mês.

Entre os atentados à ordem pública figuram «os actos que perturbem ou tendam a perturbar a segurança pública, o funcionamento normal dos serviços públicos, a regularidade dos abastecimentos, as paragens de trabalho, as greves e dos encerramentos ilegais de estabelecimentos».

Em virtude deste projecto, o ministro do Interior, encarregado de executar as providências neste domínio adoptadas pelo Conselho de Ministros, poderá apelar para todas as forças de segurança do Estado



Chegaram a Moscovo estes admiráveis modelos que constituem o exército do celebrado Dior. Dior conquista a U. R. S. S. com o sorriso e a elegância dos seus modelos, que ali vão permanecer durante alguns dias de propaganda da moda de Paris

Malogrou-se o lançamento do foguetão "Polaris" da Marinha americana

CAPE CANAVERAL, 13. — A Marinha norte-americana lançou hoje mais um foguetão «Polaris» — o décimo da última série de experiências.

A primeira parte do foguetão separou-se normalmente, um minuto depois do lançamento, mas pouco depois foi interrompido o contacto pela rádio e desconhecendo-se ao certo o que sucedeu ao foguetão.

Informações posteriores indicam que o lançamento se deve ter malogrado definitivamente. — (A. N. I. e F. P.).

A coordenação das actividades interplanetárias

NAÇÕES UNIDAS, 13. — A comissão de estudo, constituída por cientistas e juristas de treze países que desde 6 de Maio se propuseram examinar os problemas suscitados pela exploração interplanetária, discorda da formação de um organismo internacional para o espaço extra-atmosférico, mas recomenda que as Nações Unidas dirijam a coordenação de todas as actividades interplanetárias.

A comissão, a princípio formada por dezoito países, foi boicotada pela Rússia, sob a alegação de que devia apresentar maior equilíbrio entre o numero de membros comunistas e neutrais e de membros que seguem a linha ocidental. Assim, o grupo ficou reduzido a representantes da Argentina, da Austrália, da Bélgica, do Brasil, do Canadá, da França, da Pérsia, da Itália, do Japão, do México, da Suécia, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

No relatório apresentado à O. N. U., a comissão declara que aquela Organização deve chamar a si a coordenação e o «encorajamento» de projectos como: o censo regular de satélites artificiais, cujo «numero será considerável no futuro e de grande utilidade para muitos países»; a criação de centros internacionais de lançamento de «foguetões-sondas» de exploração espacial; a assinatura de acordos internacionais para a devolução, ao país de origem, de veículos que caíam em território estrangeiro; o alargamento das vias de informação dos cientistas e do publico. — (A. N. I.).

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS
Tel. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços, Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

excepto às 2.ªs-feiras

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

Subsidiado pelo Fundo de Turismo

INSTITUTO PARTICULAR DE SAÚDE

Av. Guerra Junqueiro, 14, 1.ª, Dt.ª — LISBOA — Tels. 728182 e 728183

SERVIÇOS MÉDICOS

Consultas de todas as especialidades, Análises Clínicas, Radiografias, Electrocardiografia, Fisioterapia e Transfusões — Preços de Policlínica

Serviço permanente (dia e noite) de Chamadas ao domicílio

ATENÇÃO: NOVOS NUMEROS DE TELEFONE

728182 e 728183

SÁBADO 13 DE JUNHO INAUGUROU-SE HOJE UM NOVO SERVIÇO DE FERRY-BOAT

ENTRE

BELÉM e PORTO BRANDÃO

A Sociedade Marítima de Transportes, Lda., tem o prazer de informar a inauguração desta nova linha para passagem de veículos, que o novo cais que a Administração Geral do Porto de Lisboa acaba de construir em Porto Brandão permite estabelecer.

Recomenda-se em especial a sua utilização para os veículos que se destinam à zona da Caparica ou dela venham para Lisboa, pois nela encontrarão um transporte mais rápido, concorrendo ao mesmo tempo para aliviar o serviço da linha entre o Terreiro do Paço e Cacilhas.

de profunda e uma imaginação poderosa, a condessa organizou um «salão», tão ao gosto da época, por onde passaram músicos, poetas, escritores, e que de melhor e pior havia entre os intelectuais ansiosos do tempo. O «salão» foi um êxito, tendo à frente, como tinha, uma mulher de rara formosura e grande «decência aristocrática».

Liszt entrou nele, viu e amou Maria com toda a ingenuidade dos seus ardentes vinte anos e a violência de um génio arrebatado. Maria, espantada e — quem sabe! — um pouco amedrontada com estes sentimentos até aí desconhecidos para ela, chamou-o à razão, com toda a prudência de mulher mais velha e já experimentada nas coisas de coração. Mas precisamente, embora casada e mãe, Maria desconhecia as coisas do coração — o coração dela estivera até adormecido. Estava reservado ao grande artista acordado. E com que louca paixão! Quebrado o gelo da sua proverbial seriedade, Maria quase nem deu fé daquele amor violento e sublime que a arrastara para um destino diverso do que lhe fora traçado na vida. Franz apareceu como um libertador. Pensou no seu coração vazio, na vida sem sentido que levava até aí, pensou no pesado fardo que agora eram para ela, os deveres civis e familiares. Agora amava, com um amor bem humano, feito de violência, de solidão e de felicidade, de desejos e de pecado, de angústia e de libertação.

Mas a morte de uma das filhinhas lançou-a no desespero e no remorso. Naquela morte via o castigo do seu crime de amor. Teria de renunciar

(Continua na página seguinte)

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 49

Diário de Lisboa

ARTE do POVO



Raparigas bordando a colcha de noivado da princesa Margarida

UMA COLCHA PARA A PRINCESA MARGARIDA

Há 30 anos, naturalmente mais, ao certo não se sabe quando, as colchas de noivado, começaram a cobrir os leitos nupciais das noivas da Beira.

Desde tempos longínquos se semeava em Castelo Branco o linho galego ou mourisco com que se fiavam e teciam roupas e lençóis; criando os bichos de seda, obtinham-se fios que eram tintos de cores suaves; assim nasceram no coração da Beira as matérias primas necessárias à confecção das celebradas colchas.

Somos levados a crer que o gosto pelo bordado já existia na região, mas teria sido a riqueza dos panos que os navegadores traziam do Oriente o principal estímulo desta arte popular. Muitos exem-

plares antigos mostram nos motivos de decoração a influência da China, da Índia, da Pérsia, bem como, pelo tempo fora, do Renascimento e do Barroco.

Existem colchas de Castelo Branco, gêmeas das de Toledo, guardadas como preciosidades, que eram bordadas nos séculos XVII e XVIII aos milhares (hoje são verdadeiras reliquias de família disputadas em partilhas como objectos raros, procuradas por endinheirados de bom gosto e pelos negociantes de antiguidades).

Colcha bonita! Velhinha!
Diz-me lá quem te bordou?
Alguma rapariguinha
Que nem sequer se casou

Algumas dessas colchas que no começo deste século dormiam no fundo de velhos baús chapeados, ou nas arcas de bragal foram adquiridas por espertalhões trocando-as por simples cobertas de algodão.

As colchas de noivado, ricas ou

(Texto e fotografia de J. TEODORO DA SILVA)

pobres, eram peça obrigatória dos enxovais das moças casadoiras, eram como que um talismã ou símbolo da felicidade e do entusiasmo com que os seus dedos ágeis as confeccionavam para o feliz dia. Depois da boda eram a recordação de um sonho despertado «de um poema de amor já lido».

Que segredos sabe Deus,
Essa velha colcha encerra!...
— Não os digas, são só meus,
Ninguém os sabe na terra.

Executadas em linho fino, algumas vezes tinto de azul, creme, ou castanho leve, são bordadas a seda frouxa com o ponto oriental ou ponto largo mais conhecido por

(Continua na página central)

Não se pode viver sem elas

O escritor Jacques Chardonne, de quem se ocupam presentemente muito os jornais franceses, é um céptico e, decerto, por sugestão do nome muito «chardónico»... O semanário «L'Express», a quem concedeu uma entrevista, chamou-lhe, mesmo nas barbas, «reaccionário». Viva a franqueza!

Pois o mesmo jornal fez-lhe uma série de perguntas às quais o escritor respondeu também com toda a franqueza. Os leitores e as leitoras (estas, sobretudo), o avaliarão:

L'EXPRESS — Alguns dos seus livros, por

(Continua na página central)

MARCO POLO



(1)



(2)



(3)

Há 760 anos o explorador-viajante MARCO POLO ditava na prisão o seu «Livro de Memórias»

e contou-lhe as suas aventuras. Rusticiano escreveu-as. Foi desta maneira que nasceu o «Livro das Maravilhas». O manuscrito da obra encontra-se actualmente na Biblioteca Nacional, em Paris. As ilustrações são da autoria de um artista desconhecido da mesma época — possuidor, também ele, de prodigiosa imaginação.

Marco Polo foi posto em liberdade em 1299. Morreu em 1323, com a idade de 70 anos.

(1) «Quando partimos de Caracorum e de Selai para o Norte, atravessamos uma região chamada a planície de Bangus». Os habitantes são conhecidos pelo nome de Merkits, vivem como selvagens, ali-

mentam-se de caça, especialmente de cervos, que também utilizam como cavalos.

(2) «A dez dias de jornada para Ocidente de Chiaki, encontra-se a província de Caraiam. Os habitantes são idólatras. Dedicam-se à pesquisa do ouro, num rio. Possuem tanto ouro que dão um saco

em troca por seis de prata. As porcelanas, que importam da Índia, são usadas como moedas. Nesta região existem cobras monstruosas e serpentes tão grandes que é horrroso de ver... Têm duas pernas junto da cabeça: essas pernas não terminam por pés, mas sim por uma unha como as dos falcões e dos leões. Engolem um homem sem qualquer dificuldade...».

(3) Andamão é uma ilha bem grande. Não tem rei. Os habitantes são idólatras, antropófagos e brutos como animais selvagens. Os homens têm uma cabeça semelhante à dos cães.

Marco Polo, nascido a 1254, em Veneza, é o mais célebre viajante da Idade Média. Partiu em 1271, na companhia do pai, Nicolo, e do tio Matteo, com destino à China.

Viajaram durante 24 anos. De regresso a Veneza, em 1295, maravilharam os Venezianos com o relato das suas extraordinárias aventuras e das coisas maravilhosas encontradas na Ásia.

Nesta época estourou uma guerra entre Veneza e Génova. A 8 de Setembro, no decorrer de uma batalha naval, Marco Polo, comandante de galera, foi ferido e feito prisioneiro. Na prisão, ligou-se de amizade a um letrado: Rusticiano,

Um dos amores de Liszt ZAHAROFF

— uma figura misteriosa

(Continuação da página anterior).

a ele? Pois bem, renunciou. E não lhe foi difícil, porque Liszt encontrava-se agarrado ao seu Pensamento dos Mortos, pensando num amor da sua adolescência que lhe havia sido roubado. Depois parte para casa de um amigo onde permanece algum tempo. Quando volta a Paris vê Maria, pálida, magra, diferente, diz-lhe:

— Partiremos. — Ele não quer deixá-la morrer, tem a ansia de viver com ela, lado a lado, sem resignação, mas com a consciência de que se queimam muito.

Partem, deixando atrás de si o escândalo daquele duplo desaparecimento. Depois de uma viagem pelos Alpes, instalam-se na sua nova vida, numa região onde ninguém conhece a vida do casal. Escrevem e compõem música. Franz toca para ela. Maria ama arrebatadamente, vê nele a seu herói, nem pensa já na situação brilhante que deixou: filhos, marido, riqueza, estima... tudo é sacrificado ao simples amor de Liszt.

Maria nem parece atentar que a aristocracia da terra lhe volta as costas e faz cara fechada. Agora, como uma colegial, confusa como uma recém-casada, ela espera o primeiro «bebe» de Liszt.

São felizes.

E porque são felizes e se julgam coraçoados contra todas as eventualidades voltam para Paris. Maria sonda as possibilidades de se recompor com a opinião pública, sem desafiar a sociedade. Reúne os amigos íntimos, todos artistas, entre quem se conta George Sand.

E viajam muito. Liszt organiza concertos, Maria acompanha-o.

Em Abril desse mesmo ano Franz parte para Viena, sózinha, onde dá uma série de concertos de beneficência. A imperatriz mostra ven-



O CENTRO DE UMA COLCHA POPULAR

de de o conhecer, de o ouvir, mas lembram-lhe que acaba de ser pai de um filho da condessa d'Agouti, senhora casada, amigo íntimo de um tal George Sand, autor de escri-

tos de muito mau espírito, que por aí se percebem quais sejam as suas ideias políticas que é, além, disso, leviano, vaidoso, insignificante.

Quando, em pleno êxito, Maria lhe comunica que estava doente, Liszt sente-se um tanto ou quanto aborrecido, o que não é muito próprio de um homem que acaba de ser pai e não conhece o filho... Mas regressa.

Maria tem mais dois filhos do artista.

Mas agora, ela adivinha algo que ele deseja esconder-lhe. Aquele rosto parece hostil, não é já o belo rosto apaixonado que a fez esquecer o Mundo. Maria sente que ele se afasta. O amor torna-se para ela, uma doença. Desconhecendo por muitos anos o arrebatamento, Maria agora não se domina. Por orgulho não se manifesta abertamente, mas nem sempre consegue adormecer os ciúmes terríveis que a devoram. Muitas vezes calam os seus sentimentos; mas esse silêncio é o pior de tudo. Maria irrita-se e irrita-o. Ama-o, mas o desespero consegue ser mais forte, tritura-o constantemente. O ódio cava-se entre eles, mais e mais. Maria não compreende que o artista precisa de liberdade; Franz não sabe que aquele azedume quer dizer ternura sufocada por um imenso orgulho.

Maria volta para Paris e instala-se com os filhos em casa da mãe de Liszt. O artista volta aos concertos. São os filhos agora os amigos. O homem sossobrado, Maria permanece com a sua dor, Liszt com a sua liberdade reconquistada. Maria sacrificou a sua vida por amor dele; mas Liszt, conquistado por outro lindo rosto, esquece que ela fizera por ele o maior sacrifício que uma mulher orgulhosa pode fazer.

Por outro ou por outros rostos que há-de encontrar na vida, Liszt esquecerá que Maria lhe deu tudo quanto tinha: amor e reputação.

Vimos, no ultimo numero, que a firma inglesa Nordenfeldt, produtora de armamento, precisa mais do que nunca da consumada habilidade de Basil Zaharoff. Ele vai lançar no «mercado» o primeiro submarino para fins de guerra... Trata-se de um «brinquedo» de novidade com o qual as crianças vão, por certo, ter relutância em brincar...

Assim acontece. O submarino, não está provado como arma de guerra. É um engenho misterioso que, ao mesmo tempo que incendeia a imaginação, lança um resto de medo, de duvida... Só um génio do mal e do comércio, como Zaharoff, pode levar a bom termo a tarefa de vender a «mais perigosa arma de combate», a «arma que tem a ultima palavra» nos combates navais... «A partir de agora, as esquadras de superfície perderão a supremacia dos mares, a favor do submarino...»

Com este e outros argumentos, consegue Basil convencer a Grécia a comprar alguns submersíveis. Com aquela terrível arma em seu poder — serão os turcos a verem-se gregos...

Mas de repente, não tem pátria — passa para a Grécia de Constantinopla. Quando se trata de vender a um metropolita, mesmo ao metropolita de Constantinopla, ela não hesita em vender a qualquer preço. O metropolita de Constantinopla, desconfiado de Nordenfeldt, insiste com a Turquia para que lhe compre também submarinos. A Turquia hesita. Mas, evidentemente, se o inimigo já possui aquela arma, o melhor é destruí-la a vantagem... Zaharoff faz negócio. Logo a seguir à Turquia, vêm na lista de compradores a Roménia e a Rússia tsarista.

Quanto à guerra terrestre, são outros os problemas que se levantam. Os engenhos que disparam balas parece não o fazerem com a furtiva e precisa que os Estados-Maiors exigem. Sonha-se, em voz alta, com engenhos capazes de ganhar tempo de luta — disparando mais e mais vezes.

Surgem, por esta razão, um Americano com uma invenção na arte de matar. Chama-se Hiram Maxim. Acaba de inventar uma espécie de espingarda montada sobre duas altas rodas e que possui uma particularidade interessante (aos olhos dos profissionais da guerra, está claro): faz centenas de descargas por minuto! Estamos na presença da metralhadora.

A metralhadora de Hiram Maxim vai causar mais no câmbio de tiro rápido, produzido pela Nordenfeldt. Zaharoff faria o perigo. Re- ceta certa de como a fábrica para tomar as medidas que se impõem. Tem imediatamente o esboço para Viena, onde se vão proceder a ensaios com a metralhadora do americano na presença do imperador.

Com os membros do Estado-Maior que, em ultima análise, resolverão, Zaharoff desenvolve toda a sua extraordinária gama de argumentação. Começa por lhes demonstrar que se trata de uma arma muito difícil de manejar, a qual requer uma prática intensiva, conhecimentos de balística e qualidades especiais dos soldados — que estes, na sua grande maioria, não a possuem. Depois, não dera ainda provas de eficácia. E o mais certo, visto estarem em presença de um engenho muito sensível, era ele encavar-se com frequência deixando assim qualquer exército em mau lençol. Em resumo: arma demasiadamente complicada e sem qualquer valor prático...

A metralhadora não se vende... Mas Hiram Maxim não desiste. Logo a seguir à guerra de 1870-71, os Estados Unidos compraram a metralhadora de Maxim. E a arma que ele classificava de «quase inutilmente complicada» e «sem qualquer valor prático», tinha um grande futuro à sua frente na arte de matar os homens...

Por esse motivo, toma o primeiro meio de transporte que lhe surge e aparece em Londres, com um esboço. Logo a seguir, os Estados Unidos compram a metralhadora de Nordenfeldt para algumas horas a demonstrar o contrário daquilo que demonstrara ao Estado-Maior vienense. Finalmente, a Nordenfeldt rende-se à argumentação de Zaharoff. E quando este proclama que devem, a todo o custo, associar-se com Maxim, não se levanta uma unica voz discordante...

É-lhe novamente a perocorrer a Europa, caixeiro viajante de guerra, a vender, desta vez, metralhadoras... Na companhia de Hiram Maxim dirige-se à Rússia dos Tsars onde consegue obter encomendas em larga escala... Depois, dirige-se à Espanha. Espera-o aí, além do mais, uma aventura sentimental...

(Continua)

GANHE 100\$00

com um sorriso nos lábios

O vencedor desta semana é autor duma «Enciclopédia sobre os cimios para uso dos Macacos». «Superiores» que seria um «best-seller» de algum Editor a lançasse. Entretanto verificámos que são os MACACOS que melhor nos ensinam a conhecer os HOMENS. Para terminar: os animais estão na moda. Coube agora a vez à VACA.

E' como digo: o vencedor desta semana mandou-nos uma verdadeira «Enciclopédia sobre Macacos para Uso dos Macacões (nome vulgar dos «Macacos Superiores»). Chama-se M. A. V., o conquistador da «centenária» desta semana. Pelos vistos considerou que para se ser vencedor bastava mandar as iniciais. Este comodismo tem os seus perigos: numa semana em que a palavra é MACACO, ter como primeira inicial do nome um «M» é perigoso. Aquele «M» serve para tudo: «macaquice», «macacão» etc. e tal. Na realidade só mandar o nome escorreito e por extenso depois da vitória — é de... macaco.

Picamos, pois, aguardando o desdobramento das iniciais a fim de poderemos remeter a supracitada «centenária». E vamos agora escolher alguns dos pensamentos enviados pelo vencedor:

- 1.º MACACO é um homem disfarçado.
- 2.º MACACO é o avô dos nossos avós.
- 3.º MACACO é o tronco comum de todas as árvores genealógicas.

Esta trilogia obriga-nos a algumas meditações. Concordamos plenamente com o autor. E parece-nos profundíssima a sua terceira observação: é no macaco que começamos e acabamos todas as fidalguias. A Bíblia diz: Lembra-te, homem, que és pó e em pó te has-de tornar. O sr.



M. A. V. traduz o irremediável aviso em termos evolucionistas: Lembra-te, fidalgo, que foste macaco e que aí nasceu a tua fidalguia.

Para não haver duvidas, o vencedor da semana ainda nos apresenta a questão em termos musicais muito sugestivos:

4.º MACACO é a sinfonia incompleta dos antropóides. Só lhe falta o nosso «andamento». Isso mesmo! No «andamento» (macaco ma non tanto) é que revelamos a nossa profunda macaquice. A questão não está em sermos

«bípedes» e eles (os nossos antepassados) (semiquadrumanos); a questão está em que inventamos as rodagens e com elas «andamentos» que não existiam na natureza.

Mas há mais:

5.º MACACO é um animal cujo «habitat» são as florestas tropicais e... as «aguas turvas» de certas zonas temperadas.

Claro que os tropicais são mais puros até zoológicamente:

6.º MACACO é o começo da medida. Por isso não deveria dizer-se: «Ao principio era o Verbo, mas sim: «Ao principio era o macaco».

É esse macaco, segundo o nosso traquidista definir-se-ia da seguinte maneira:

7.º MACACO é um sujeito que esconde os pêlos debaixo da camisa de goma e o rabo numas calças de fantasia.

A tal história da nudez forte da macaquice sob o manto opaco das farpelas sociais. Optimo. O sr. Augusto Barbosa (de Lisboa) também nos enviou um excelente rol de verdades cheias de experiências feitas:

MACACO — diz — é o inventor das macaquices e das macacadas, a quem o homem roubou a patente.

Talvez não fosse a patente, mas não vale a pena aprofundar. O sr. Augusto Barbosa tem outras afirmações que merecem ocupar mais um espaço de MAGAZINE. Afirma, com efeito, que

MACACO é aquele que não se importa, até gosta, de «estar com a macaca».

Eis uma faceta em que ele se diferencia de nós. Mas não é apenas esta: o mesmo concorrente nos aponta outra:

MACACO é um fato próprio para (Continua na página seguinte)

De novo à frente!

O NOVO PIJAMA PRIMAZ

Concebido no interesse de quem o usa, oferece 2 vantagens principais:

- 1.º Permite que os braços se movimentem livremente.
- 2.º Evita os habituais rasgos nas costas.

Portanto: MAIOR COMODIDADE MAIOR DURAÇÃO



* Patente registada.

CAMISARIA PRIMAZ ROSSIO, 115

Também em pijamas, o PRIMAZ sabe o que faz!

O CAÇADOR



DE AUTÓGRAFOS

V. Alteza

O caçador de autógrafos tomou o gosto das cabeças reinantes. A sua desculpa é a seguinte: Já que estou com a mão na massa...

Estava, portanto, na massa falar com o senhor Dom Afonso V, chamado pelos chefes de publicidade da Monarquia de Avis (e não pelos negros) o Africano.

O caçador de autógrafos ao ver a estranha assinatura de Sua Alteza não se teve que não dissesse:

—Mas V. Alteza não se esquece nunca de todos os reais rabiscos do seu glorioso autógrafo?

—Não. Como havia de me esquecer? Tenho sempre um modelo à

vista e levo uma hora a desenhá-lo. Não tenho pressas.

—E a propósito: Vossa Alteza poderá dizer-me ou mandar-me dizer qual foi o maior desgosto da sua vida?

—O maior?

—Sim.

—Olhe... Com franqueza acho muito estúpido o meu cognome — O AFRICANO.

—Porquê?

—Tenho receio que me confundam com AFRICANISTA. Aquilo que eu fiz naquele tempo, fazem-no hoje os AFRICANISTAS: também conquistam «praças»... comerciais.

SABE QUANTO PAGAVAM? (1)

Sabe quanto pagavam os felizardos que em 1910 se resolviam a utilizar um automóvel de praça? Não sabe com certeza. Pois tome nota:

POR CORRIDA

Na antiga circunvalação e até à estação do caminho de ferro de Alcantara e Jardim Zoológico:

1 ou 2 pessoas 700 rs.
3 ou 4 pessoas 900 rs.

Até aos limites da nova circunvalação:

1 ou 2 pessoas 1\$500 rs.
3 ou 4 pessoas 2\$000 rs.

AS HORAS

Dentro da nova circunvalação:

Meia hora 1\$200 rs.
1 hora 2\$000 rs.
2 horas 3\$500 rs.
3 horas 5\$000 rs.
Por cada hora a mais ... 1\$000 rs.

Os preços acima indicados regulam de dia até à 1 hora da noite. Desta hora em diante, até ao amanhecer, o dobro do preço.

6 horas seguidas (de dia) 8\$000 rs.

SERVIÇO PARA FORA DA CIDADE

Por cada quilómetro 200 rs.
Por cada hora de espera 500 rs.

Aviso de 1959: não se volta ao passado...

SABE QUANTO PAGAVAM? (2)

Claro que também não sabe o preço dos trens decavalo. Para seu governo, aqui tem o leitor:

POR CORRIDA

Dentro da antiga circunvalação e até à estação dos caminhos de ferro de Alcantara e Jardim Zoológico:

1 ou 2 pessoas 400 rs.
3 ou 4 pessoas 500 rs.

Até aos limites da nova circunvalação:

1 ou 2 pessoas 1.000 rs.
3 ou 4 pessoas 1.200 rs.

AS HORAS

Dentro da nova circunvalação:

1 ou 2 pessoas (1 hora)... 600 rs.
idem 2 horas 1.200 rs.

idem 3 horas 1.500 rs.
idem 4 horas 1.800 rs.
idem 5 horas 2.100 rs.
3 ou 4 pessoas (1 hora)... 700 rs.
idem 2 horas 1.400 rs.
idem 3 horas 1.800 rs.
idem 4 horas 2.200 rs.
idem 5 horas 2.600 rs.

As crianças até 7 anos não são consideradas passageiros. Sendo mais de uma, contar-se-ão duas por uma, não indo ao colo.

Aviso de 1959: não se volta ao passado!

SABE QUANTO PAGAVAM? (3)

Eis agora os preços da Companhia de Carruagens Lisbonense e das outras empresas de carruagens.

Serviço dentro da demarcação

POR DIA OU MEIO DIA

Todo o dia, desde o romper do Sol até à meia noite:

Trens de 2 pessoas 3.500 rs.
idem de 4 pessoas 4.000 rs.
«Landaus» (4 pessoas)... 5.000 rs.
«Breaks» (4 pessoas) ... 5.000 rs.
«Char-à-banks» (9 pessoas) 6.000 rs.

Mas o melhor é não continuar. Puxa! que naquele tempo viajava-se mesmo!...

SABE COMO «ELE» ERA?

«Ele» (o marido modelo) era em 1911, segundo o «Evening Standard» de Nova York, o seguinte bicho de dois pés:

«O homem ideal deve ter os olhos e os cabelos castanhos. Deve medir 1 metro e 80, ter o torso bastante desenvolvido e os cabelos fortes e ondedos. Os seus fatos devem ser nuance marron e as gravatas da cor dos olhos do respectivo dono, salvo caso excepcional de possuir uma lavallière. Enfim deve ter pelo menos 10.000 francos de rendimento e esperanças de maior fortuna».

Estas opiniões tinham sido colhidas no «Barnard College» — instituto para meninas de boa sociedade, hoje (1959) com idades à roda de 62 ou 65 anos. (Ainda terão a mesma opinião?).

Trinta e cinco donzelas manifestaram-se contra o uso do fumo; oito preferiram os fumadores. Trinta e uma preferiram maridos com profissões liberais.

Uma das mais novas (e ingénua) disse que a profissão do mais que tudo não interessa, desde que não fosse «gato-pingado».

GANHE 100\$00

com um sorriso nos lábios

(Continuação da página anterior)

fazer aquilo que os macacos não fazem — trabalhar.

O sr. Isidro Paulo Fernandes (de Lisboa) não deveria estar de acordo com tal afirmação:

MACACO — garante-nos e nós acreditamos — é um animal que sabe trabalhar no arame.

Se aqui há diferença entre o homem e o supracitado será de habilidade. A diferença mais nítida, segundo o sr. Alberto H. da Silva, será outra:

O MACACO é um animal que se diferencia perfeitamente do homem pela cauda.

O sr. Rui Vieira (de Lisboa) é de opinião que nem a cauda diferencia.

MACACO é o animal mais fácil de confundir com o homem. Será talvez por isso que muitos homens

se confundem tanto com ele.

Mas num caso, pelo menos, são inconfundíveis (com vantagem para o macaco). É o que nos revela o nosso prezado amigo, sr. Manuel S. Neves.

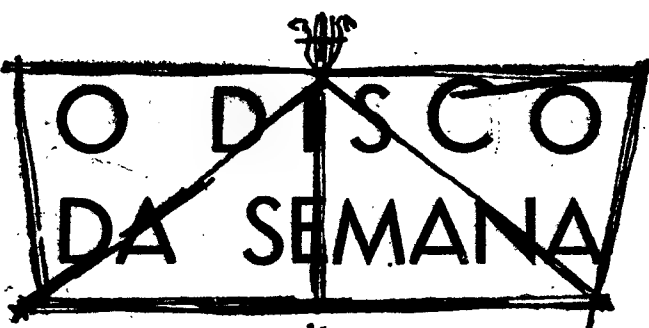
MACACO é um animal que só não fala para não pagar qualquer imposto.

E nós, que fazemos de espertos, pagamos por falar, pagamos por estar calados, pagamos por ouvir — pagamos por tudo. Na verdade o Homem é por natureza social um animal super-tributável, enquanto que o macaco é por natureza zoológica um animal isento. Mesmo quando o enfiam numa jaula os homens é que ainda pagam para o ver. Um espertalhão!

Um espertalhão que papa «bananas» — afirma o sr. Joaquim Pedro Mendonça.

Faltou-lhe acrescentar que depois atira com as cascas para nós... esquecermos.

Mas creio que por hoje chega. O sr. José Alberto de Castro Fernandes Martins (da Figueira da Foz) salvou-se esta semana do cesto do



NATHAN MILSTEIN em novas gravações CAPITOL

Assinalando a estadia no nosso País de Milstein, hoje um dos maiores executantes do violino, a Capitol publicou quatro microgravações de grande interesse tanto sob o aspecto artístico como técnico, dada a excepcional qualidade das gravações.

São as seguintes as interpretações de Milstein agora ao dispor dos discófilos portugueses.

PROKOFIEV — Primeiro Concerto

LALO — Sinfonia Espanhola

disco P 8308

PROKOFIEV — Sonata op. 10

HANDEZ — Sonata op. 10

VITALI — Chacame

disco P 8315

MOZART — Concerto em lá maior

BACH — Concerto em lá menor

disco P 8362

Recital de peças de Falla, Ravel, Bach, Sarasate, Wienawski, Schumann, Debussy e Tchaikowsky

disco P 8396

Recomendamos estas gravações do notável solista cuja carreira se encontra presentemente num dos seus pontos mais altos, tal como o confirmam os vibrantes aplausos do público e o entusiasmo da crítica.

Discos publicados pelos Estalecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.



VEJA MELHOR EM SUA CASA

com TV

Automatic

SABA

* sintonia completamente automática
* comando à distância
* grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

As viagens do século XVII (2)

Frei Pantaleão vai à Palestina

Como se comportava no século XVII o passageiro duma nau, quando ao caminho lhe saltava uma daquelas tempestades hoje tão sádica-mente copiadas pelos industriais de sonhos de Hollywood?

Frei Pantaleão de Aveiro, jornalista duma espécie quase extinta, cujo patrão era a própria e só a própria consciência, dá-nos sobre a

A coragem nas tempestades

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

«principais pessoas» que viajavam no barco — gente de haveres ou de posição social. Frei Pantaleão não se lembrou de esclarecer — e só

gocio era confissão, como boamente podia. Tremendo espectáculo, este: a nau a todo o instante a ponto de

Mas finalmente! Acabou-se a excitação da Natureza. O barco manobrou para «buscar porto». Já nas faces dos «principais», ainda um tanto geladas de pavor, começava a lucilar o projecto dum sorriso; de repente, porém, soou a trombeta da nau, num apelo extremo. De novo o pavor fez borbotar expressões abjectas: houve correrias para o sítio onde o trombeteiro desferia, solenemente, o seu canto dramático. Estacaram, cada um a seu modo lancetado pelas agulhas de milhentas interrogações. Também a trombeta parou, ou melhor emudeceu, e o patrão, espalmando a mão no ar, como que a impedir que qualquer coisa invisível caísse, saltou do silêncio para encomendar três Padre Nossos e três Avé Marias pela alma duns defuntos que vinham vindo pelo mar, á flor das águas. Todos olharam, como um só, para aquelas folhas caídas da tempestade; todos se viram sem remédio, assim desmanchados como espantalhos em searas: e cumpriram arrebatadamente as orações, até com Padre Nossos e Avé Marias de juros.

Às nove horas do dia seguinte arriaram ancoras num abrigo de Creta, a cuja protecção se haviam mais cedo acolhido cinco naus — duas de Marselha, três da Eslovénia; e dum lado e de outro as bombardas travejaram saudações de grande regozijo.

Os passageiros logo saíram a terra.

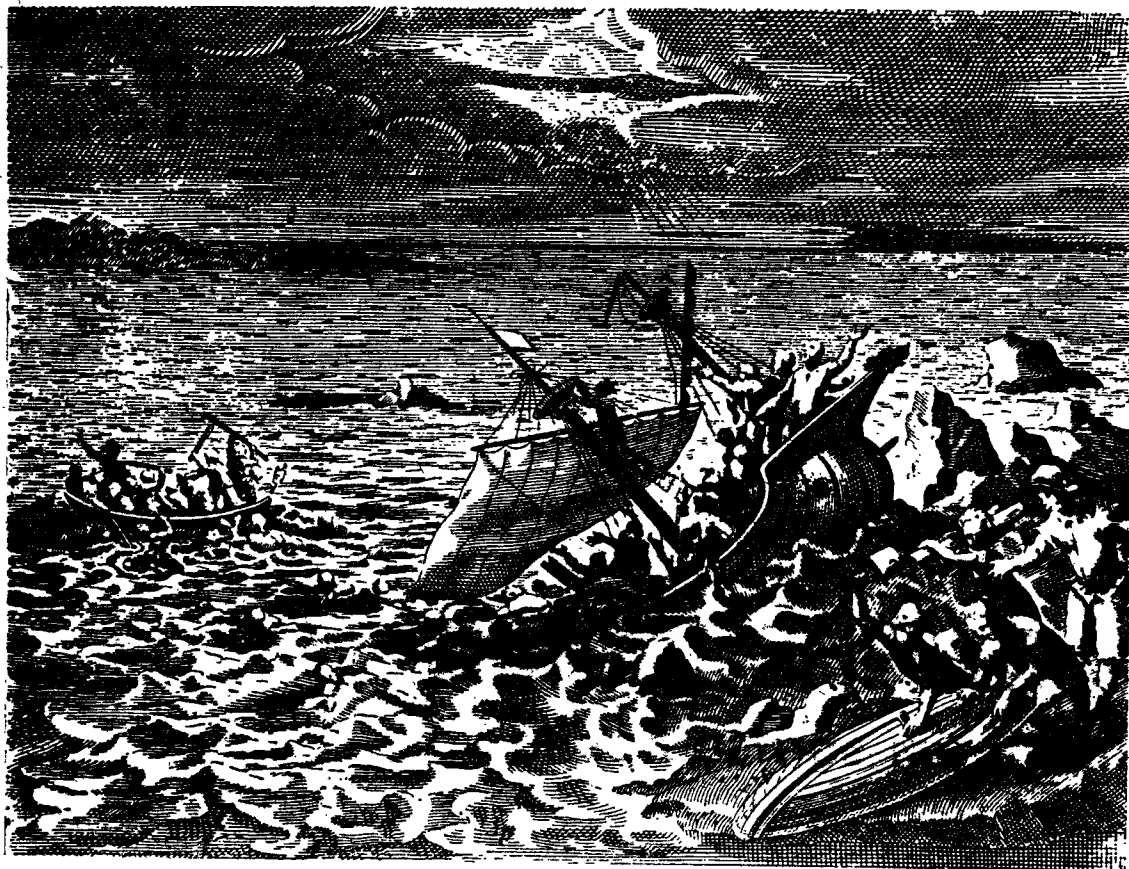
«por recreação e por nos aliviar do trabalho e enfadamento passado.»

Na ilha folgaram e repousaram vários dias. Era Natal quando, pela tarde, se afoitaram de novo ao mar, como frei Pantaleão nos conta neste gracioso apontamento:

«...puseram todas as velas de vergas de alto e arparam e levantaram duas ancoras, deixando uma pequena, para se poder, com pouco trabalho, levantar. À segunda vigia da noite, tocou o piloto o apito e acudiram todos com muito alvoroço, pelos desejos grandes que tínhamos de seguir nosso caminho: e levantando-se ancora se deu a vela com vento próspero.»

Em véspera de ano novo tomaram terra na ilha de Chipre, após mais ameaças de tempestade. Custava atravessar o Mediterrâneo! Otto dias para galgar de Creta a Chipre! Mais fácil era um cidadão viajar pela Eternidade, depois de servir de pasto aos peixes... Não tinham libado ainda dois dias de remanioso pousio, quando, mesmo no porto, entrou com eles uma furiosa ventania e ondas gigantescas. A nau tinha duas ancoras lançadas, mas logo arriaram outras duas. No tombadilho não se conseguia apontar um passo, mesmo com o apoio de uma corta esticada. O padre companheiro de frei Pantaleão jazia meio morto, como era seu estilo em tais circunstâncias; quando tomava alento, abraçava o colega de viagem e pedia-lhe mais uma dose de confissões. Entende-se que já tivesse, nessa altura, a alma totalmente vazia ao fim de tantas purgas teológicas.

Mas também já eram tempestades de mais, mesmo para um peregrino.



pergunta curiosas informações, cheias de realismo:

«Estando nós já quase sobre Candia (Creta), um dia, sobre a tarde, foi tão grande a tempestade de vento contrário e chuva e relampagos, que os mais experimentados que iam na nau começaram a tremer e os poz a tormenta em grandíssimo espanto.»

A primeira fase da reacção á tempestade começava, pois, por acessos de tremura seguidos de grande e rasgado pasmo. Vencido este, vinha a segunda fase já com sintomas alarmantes:

«Chegou a cousa a tanto que o patrão (da nau) e os principais que na nau vinham pediram, com muitas lágrimas, confissão.»

O pasmo derretia-se em lágrimas e vinha a grande necessidade da confissão. O leitor deve compreender estas fraquezas com alguma generosidade: a morte abeirava-se e o melhor a cumprir, em semelhantes transe, consistia em um cidadão purgar a alma de todos os pecados. Isto no que respeitava, ás

isto lhe minguou para uma informação perfeita — se os pobres (quer dizer os «não-principais») dispunham a purga confessional e qual a razão. Podiam, com efeito, não considerar tal purga necessária; podiam também não acreditar que a morte viesse ali; podiam ainda presumir que não sobrassem confissões para eles, uma vez que os «principais» os agambaravam para um trabalho intenso; ou, e esta é uma formosa hipótese, porque em tantos apertos, quando os mais cultos se despiam de toda a pompa e se mostravam na pobre nudez dos seus instintos — a função do homem simples era bater-se de caras com a tempestade — atento ás velas, aos mastros, ao cavername e ao leme. Como quer que fosse, uma verdade se podia garantir: só o patrão do barco e os principais vertiam lágrimas e procuravam assegurar no céu a posição social que usufruíam na terra.

«O Padre meu companheiro — esmiuça o escrupuloso jornalista — como pessoa que em sua vida não havia visto o mar, jazia como morto e todo o seu ne-

ser tragada pelo abismo, a todo o instante a ser arremessada na palma duma onda revolta; e dentro da nau, homens que o medo paralizava nas mais grotescas posições — de borco, de costas, de joelhos, a tanger, no meio do crepitar das orações, o rogo plangente — «Confissão! Confissão!; e a seu lado, num mundo aparte, homens enarcanados até á raiz das entranhas, num entumescimento de musculos, teimando, teimando que ainda não chegara a hora de arriar bandeira ante as fúrias da Natureza descomposta, vi-giavam o traquete de avante, o único que naquela conjuntura mantinham, e atentos a que não se perdesse vista de terra, mas também não se deixassem aproximar demasiado dela, pois aí o naufrágio seria assunto decidido.»

«Durou esta cruel tormenta tres dias com suas noites, no qual tempo, somente com o traquete d'avante, andámos sempre pairando no mar, fugindo todo o possível da terra, com o tento de não nos apartarmos muito dela nem a perdermos de vista.»

Não se pode viver sem elas

Jacques Chardonne diz que não...

(Continuação da 1.ª página)

exemplo, «L'Amour est beaucoup plus que l'amour», dão a ideia de que não gosta muito das mulheres...

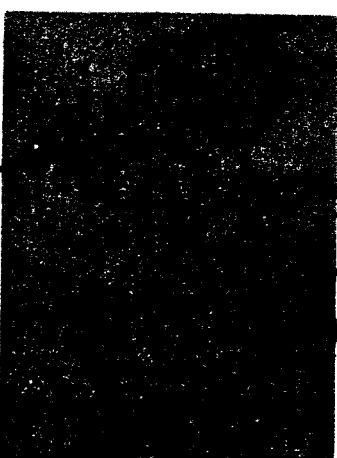
J. CHARDONNE — Quem é que gosta delas?

L'EXPRESS — Acha ainda que não se pode viver com elas?

J. CHARDONNE — Há um homem para nós totalmente desconhecido: é Faguet. Viveu toda a vida num quarto de estudante com a criada e disse as melhores coisas sobre o amor. Disse, entre outras: «O amor é inabitável». Magnífico. Não se pode pôr mais na carta.

L'EXPRESS — Todos os seus livros são histórias de amor.

J. CHARDONNE — Só existe uma verdade com interesse, pois foi nela que o Criador errou re-



dondamente: fez o homem e a mulher.

L'EXPRESS — Não foram eles feitos para viverem juntos?

J. CHARDONNE — Fazer viver juntos dois seres que foram feitos para viverem juntos — é um inferno!

L'EXPRESS — Sempre pensou que as mulheres são «inabitáveis»?

J. CHARDONNE — Não! Aos doze anos adorava-as, mas essa adoração acabou no ano seguinte. Passei a conhecê-las. E conheci, sobretudo, o que elas representam de dramático. Eis por que — creio ter dito isto num dos meus livros — aconselho que quando uma

mulher vos agrada nunca lhe devereis tocar.

Depois destas profundíssimas afirmações, o sr. Chardonne falou sobre a juventude. Disse dela o seguinte:

J. CHARDONNE — É espantosa, a juventude! Estes jovens têm agora vinte anos; um instante depois têm trinta; mais um instante e terão a vossa idade. Não existe juventude! É uma piada.

Claro! Já lá dizia a raposa (sobre as mulheres e a juventude): Estão verdes, não prestam. Nem os cães as podem tragar.



ARTE D

(Continuação da 1.ª página)

ponto de Castelo Branco; este ponto é fixado transversalmente pelo ponto de Bolonha. Há quem afirme que o ponto largo foi introduzido na Península pelos Arabes.

Depois de se dar ao linho o formato desejado, cosem-se duas tiras de linho forte com orifícios, a cada um dos lados, no sentido do comprimento, onde se enfiam cordéis que o prendem e esticam no estirador para ser bordado.

Na caprichosa ornamentação predomina a simetria, normalmente uma grande árvore; ou sobressai um vistoso pássaro, figuras humanas, ramos, frutos, aves com flores no bico, etc., que enchem toda a colcha e são orientados no sentido dos quatro cantos. Toda esta figuração é de um simbolismo amoroso e matrimonial; assim a árvore representa a família, a rosa alegoriza a mulher; o cravo o homem e o seu amor viril; as frangas e galitos, significam os filhos, a romã é o símbolo da prosperidade, etc.

As grandes aves de plumagem opulenta que apareciam no centro dos mais belos exemplares do século XVIII revelam a influência oriental nesta arte caseira beirã.

São ricas ou pobres, as colchas de noivado, consoante a abundância de bordado, mas todos patenteiam a inspiração artística das noivas de Castelo Branco, não só no elemento decorativo, mas ainda no fino gosto do colorido polícromo mas de cores suaves, embora algumas bordadas numa só cor sejam também de grande beleza.

Há ricas colchas de noivado, algumas espalhadas pelo Mundo, que são preciosidades; a família real inglesa terá brevemente outra des-

A colcha de Castelo Branco

tas maravilhas Margarida de Bolonha, não sua irmã a Oxalá esta

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

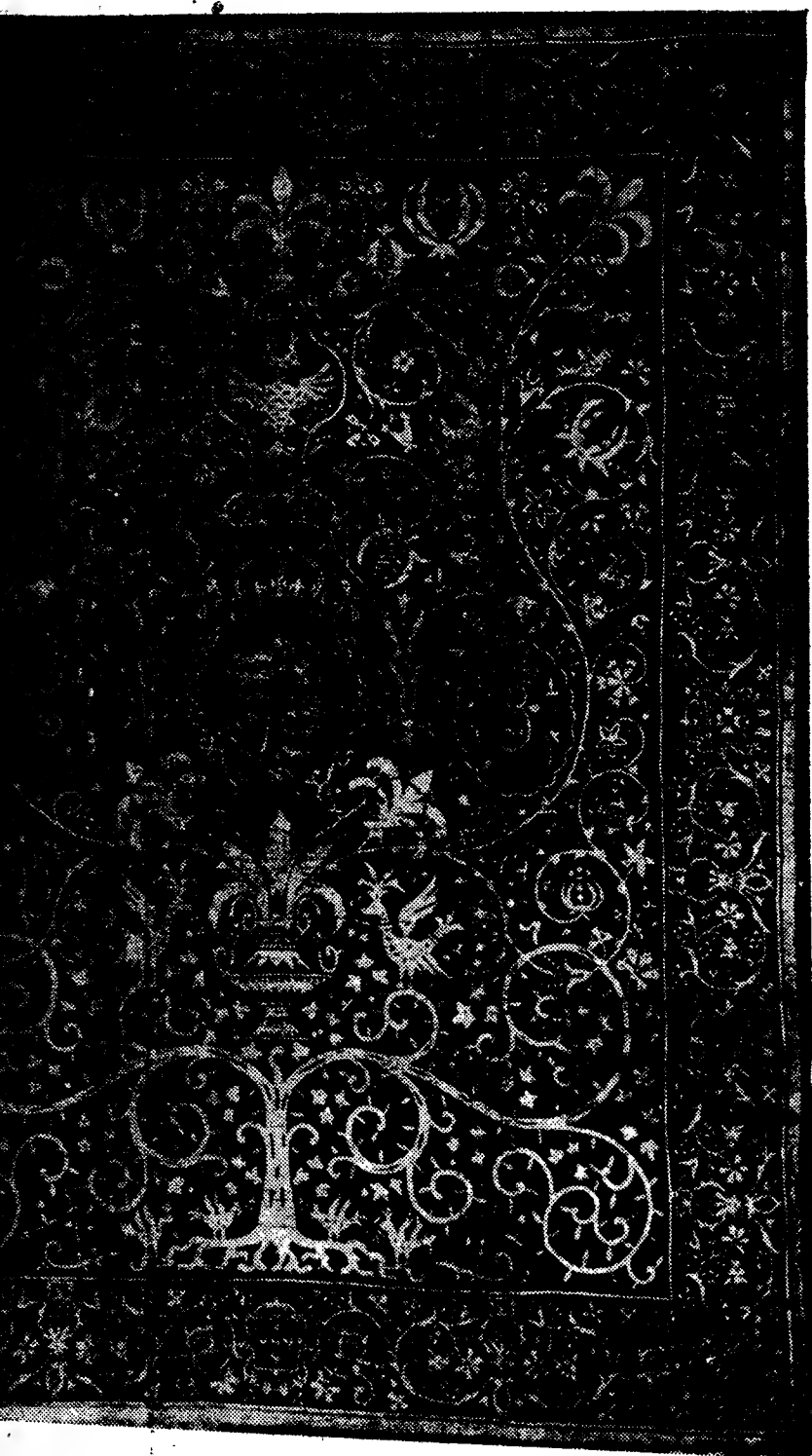
...

...

...

...

...



A colcha de Castelo Branco da rainha Isabel de Inglaterra

E DO POVO

tas maravilhas quando a princesa Margarida regressar a Londres possuidora de uma colcha de Castelo Branco, não menos rica que a de sua irmã a rainha Isabel. Oxalá esta arte popular consiga

alhear-se da influência dos desenhos modernos, que podem vir a destruir uma manifestação do nosso artesanato, há centenas de anos ciosa das suas características primitivas.

Bem prega frei Tomás

Não há quem não repita este provérbio: «Bem prega frei Tomás, faz o que ele diz, não fazas o que ele faz».

Mas o que pouca gente saberá é se este frei Tomás existiu ou se apenas é uma necessidade de rima.

Pois frei Tomás existiu; e o provérbio a que deu origem, corresponde a muitas circunstâncias da sua vida.

Chamava-se frei Tomás de Sousa; nasceu em Ponte da Barca, em 1550, filho natural do Morgado de Ponte Arcada. Talento e bem protegido, veio para Lisboa aos 18 anos, envergando o hábito de S. Domingos. Em breve se revelou pregador de grande mérito, alcançando verdadeiros triunfos oratórios. A sua fama subiu tanto que o nosso D. Sebastião o nomeou pregador régio e D. Catarina o escolheu para confessor.

Muito assíduo do paço, usando de grande liberdade na expressão

do seu sentir, pretendeu corrigir os maus hábitos dos cortesãos e os vícios da corte.

Então, um fidalgo anónimo pregou-lhe na porta do quarto um teitro com estas palavras:

Aqui mora frei Tomás, que bem o diz e mal o faz.

O frade, que era muito espirituoso, leu a inscrição e escreveu por baixo:

Fazei vós o que ele diz e não façais o que ele faz.

E deixou ficar. A réplica, como se está vendo, foi feliz e toda a corte o festejou, especialmente depois de ver que o rei aplaudira a saída espirituosa do seu pregador.

O cardeal D. Henrique era-lhe muito pouco afeiçoado, por razões que nem vale a pena procurar. Frei Tomás foi substituído no cargo e morreu na obscuridade da sua cela. Mas alguma coisa deixou pelos tempos fora — um pouco do seu espírito...

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Voltei a ver o nosso velho Valdemar. A lidar com ele nunca reparámos, se calhar, que ele é nosso. Quando alguém se lhe refere diz sempre: encontrei... vi... falei com o nosso Valdemar. Nós nem damos por isso, mas a verdade é que ele já há anos (desde a juventude, calcule-se) que representa para nós uma propriedade colectiva, socializada.

Com restrições, claro. Os críticos do Kantismo nacional formulam, por exemplo, acerca dele verdadeiros epitáfios: á sua bondade, chamam degenerescência volúntaria; á sua timidez ante partilhas de lucro, chamam impotência, enfim — um pobre diabo, um bazarolas que não se sabe impor.

Nenhuma destas razões decisivas evita, porém, que sorvem com ele a amicíssima cachimbada da paz sempre que não podem passar sem uma nota de cem paus ou daí para cima.

O mais espantoso é que os comerciantes o têm na conta de uma verdadeira besta do Apocalipse. Afirmam esta coisa incrível: que se transforma, por completo logo que saem as fatídicas doze badaladas do lucro. Nessa altura torna-se capaz de vender o pai, a tia, e a alma. Fica de resto em duvida se ele terá mesmo aquilo a que se chama alma. Mas mesmo que a tenha, vende-a a quem lha quiser comprar. E, de resto, um indivíduo sem escrúpulos, sem palavra — diz hoje sim, diz amanhã não.

Calculem se depois de tantas atitudes contraditórias o nosso Valdemar, não merece o nosso interesse... Eu, por mim, só lamento perdê-lo de vista meses

Depois falámos de outras coisas. Veio á baila um invento. Discretamos sobre o espírito inovador e Valdemar confessou-me que tinha tido umas ideias estupidas. No prédio dele havia um rapaz daqueles sérios, «cá dos nossos»: pois lá fazê-lo sócio. Não há nada como os amigos! — confessei-me, já com a emoção ao canto do olho. Se se acabassem os Amigos, mais valia morrer.

E assim nos despedimos. Por

des deste Mundo. O amigo «cá dos nossos» que morava no mesmo prédio mostrara-se um ingrato. Até ele aguentar tudo — era o nosso Valdemar. Um dia tocara a rebata e aqui d'el-rei que era um malandro. Isto de sociedades — concluiu — era uma chatice.

Concordei que sim, que era e engatámos em «prise» numa gostosa conversa. Falei-lhe no Joaquim, que estava doente.

O DAS VÁRIAS SOCIEDADES

TRAGICOMÉDIA EM VÁRIAS QUOTAS

acaso encontrei o Renato. Convidou-me para um café. O pelissado do sobrolho fez-me antever que ia fazer o seu despejo de queixas. Sacudi, pois, as orelhas e aguardei.

Só uma questão de tempo. No primeiro ensejo falou no Valdemar. Um sabujo por dinheiro. Um ganancioso. E desabotoou-se em pormenores. Assim vim a saber que o nosso Valdemar deixara um dia de ser amigo, que queria tudo para ele e mais factos assim nefandos.

Não te restitui ao menos o dinheiro com que entraste? — perguntei cheio de malícia. Renato gaguejou: não tinha entrado até á data com capital, mas enfim... claro... entraria.

Não te compensou ao menos pelas lucros que deste? — continuei eu, sádicamente. Renato voltou a gaguejar: enfim... ainda não tinha dado lucros, mas viria a

O Joaquim? — perguntou-me e já tinha lágrimas nos olhos quando lamentou o amigo e lembrou que o nosso dever era ajudá-lo. Como lhe contei que lá a casa dele nessa noite, o nosso Valdemar abriu de par em par as

POR DIOGENES

abas do casaco e esvasiou a carteira. Quinhentos escudos!

Ficou vermelho e quase me pediu desculpa ao tartamudear: é pá, não julgues que só tenho isto. Aquil... bom... mas... mas... em casa tenho. Em casa tenho. Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe. Não digas; claro, que fui eu. Tu também dás, dá o Jacinto, dá o Miguel... Todos nós...

Fez um esforço para prender a comoção. Disfarçou e saiu-se



dar, com o tempo. Uma pessoa acaba sempre por dar lucro. Mas então porque te queixas? — Porque havias de receber! — Renato esbugalhou-se: — Essa é boa! — admirou-se excessivamente. — Então para que há amizade?

Meses depois tornei a ver o nosso Valdemar. Chorou com a felicidade de encontrar um amigo e ao fim dum golás arriou a alegria e emburdeou as ideias

com uma conversa sobre uma ideia que tinha tido. O marido da prima da mulher do Jacinto era um compizicha e ele lá fazer uma sociedade com ele.

Achas bem? — perguntou-me luzindo de alegria. — Para que servem os amigos? — E eu, cheio de mágoa, disse que sim. Porque disse que sim? Porque é destino de Valdemar. Ele vive para ser nosso. E todos levam o promane até ás ultimas consequências.

Documento curioso

É interessante a seguinte certidão que encontramos num jornal velho, e pela qual se poderá avaliar do que era a educação médica de certos cirurgiões da provincia, no século XVII:

«Miguel da Costa Figueiredo, sargião Aporvado, e morador em a Villa e Conselho de Alva, Bispa-

do do Visco. Certifico em como o filho de Jacinto de Mattos, morador em a Villa de Castro Daire, Bispo de Lamego, em como o supplicante assistiu comiguo tempo de coatro annos exercitando a dita Arte de Sargia, curando e vendendo curar em todos os casos que neste tempo se me offeserão e pelo achar avel e capaz e esta me ser pedida lhe pasei esta que assignei em alva aos nove de Julho de 1761, o que tudo juro aos santos evangelhos, e em fee da verdade».

SABE COMER

O regime alimentar e a prisão de ventre

A prisão de ventre é, quase sempre, uma doença de maus hábitos. Aqui só nos interessa o aspecto Alimentação.

Assim, neste ponto de vista, deve ela ser combatida no que respeita ao regime alimentar. O problema



dietético de quem sofre de prisão de ventre é um problema mecânico. O intestino tem necessidade de substâncias que não sejam inteiramente assimiláveis, pois o cálon para se contrair tem necessidade de um certo volume que se ofereça resistência.

O açúcar, a carne e o leite são alimentos que se assimilam inteiramente, não incitando, por isso, a contração.

As fibras vegetais, compostas de celulose, podem bem desempenhar esta função, mas correm o risco de se tornar irritantes.

Fundamentalmente, é preciso evi-

do, fuge a produtos como o ovo, criando assim uma ausência de solicitação da bília que só dificulta a preguça intestinal, longe de repousar o fígado.

Os legumes verdes são indispensáveis, pelo menos uma vez por dia, particularmente à noite. No caso de os legumes cozidos não serem de aconselhar a doentes antigos de prisão de ventre, com tendência portanto para o colite, substituir os legumes por saladas verdes, cenouras, etc.

Também os frutos frescos, bem maduros, se recomendam no final das refeições ou ao deitar. Porém



do aquele que sofre de prisão de ventre deve beber. O organismo humano tem necessidade de uma determinada dose de água, por dia. Impõe-se um volume de bebidas



bastante importantes. Pelo menos, 1 litro nas 24 horas. Bebidas fracamente alcoolizadas e, sobretudo, a cerveja, de preferência tomadas no final das refeições ou de manhã, em jejum.

se o intestino se apresenta dolorido e distendido, fútil fugir aos frutos crus. Substituir por compotas ou preparações no forno.

São preciosos os frutos secos — figos, amêndoas, pêssegos, alperches.

O sumo de uva é muito benéfico; por isso uma cura de uva, na estação própria, é benéfica, podendo curar uma prisão de ventre de longos anos.

O leite tem sido motivo de controvérsias. Em muitas pessoas é certo que o leite provoca prisão de ventre. Inteiramente assimilável, não excita as contrações intestinais. Pelo contrário, os iogurtes favorecem o trânsito intestinal pelo carácter fluido que dão às matérias. É de recomendar o iogurte com mel.

Para terminar, diremos que to-



tar os excessos de rigor do regime alimentar. Alimentos relaxantes tem o perigo de se cair no inverso da prisão de ventre.

Sendo este um assunto médico, podemos contudo dar uns tantos conselhos que vêm da experiência. E não têm perigo algum.

Um simples copo de água de manhã, em jejum. Sumo de frutos, também a esta hora — sobretudo frutos ácidos — laranja e ananás. Uma colher de sopa de azeite bom. A gema de ovo fresco, pois muita gente, no receio dos males de fígado,

Era isto mesmo que ela queria para a filha...

... e conseguiu-o em poucas horas, utilizando a

BUSCH

máquina de tricotar simples ou super-automática

De grande facilidade de manejo e executando rapidamente todos os trabalhos de «tricot»

BUSCH

tem ainda a grande vantagem económica de se poder transformar em duas máquinas

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

A quem aconselhamos a manteiga?

Pergunta uma leitora

Como todas as substâncias gordas, a manteiga possui um alto poder calorífico. Recomendada-se, por isso, no Inverno, pois em presença desta fonte de calor evita as frieiras, graças ao conteúdo em vitamina A. A digestão da manteiga é muito fácil, pois funde a uma temperatura de 25 graus. Portanto, a temperatura do organismo — 37 — torna-a inteiramente líquida ao nível intestinal. A manteiga é assimilada na proporção de 98 por cento.

Ora, o consumo da manteiga tem seus ques, naturalmente, como quase tudo.

Os hepáticos devem evitá-la. Para eles, parecem ser más todas as matérias gordas.

Na realidade, só a manteiga cozida é proscribida.

Uma vez de manteiga a temperatura de um bife grelhado ou os legumes não pode provocar perturbação alguma, muito pelo contrário. Na verdade, uma vesícula preguiçosa, torna-se ainda mais se não recebe solicitação de espécie nenhuma, como é o caso de gorduras «simples» e frescas, manteiga, por exemplo.

Merece ser assinalada aqui, a propósito da manteiga, a competição das vitaminas no nosso organismo. Um excesso de vitamina A faz desaparecer a vitamina C. Portanto, quando se consomem grandes quantidades de manteiga e mesmo é di-zer de vitamina A, é recomendável a absorção simultânea de frutos frescos.

Faça chuva ou faça sol

Ja

pode lavar e secar a roupa

ALBA CYGNUS

... A máquina que

LAVA

SECA

A ROUPA...

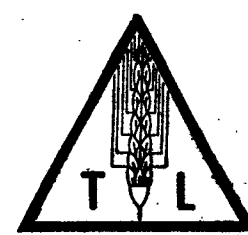


ALBA-CYGNUS

LAVAR

POUPAR

Uma representação



PARA A COMODIDADE E A ECONOMIA DO LAR MODERNO

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS STANDS DE

Frigaz

R. Maria, 43-C — Telefone 8491 07

SALADA DE COUVE-FLOR

Cozer a couve em água fervente salgada. Escorrer a couve depois de cozida, separá-la em pequenos raminhos e deitar-lhe azeite e vinagre (já demos a receita de um bom molho destes). Agitar de vez em quando. Colocar os raminhos num prato e deitar-lhe por cima queijo «gryere» ralado e um pouco de mostarda (para quem gostar, não indispensável como o queijo).

CREME RÁPIDO

1/4 le litro de leite.
1/2 copo de leite.
Açúcar banielhado q. b.
1 colher de sopa de cacau.
1 colher de sopa de farinha Maizena.
2 colheres de sopa de açúcar vulgar.
Ferver o leite banielhado. À parte, juntar a farinha com o cacau e o 1/2 copo de leite e o açúcar. Dissolver bem para evitar os caroços. Deitar lentamente esta mistura no leite fervente, sem deixar de mexer e cozer durante 5 minutos. Servir muito frio.

SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

FLOR DE SÃO PAULO

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 25017

BELO HORIZONTE

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

SOLAR BOÊMIO

R. dos Correios, 125-129—T. 25277

A CAIVOTA

L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21553



O Livro da semana

Será o radar a nova arma contra o cancro?

O cinema é hoje uma das distrações mais solicitadas — um espectáculo de massas. No entanto, com o grande desenvolvimento dos Cine-Clubes (e por ventura por outras razões mais) — já existe uma camada exigente de espectadores que considera o cinema mais do que uma simples distração.

Para essa camada, bastante numerosa, não há dúvida, se dirige a obra em fascículos que "Livros Horizonte, Lda." começou a distribuir.

HISTÓRIA DO CINEMA MUNDIAL

POR

GEORGES SADOUL

Georges Sadoul é a maior autoridade do nosso tempo em assuntos de cinema. Por aqui se avalia, pois, o altíssimo interesse desta obra. Para facilitar a sua aquisição, resolveu-se fazer a sua publicação em fascículos mensais (cada de 12) em papel off-set de fabrico especial, com 48 páginas de texto e três extra-textos em cada fascículo.

Preço de cada fascículo: ... 2500

És uma obra excepcional que não pode faltar na estante de todo o bom apreciador de cinema.

Conheça melhor o cinema, lendo

HISTÓRIA MUNDIAL DO CINEMA

POR

GEORGES SADOUL

Pedidos a

LIVROS HORIZONTE, LDA.

R. das Chagas, 17-1-D

ou no seu livreiro habitual

Há cerca de dois anos, num aeródromo dos Estados Unidos, deu-se uma grave avaria no sistema de «controle» da antena de um radar de grande potência (600 kilowatts de potência contínua, 18.000 kilowatts por impulsão). A antena oscilou e as ondas, projectadas sobre o campo, foram atingidas um sargento, que tombou fulminado.

Ao princípio acreditou-se que o desventurado militar teria sido «queimado» pelas ondas, mas o dr. Heller, do Centro de Pesquisas da Nova Inglaterra, pouco convencido com versão oficial, dispôs-se a investigar o caso e acabou por concluir, após ter autopsiado o corpo, que não se tinha verificado qualquer alteração das células, carecendo-se, por conseguinte, de uma explicação plausível para a súbita morte do sargento.

Mas ainda o sábio norte-americano se debruçava sobre o mistério desse estranho caso, quando sucedeu novo desastre da mesma natureza e auto solidado da D. G. A., igualmente atingido pelas ondas de um projectador de radar, ficaram, de um momento para o outro, completamente estêreis e impotentes. E também desta vez a medicina clássica se mostrou incapaz de encontrar para o insólito acontecimento uma explicação convincente.

Ora, se os mais rigorosos exames médicos não conseguiram descobrir em nenhum dos sinistrados a mínima lesão, seria inevitável concluir-se que as ondas de radar não agiam ao nível dos órgãos, mas ao nível das próprias células, isto é, dos elementos fundamentais de todos os corpos vivos. Foi de tal conclusão que partiu o dr. Heller para uma série de investigações cujos surpreendentes resultados parecem querer revolucionar a medicina.

Até ao presente, com efeito, os meios de acção da medicina sómente têm conseguido agir sobre o corpo ou os seus órgãos. É certo que esses meios têm permitido triunfar sobre numerosos males, mas logo que se trate de doenças mais com-

plexas, como o cancro, a leucemia, o envelhecimento dos órgãos, etc., para cuja cura seria indispensável agir ao nível das próprias células, verifica-se uma quase total incapacidade da medicina clássica.

Permitirão as ultimas potentes ondas de radar que a medicina venha a exercer, num futuro próximo, a sua benéfica acção sobre os elementos fundamentais da vida e consiga assim debelar essas terríveis doenças? É a esta pergunta que o dr. Heller, no seu laboratório e com o concurso de outros eminentes sábios, procura dar uma resposta afirmativa.

Logo as primeiras e mais modes-

tas experiências, feitas ainda com matéria orgânica inerte, tiveram surpreendentes resultados. Bombardando uma suspensão de partículas de matéria plástica com ondas de 4 a 10 megacíclos (mais curtas do que as da rádio vulgar, mas não tão curtas como as dos radares mais aperfeiçoados, que chegam a atingir 100 megacíclos), o dr. Heller verificou que essas partículas, em lugar de continuarem a agitar-se em todos os sentidos, se alinhavam com a maior ordem e começavam a nadar na direcção da propagação das ondas.

A repetição de experiências do mesmo género, sempre com idênticos resultados, permitiu ao sábio investigador estabelecer a hipótese de que as ondas de rádio e de radar exerceriam forças eléctricas e magnéticas sobre as moléculas. Essas forças seriam particularmente intensas nas duas extremidades de cada molécula e fariam girar em torno do seu eixo a maneira de uma bússola que procura o pólo Norte. Se o efeito não tinha sido ainda observado era, segundo o dr. Heller, porque não se tinha até então empregado ondas suficientemente intensas.

Encorajado pelos primeiros sucessos, o sábio principiou a submeter à acção das ondas alguns dos corpos vivos mais elementares, tais como: amebas, infusórios, diversos micróbios e glóbulos vermelhos. Um fenómeno análogo se produziu, mas sob uma forma mais subtil: todos os micro-organismos nadavam numa direcção que dependia da frequência das ondas. Assim um determinado tipo de micróbios nadava na direcção Este-Oeste sob uma frequência de 6 megacíclos, mas, sob uma frequência de 25 megacíclos, fazia uma volta de 90 graus e começava a nadar Norte-Sul. Os glóbulos vermelhos, por

observáveis ao microscópio. Ora, os cromossomas que governam a hereditariedade de todos os seres vivos são, como as bactérias, conjuntos de moléculas gigantes. Seriam eles igualmente sensíveis à acção das ondas ultra curtas?

O resultado ultrapassou todas as expectativas, porque não só os cromossomas da raiz do alho se orientavam no campo electro magnético, mas também se enrolavam sobre si próprios, se torciam e tomavam uma infinidade de formas que não tinham normalmente. A consequência foi uma série de verdadeiras mutações artificiais, ou seja o aparecimento de células totalmente diferentes das que até agora tinham existido em qualquer raiz de alho.

Será bem difícil conseguir desde já prever até onde nos levarão as prodigiosas descobertas do dr. Heller, mas talvez não seja muito exagerado afirmar que a possibilidade de produzir as mutações desejáveis pela simples acção selectiva das ondas sobre certas células dos organismos vivos, nos tornará num futuro próximo senhores da hereditariedade, como da vida e da morte das células.

Outra conclusão, esta de interesse muito mais premente, poderá tirar-se das mesmas experiências, se acrescentarmos que o dr. Heller e os seus colaboradores já descobriram quais as frequências que impedem a reprodução das células da raiz do alho. No dia em que eles tenham encontrado outras frequências que impeçam, por exemplo, a reprodução das células do cancro sem alterar as células normais, então esse medonho flagelo da Humanidade será vencido.

Não é possível prever com exactidão quanto tempo a ciência ainda levará para atingir essa tão almejada finalidade, mas temos a consoladora certeza de que uma tal descoberta, graças aos trabalhos do dr. Heller e dos seus colaboradores, entrou já no domínio das probabilidades.

A N T U N E S P I N T O

seu turno, nadavam no sentido Norte-Sul por altura dos 10 megacíclos.

Tratava-se, sem sombra de dúvida, de uma descoberta capaz de ter consequências verdadeiramente extraordinárias. Pela primeira vez na história da biologia se tornava possível separar organismos vivos sem os matar. Os únicos meios até então conhecidos para separar diversas espécies de micróbios eram os produtos químicos e os antibióticos. De futuro, bastaria utilizar as ondas para forçar duas espécies diferentes a nadarem em direcções opostas e a ideia de forçar o bacilo de Koch a emigrar para fora do pulmão, ou o colibacilo a abandonar o apêndice, tornava-se inteiramente viável.

Mas as experiências não ficaram por aí e possibilidades ainda mais sensacionais foram oferecidas pelo dr. Heller à biologia e à medicina.

Para continuar a sua natível série de experiências sobre os efeitos das ondas de radar nos organismos, o sábio norte-americano escolheu desta vez a raiz do alho e não foi por mero acaso que a escolha foi feita, mas porque essa raiz contém cromossomas gigantes facilmente

Quando António Moreno tratava a irmã pelo seu nome verdadeiro, era porque no seu peito alguma coisa mais o empolgava, além dos cuidados da sua casa. Semeara o trigo com uma grande esperança e alegria, mas viera uma seca, em pleno Inverno, sol, sol, e lá nos meados de Dezembro, é que rebentara um frio de empréstimo. Água, só depois. Ao pé de Janeiro, choveu, choveu, que as ribeiras tomaram vulto, cresceram nos leitos, alargaram prados e as estradas velhas transformaram-se em lodaçais. A courela, duma ponta a outra, e durante meia-duzia de dias parecia um terreno de arroz, com a água ludra empapando-a de cabo a rabo. Só quando veio a Lua nova e novamente o Sol se encheu de coragem e pediu algumas forças que lhe faltavam aos barros alagados, é que a courela de António Moreno, que ficava numa baixa, tornou a ter a mesma cor de antigamente. Desde então, o courela tinha ficado com uma cisma: as sementes não resistiriam ao dilúvio da água e a terra, mordida pela fome da sua temperatura bravia, cansava-se, logo á nascença de uma seara. A espera dos meses seguintes, o homem não dormia na sua cama, como se a consciência o acusasse de alguma culpa maior. Punha a espingarda a tiracolo e ala para o escampado, á caça de coelhos, perdizes e lebres, e com o sonho de uma raposa metido na cachimónia.

—Maria Jacinta!

—Anh!

—Estive cá a pensar numa coisa...

—No que é que tu pensavas, Tóino?

—Em escrever ao nosso primo Augusto.

—P'ra quê?...

—Escrevia-lhe por mor de irmos experimentar a vida da cidade...

—Deixa ver primeiro no que dá a seara...

—Sim, só depois de ver o que dá a seara.

—Levantou-se, lesto, com o estojo debaixo do braço.

—Já vou tarde pró ensaio e o sr. Alcides vai ficar furo, pois no domingo temos de ir tocar a uma festa em Montoito. Adeus, até logo.

—Adeus, Tóino.



amigos. António Moreno aproximou-se, já a medir as palavras que lhe havia de dirigir, tu cá, tu lá, que ele não havia de fazer manguação, e o punho fechado, redondo, quando o Afonso Linho se voltou de repente, a princípio sério e contrariado, para depois abrir os braços, numa grande teatrala:

—Ora bom dia, amigo, atão o chapéu?...

—Tá aqui e venho p'ra contas!... — e mostrou-lho.

—Ora essa, nosso amigo, sim senhor, nem outra coisa era de esperar da minha pessoa. Ou pensava que eu me esquecia? Eu não o bia, homem de Deus, eu não o bia. Subi o oiteirinho, dê com os olhos no pássaro, tchreu, tchreu, e zambumba, quando mal me precatei, tinha-lhe furado o braguês. São coisas que acontecem, nosso amigo, são coisas que acontecem!...

O homem falara, falara sem descanso, assim como quem queria desfazer uma má acção, entregando a carteira ao ofendido.

—Pára lá um pouco a cantoria, Afonsinho, e vamos a contas que eu não tenho vagar e não te peço nenhuma esmola! Lá no campo ameaçaste-me. Estragaste, pagas! — e olha que muita sorte tiveste tu, meu mariola, em não te encabritares comigo agora, quando não isto hoje ia tudo razo, ouviste?!

—Pefeitamente. Calma, homem, quem é que lhe fez mal? — Eu nunca lhe disse que não lhe pagava!...

Quebrou. António Moreno quebrou com palavras tão quietas e mansas. Fosse quem fosse que o levasse ás boas, tirava-lhe as forças do sentimento. Mesmo assim, ainda retilou:

—Diga-me, porque pôs a espingarda á cara, depois do acidente?

—Porque tive medo de si, nosso amigo. Os seus olhos varreram o meu corpo e pareciam duas balas mais perigosas que as que eu trazia na culatra. Sejamos amigos como dantes e o que lá bai, lá bai!...

—Deixemo-nos de audácias, venham as notas, que lá beber um copo com quem se retrata, nunca eu fui peço!

Dali seguiram para o tasco do tio Inácio, a fazer contas e a comer lombinhos de porco assados na grelha, acompanhados, com bons copos de vinho de Reguengos.



VERSO E REVERSO DA SEMANA

I
No tempo que decorre, negregado,
dizem-nos que das crises a pior
(e eu acredito) é a falta de amor
do qual se tem os homens arredado.

Os homens; porque vem aqui do lado
inesperada lição de alto valor:
na Itália, a paixão torna a haver cor,
morre um grande camelo apaixonado...

Porém, amigos, o extraordinário
é que é um camelo a sério, um dromedário,
que o amor, desta vez, levou à glória!

Não faltou o amor, — saber interessa —
Só falta que algum Dumas apareça
para contar, perpetuar a história.

II

De amor — de suas artes e venenos —
lhes falo ainda (e provo, na verdade,
que o sentimento tem vitalidade
para mais um soneto, pelo menos).

Na Pensilvânia faz Cupido acenos
a dois simples mortais. Com que ansiedade
encaram eles a felicidade
que firme lhes promete dias plenos!

Dirão vocês que é assim entre os humanos.
Mas reparem que a dama oitenta e um
tem, e o marido ainda mais dez anos!

«Casar assim, para quê?» eis pensa algum
dos meus leitores. Bem, eles lá sabem.
Grandes mistérios dentro do amor cabem!

POSTAL ILUSTRADO

Sonho com uma casa térrea. A flor do chão, como as violetas. Não por modéstia, mas pelo simples motivo de as grandes alturas me agoniarem. Não me convidem, pois, para admirar a paisagem no terraço do sétimo andar.

Posso dizer onde isto começou. Era um adolescente quando me veio parar às mãos a «Sétima Cruz» de Ana Seghers. Fugido de um campo de concentração, Fritz (será este o seu nome?) tem na peugada as forças hitlerianas. A malha aperta-se, impossível escapar! Está no último andar de um arranha-céus, salta de telhado em telhado, ele antigo famoso ginasta! De metralha-

dora aperreada, a aranha nazi avança... Então Fritz despenha-se do último andar para a rua num elegante salto de acrobata...

Não há vez nenhuma que, encon-

sexto andar comercial onde o ascensor se avariou. Sem motivo. As escadas são largas, boas de subir, com um tapete persa calçando-nos os passos de silêncio.

Dou conta deste ruído contínuo que me segue desde o primeiro andar e já vou no quarto. Alguma sessão de bailado em desenhos animados, multidões jogando ritmada, incansavelmente o pingue-pongue...

Nada disso. Funcionários matrel-queiam ágilmente as teclas das máquinas de escrever. Enviaem mensagens em todas as línguas, para todas as partes do Mundo. Preços, cotações, câmbios. Qualidades, tipos, características. Embarques, guias de remessa, certificados de origem, abertura de crédito. Reclamações, solicitações, pedidos urgentes. Mensagens importantes referentes ao negócio do sr. Pereira para outros srs. Pereiras de Paris. Tóquio. Buenos Aires, traduzidas não pelo sr. Pereira mas pelos seus empregados em Buenos Aires, Tóquio, Paris. Sete horas — quando não há serão — a despedir mensagens importantes ao gosto e ao interesse do sr. Pereira...

E as suas mensagens deles? Onde param as esquecidas! Onde param, sempre reverdecidas e sempre esmagadas, sempre reverdecidas e sempre reverdecidas? Será que, a preocupação de bem traduzir as mensagens comerciais para todo o Mundo, lhes tenha feito esquecer aquelas que todo o homem tem para enviar a todos os homens?

Não creio. Neste frenar das teclas trepando arranha-céus de angústia, encaixotado mas estrobuchando através das paredes grossas, a mensagem dos homens a das mulheres afastadas do Sol e do Verão, chegue até mim, clara e limpa, sem nenhum esforço, como se eu estivesse no segredo da cifra.

MANUEL AGRE



No teatro

O caso passa-se num teatro de Washington (1911). A peça terminava pela morte da heroína e o pano devia baixar lentamente. Ora uma noite o pano não funcionava bem e portanto não desceu; a artista, inquieta, não ouvindo o ruído do costume, produzido pelo desenrolar da tela, entreabre os olhos e vê que o público, não supondo a acção terminada, não se mexia.

Então, com sangue frio admirável, a artista ergueu-se e, dirigindo-se para os bastidores, exclama:

—Impossível achar repouso, mesmo depois da morte.

Só nessa altura os espectadores compreenderam o que se passava, ovacionando delirantemente a artista.

trando-me eu deslargo do chão, me não ocorra a memória e aos nervos o salto heroico. Agora mesmo, que vou subindo as escadas deste

ULTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

Próximamente

leia

(não pode deixar de ler)

A ARVORE DA NOITE

por

Truman Capote

A ÚLTIMA ALDEIA

por

André Chamson

A CAPITAL DO MUNDO

por

Hemingway



IV

MESMO que quisesse, António Moreno não podia esquecer a peripécia do campo. O melro era esperto e sagaz. Tinha dois dedos de testa, sacudira-lhe a veneta com três palavras, um sorriso e dois abraços. Efectivamente, podia não ser propositada a pontaria que fizera, lá isso... Ia-o matando, mas pedira-lhe perdão em frente de um grupo de homens. Era o bastante, mas a forma como lhe dera o dinheiro do chapéu, sessenta milrês escorridos dos dedos trémulos, duma maneira breve, brusca, sacudida, não o olhando de frente, assim à laia de um cão de guarda que não ladra quando vai morder um maltês que passa ao pé da herdade, isso é o que o punha na duvida. O galego fazia-as pela calada, isso é que fazia!... Pé adiante, pé atrás, cinquenta mil olhos á espreita do fabiano, não fosse ele tecê-las...

Quando entrou em casa, a mana Jacinta viu-lhe o chapéu novo, largo, de bom feltro, e admirou-se:

—Atão, Tóino, foste comprar um chapéu?...

—Pois fui. Deu-me p'rai a tineta. Apressai-o na loja do sr. Godinho e pronto, custou sessenta mil réis...

A mana não precisava de saber das suas questões com o Afonso Linho.

—Bia, dá cá o instrumento, hoje vou ao ensaio.

Mas não esperou que Maria Jacinta lhe trouxesse o estojo com o clarinete. Foi ele mesmo ao quarto buscá-lo.

Sentou-se na cadeira de palha, ao lado da mesa da cozinha e puxou de um lápis, rasgou um pedaço de papel, e em cima do oleado fez duas contas:

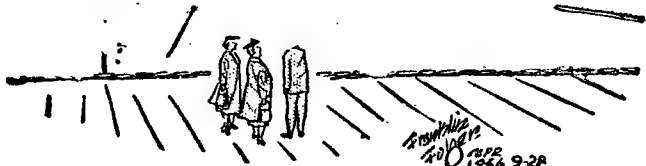
—Devemos trezentos mil réis na loja. E a seara ainda tão longe... Vou amanhã á Caixa Agrícola tratar de um novo empréstimo. Assim é que não podemos viver, Bia. Os porcos morreram, só temos a seara...

—As casas também estão, á cair. O Simplicio quer obras e só paga cinquenta escudos de renda... Depois que o pai morreu, só temos tido azares na vida, Tóino...

—Deixa, Maria Jacinta, o diabo não há-de estar sempre atrás da porta... Enquanto eu tiver saúde, estamos garantidos!

O RISO DA SEMANA

INGENUIDADE



— Como é que conseguem meter aquele «ferro» tão grande por um buraco tão pequeno?

UMA VEZ POR OUTRA

Há quase cinquenta anos

Quando Portugal foi para a primeira Grande Guerra, o exército português teve de ser improvisado. havia um perigo: chegada lá porque acabava de vir da Monarquia, se as mulas não parassem na devida altura, tudo aquilo podia virar para o outro lado do cabeço, e precipitar-se de escantilhões por ali abaixo, sacrificando material, animais e até homens talvez.

Requisitaram-se, por aqui e por ali, todos os animais que ainda tinham algum préstimo e, entre eles, as mulas que restavam dos velhos transportes citadinos que iam desparecendo com o advento dos carros eléctricos — os carros do Choro e do Jacinto que faziam as carreiras para o Intendente, para o Conde-Barão e para Belém.

E começaram os exercícios militares na Serra da Carregueira. As mulas eram atreladas às carruagens de artilharia e, tanto quanto podiam, escanzeladas como estavam, lá iam levando as peças aos seus destinos.

Uma bela tarde — mandava o plano do exercício — era preciso

colocar uma bateria no alto de um elevado cabeço da Serra, mas... havia um perigo: chegada lá porque acabava de vir da Monarquia, se as mulas não parassem na devida altura, tudo aquilo podia virar para o outro lado do cabeço, e precipitar-se de escantilhões por ali abaixo, sacrificando material, animais e até homens talvez.

O capitão fazia então grandes recomendações aos seus soldados. Era preciso parar a tempo, exclamavam no momento em que a carreta chegasse lá acima, aquela pequena plataforma que constituía o cume do cabeço e onde não cabia mais nada. Do outro lado era um desfiladeiro, quase a morte certa.

Nesta altura interveio um soldado bisonho, mas de olhar vivo e esperto, ansioso mais por mostrar as suas habilidades do que propriamente por prestar o serviço:

— Dá licença, meu capitão, eu tomo conta nisso.

— Mas que percebes tu disto? — fez o capitão.

— É que eu, volverei o soldadito, já conheço as manhas das bestas, porque fui uns poucos de anos cocheiro do Choro. Deixe-me o meu capitão com elas.

E a carreta partiu por ali fora, grito de aqui, chicotada de acolá, ajuda de um, empurrão de outro, no meio de uma poeira louca. Chegadas lá cima as bestas iam excitadas e os homens começaram a puxar os arreios e a gritar para fazer para aquela traquinana já prestes a tombar para o outro lado. Estava-se na iminência do desastre quando o capitão gritou para o soldadito que se tinha responsabilizado pela operação:

— Ó 73, então, que fazes tu?

— Conde-Barão! — gritou ele.

E tudo aquilo parou como por encanto. Bem sabiam as bestas que aquela voz era para parar.

ALFREDO FRANÇA

Ciência

Mais de metade do corpo humano é água, por isso as pessoas que gostam de água-pé, só precisam de beber o vinho.

— Cá por mim, até gosto mais de as ver com saias curtas...

AS POEIRAS LUNARES

Os cientistas creem que a superfície lunar está coberta com uma camada espessa de poeiras.

(Dos jornais)

Sabe-se agora que a Lua, Aquela Lua fagueira Que no céu azul flutua, Para não estar toda nua Se cobriu de poeira.

Seus montes, suas colinas, Seus vastos e fundos mares E suas grandes campinas Tudo são perfeitas minas De poeiradas lunares.

De modo que esse planeta Todo catita e liró Que inspirou tanto poeta Tem agora esta faceta De estar coberto de pó

E se acontece chover, Meu bom leitor, isso então, Já daqui estamos a ver O lameiro que há-de haver Em tão sidéria mansão!

E inda há por cá muita gente Co'a mania de ir à Lua, Talvez por não estar contente E achar insuficiente A lama da sua rua!...

A. F.

Progresso inútil

A esposa, lendo o jornal, tem uma explosão de alegria:

— Imagina tu que daqui a sessenta anos tudo se fará por meio de botões

O marido acode logo:

— E que se ganha com isso? Há dez que somos casados e ainda não conseguiste entender-te com os botões das minhas camisas...

O casamento do cozinheiro



O AVISO

O gerente do hotel mandara afixar em todos os W. C. um pequeno cartaz que dizia assim:

Pede-se aos Ex. clientes que, ao sair desta casa, a deixem tão limpa como desejariam encontrá-la quando entrarem.

Um brincalhão escreveu por baixo:

Encontrei-a suja quando entrei e não estou disposto a limpá-la, a menos que me paguem como mulher a dias.

Perguntar por perguntar

Pode-se ter um desmaio em Junho?

A lua-de-mel serve como sobremesa?

— Mamã, porque é que quando vamos com o papá, nunca fala ao sr. Tomé?

Um pastel de nata pode ir à exposição da S. N. B. A.?

Chapéu da senhora

Ela tinha um chapéu horrível completamente disparatado, que irritava o marido e quando ele lhe censurava o mau gosto, ela só respondia:

— Pois, sim mas eu gosto muito dele.

O marido, então, perdia a cabeça e raciocinava:

— Valha-te Deus, eu também gosto muito de bacalhau e não o faço à Gomes de Sá para pôr na cabeça.

A verdade dos provérbios

Mais vale um pássaro na mão com ervilhas do que dois a voar.

Quem se não sente não é filho de gente que costume estar sentada.

Uma mão lava a outra e as duas lavam o resto.

A falar é que a gente não se entende.

Nem todo o mato é oregãos, há também a erva das ruas

O Sol quando nasce é para todos menos para os que estão á sombra

Come para viver, não vivas para comer os outros.

Muito se engana quem julga que os outros o acreditam.

Quem escuta de si ouve o que dizem os amigos.

Quem tem telhados de vidro não atire pedras ao do vizinho sem mandar cobrir o seu com rede de arame.

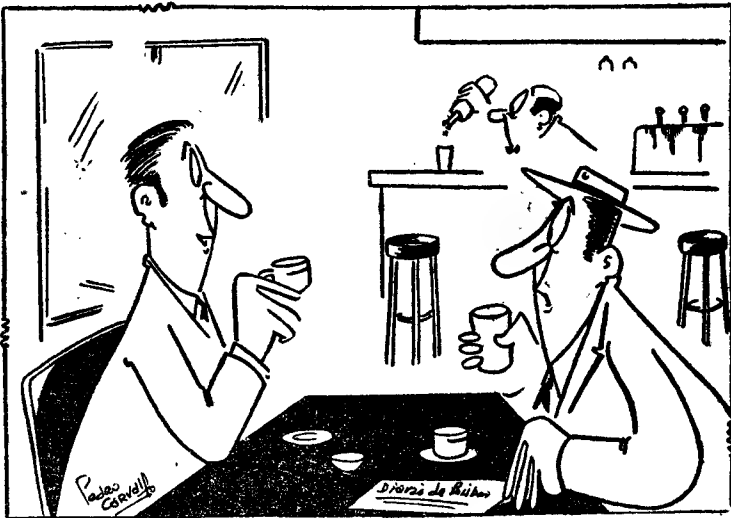
Homem doente, homem para sempre com dores.

Hidrófobo

O homem estava muito mal. Tinha sido mordido por um cão danado e o médico disse-lhe com toda a franqueza o seu estado.

— Quer tomar algumas providências? Tem algum desejo a satisfazer?

— Tenho. Convide para um chá em minha casa todos os meus amigos que dizem mal de mim. Preciso também de ter em quem morder.



— Entrar numa jaula de leões! Que tem lá isso?! Eu já lá entrei mais de vinte vezes.

— ...E nunca teve medo?

— Eu, medo?! Começa porque de nenhuma das vezes lá havia leões...



Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXXIV — Carlos Lobo de Avila

Este «Vencido da Vida», que foi dos primeiros a desaparecer teria sido neste País tudo quanto lhe apetecesse devida às suas qualidades de inteligência e ao seu poder de insinuação.

Atacado, como em geral acontece a todas as pessoas de mérito, era a paixão de João Franco que teve com a sua morte «um dos maiores desgostos da sua vida».

Os «Vencidos da Vida», esse grupo «jantante» como lhe chamava Fialho com uma ponta de despeito, chamavam a Lobo de Avila, o «Benjamim» do grupo, por ser o mais novo de todos.

Director do jornal «O Tempo» que era órgão oficioso do grupo, ali se deram afinidades políticas que tiveram êxito. No seu jornal definia assim a política que o fez ministro duas vezes, ele que morreu apenas com 35 anos.

«A política é uma arte muito especial. Vive de oportunidades e bamburrios. Há homens notáveis que falham pela sua timidez e há mediocres que triunfam pela sua audácia».

Assim foi, assim é e assim será.

Carlos Lobo de Avila abandonou o Partido Progressista, levando consigo o grande orador António Cândido e a campanha que sofreu do partido que abandonara, foi terrível. Diz Rocha Martins:

«Rebentava uma campanha de Imprensa contra o moço talentoso que procurava formar um ministério com gente nova. Menos cabiam-lhe os sentimentos, alcunhavam-o soezmente e andava o seu nome nos jornais republicanos em troças que a «Folha do Povo» consubstanciava na sua secção intitulada «Os Ridículos».

Nessa altura agitada da sua vida política, «O Tempo» que ele fundara e agora pertencia ao conselheiro Dias Ferreira, dizia em grossa referência ao jovem Lobo de Avila, ministro das Obras Públicas:

«Passando ontem nas arcadas do Terreiro do Paço, notámos com espanto, que ainda não estivessem colocadas as respectivas tabuinhas verdes nas janelas do gabinete do sr. ministro das Obras Públicas».

Até onde podia chegar a ferocidade política!

No «Correio da Manhã», jornal dirigido por Pinheiro Chagas, havia uma secção que deu brado intitulada «Perfis parlamentares». No auge dos ataques a Lobo de Avila, chegou-se a escrever nesta cruel secção:

«É tão velhaco que alguém disse de Sua Excelência: não é ele que sai ao pai. O pai é que sai a ele».

O pai de Lobo de Avila era o conde de Valbom, figura grada da Monarquia.

Nos «Vencidos da Vida», onde pontificavam Eça, Ramalho, Junqueiro, Sabugosa, e tantos homens ilustres, Lobo de Avila aparece re-

tratado ao lado de Oliveira Martins. Chamavam-lhe «um prodígio de pouca idade que tanto urdia uma trama como volteava num baile».

Quando fez anos, os «Vencidos» festejaram a data, tendo o conde de Sabugosa, escrito o hino dos «Vencidos da Vida» que nessa noite os amigos entoaram desafinadamente. A música era a da «Rosa Tirana», então popularíssima. A primeira estrofe era dedicada ao anfitrião:

— Aqui estão os dez vencidos
Oh! Carlos
Tirano!
Cumprimentos escolhidos
Trolaró, laró, laró...

Depois de variadas oferendas em que Eça de Queirós, revelou a receita de um bacalhau de cebolada, o autor dos versos, fechava com esta estrofe:

— Sabugosa arrebatado
Oh! Carlos
Tirano!
Um verso de pé quebrado
Trolaró, laró, laró...

Em 1895, Lobo de Avila, na flor da idade desapareceu, levando consigo alguns segredos da política do seu tempo.

Esta evocação de hoje, mais de episódios que de anedotas, recorda um rapaz que, como dissemos, teria sido neste País tudo quanto tivesse querido, se a morte o não tem levado tão novo.

O sr. pintor chimpanzé



O pintor e o quadro. Quem visse esta tela bem manchada, com uma aberta e arrojada fantasia e um vivo sentido de modernidade, poderia augurar ao autor uma fortunosa carreira, mesmo no momento em que o abstraccionismo parece já em regresso nos grandes salões... Um génio? Quem sabe? Chama-se Congo este brilhante artista e vive não em Soho, mas no Zoo de Londres. Já goza de alguma celebridade, pois surgiu na Televisão, no programa «Histórias de animais». Enfim... Cultura plástica, não tem ele certamente, mas dir-se-ia que não lhe falta intuição... E afinal a ingenuidade, a pura entrega impensada à cor, não precisa ele de a fabricar: já está nele... Que papel não estará reservado aos símios na arte do futuro?!



Curiosidades

Num dicionário pitoresco e paradoxal que foi agora posto à venda em Paris, o célebre musicólogo e humorista Bernard Garoty, com o pseudónimo de Clarendon, dá a seguinte definição de «técnica»: «conjunto das qualidades acrobáticas — velocidade, força e ímpeto — que se atribuem geralmente aos virtuosos enfiadinhos».

Um excêntrico escritor inglês, Robert Graves, apresenta uma nova e «reveladora» tradução da Ilíada, de uma Ilíada essencialmente caricatural e humorística, sublinhada com grossos traços burlescos. «A minha tradução», afirma agressivamente o sr. Graves — abalará profundamente as versões escolares e universitárias de que Homero tem sido vítima».

JORNAL ALGARVE SETUBAL de Luanda
diários d'Evora DO
Diário do Min
Jornal dos jornais
diário da Madeira SINTRA
DIÁRIO DE COIMBRA Rio de Alentejo

O preço dos vinhos

Ultimamente, dizem, os vinhos desceram um pouco quanto ao preço. De 1.900\$00 e 1.800\$00, como se vendia cada pipa, agora fala-se para 1.500\$00 e 1.400\$00.

A razão de tal crise deve estar na entrada de certos garrações na região demarcada dos vinhos verdes e mesmo no nosso concelho de Monção.

Será «efectivamente» vinho verde que esses garrações trazem? Quem perde sempre com estas coisas é o pobre do lavrador que muitas vezes se vê em dificuldades para fazer face às despesas caseiras.

O lavrador vale-se de um gado que vende e de um vinho que procura vender sempre quando as circunstâncias o permitem.

Conheço um negociante de vinhos que comprou uma pipa por 1.300\$00 e passados dias, foi vendê-la a uma casa de pasto por 1.700\$00!...

Já é negócio!... e quem perde é sempre o pobre do lavrador!... («A Terra Minho», de Monção)

A pavimentação das ruas de Lisboa

Após o desventramento de todas as artérias da cidade, por motivo das obras de saneamento, vai enfim proceder-se à tão desejada reparação dos pavimentos, cujo estado precário tantos dissabores ocasionou e por cuja aceleração oportuna sinceramente pugnamos.

Os poderes públicos, de que dependiam tais trabalhos, decerto, vendo a justiça do nosso clamor — que era o da cidade inteira — não se fizeram demorar e, terminadas as respectivas diligências, necessariamente morosas, acabou de se concluir o processo de tão volumosa obra, que importará em cerca de 2.500 contos e beneficiará 177 ruas que são revestidas pelo sistema de calçada à portuguesa, nas artérias estreitas e de pouco movimento, e pela aplicação de macadame com revestimento a betuminoso, nas restantes.

A Praça de Bocage, que já tem passado por várias modificações — a última das quais há 40 anos — vai sofrer profundo arranjo urbanístico

e as faixas de rolagem serão revestidas de argamassa betuminosa. («Setubalense», de Setubal)

O enterro da gata

Retomando uma tradição, que de longe vem, os finalistas do Liceu Sá de Miranda resolveram celebrar este ano a Festa da Gata com um programa que, certamente, vai despertar interesse, não só entre os actuais alunos, mas ainda entre os antigos.

Dos prospectos, largamente distribuídos destacamos o seguinte:

Quinta-feira, às 17 horas — Os estudantes de Braga cumprem o doloroso dever de comunicar ao estimado público o falecimento de um seu ente querido (a Gata). Irá a enterrar neste dia e a esta hora, e o préstito fúnebre sairá da sua residência (no Liceu) e seguirá até o cemitério dos companheiros de espécie (na Ponte). Haverá discursos de comovido pesar e a guarda de honra será feita por uma companhia de cavaleiros (montados em burros por falta de cavalos).

22,30 horas — «Serenata Monumental» no Largo do Paço na qual colabora o conjunto de fados dos estudantes de Braga.

Para a serenata, foram convidadas as autoridades e outras pessoas de destaque na cidade.

Seguem-se as ceias académicas. («Diário do Minho», de Braga).

O Rádio-telefone do Porto Santo

Começaram há alguns dias a funcionar em regime experimental, as ligações telefónicas com o Porto Santo, melhoramento de importância para aquela ilha e que vem quebrar o seu isolamento.

Depois da Central telefónica automática do Funchal, da ampliação da rede e doutros benefícios com que os C. T. T. dotaram o distrito do Funchal, é este facto, motivo para que acentuemos, o interesse com que têm sido tratados neste sector, os interesses da Madeira.

Todavia, temos de confessar que a taxa provisória que vai ser cobrada (15 escudos pelos primeiros três minutos) é proibitiva para a maior parte das pessoas, e não contribuirá para se criar o esperado intercâmbio entre as duas ilhas, e para o frequente movimento das oito linhas telefónicas, já que é também limitado o número de horas em que podem ser usadas.

Esperamos que o custo das ligações, seja reduzido e não ultrapasse o valor das ligações entre o Funchal e a zona rural. («Voz da Madeira», do Funchal)

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

FRANÇA — Bordeaux: (de 14 a 29 de Junho de 1959). Paris: Exposição de Indústria de Construção Eléctrica (de 12 a 28 de Junho de 1959); Salão da Química (de 18 a 29 de Junho de 1959).

ESPANHA — Barcelona: (de 1 a 20 de Junho de 1959).

ITALIA — Palermo: (de 13 a 29 de Junho de 1959); Trieste: (de 21 de Junho a 5 de Julho de 1959).

Pedir esclarecimentos: na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio); nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

A volta ao Mundo (5)

O Luxemburgo

SUPERFÍCIE — 2.586 quilómetros quadrados.
POPULAÇÃO — 314.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Luxemburgo (capital, 68.032 habitantes); Esch-sur-Alzette (28.000); Differdange (16.800).

GOVERNO — O principado do Luxemburgo é uma monarquia constitucional. Actualmente o monarca é a Rainha Carlota. O Governo do país é chefiado por Joseph Bech e responsável perante um parlamento, com uma Câmara dos Deputados de 52 membros eleitos por 6 anos.

CLIMA — O principado tem um território acidentado de clima bastante seco e frio no Inverno.

RIOS — Os principais rios que atravessam o território luxemburguês são o Mosela e o Sauer.

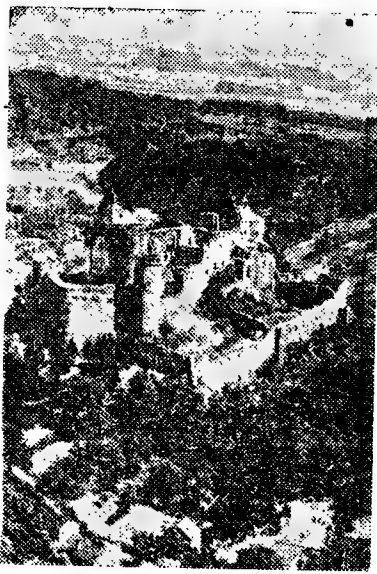
EDUCAÇÃO — É obrigatória a educação primária, sendo desconhecidos analfabetos adultos.

RELIGIÃO — A maioria dos habitantes é católica, havendo liberdade de culto.

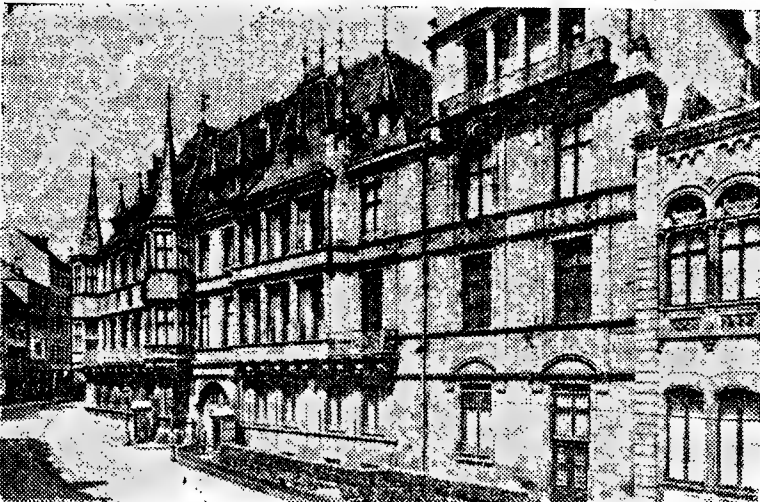
LÍNGUA — A língua oficial é o letzburgesch, falando-se também o francês e o alemão.

MOEDA — A unidade monetária é o franco luxemburguês.

ECONOMIA — O solo não é muito fértil mas está muito tratado e é muito aproveitado. As indústrias baseadas nas minas e a siderurgia. A base da economia do país é hoje a União Benelux, com a Bélgica e Holanda, desde 1 de Janeiro de 1948, que estabeleceu a união aduaneira dos três países.



Um aspecto das ruínas de Vianden



O palácio grand hotel do Luxemburgo

Flota Argentina de Navegacion de Ultramar

F. A. N. U.
 Linhas Doderio
 Buenos Aires

ss «CORRIENTES»

AVISO

Avisam-se todos os Emigrantes inscritos para o vapor «CORRIENTES» de que a saída foi adiada para o dia 29 de JUNHO, assim todos os interessados deverão apresentar-se em Lisboa ou Porto com um dia de antecedência em relação àquele que lhe foi indicado pela Junta de Emigração na Licença de embarque.

Os Agentes Gerais

Soc. Com. Orey, Antunes & Cia. Ltd.

Praça Duque da Terceira, 4

LISBOA

FERROS — AÇÚCARS

SOMMER & C.ª LDA.

LISBOA

PORTO

Rua Cais de Santarém, 40-64
 Boqueirão do Douro, 36
 Avenida 24 de Julho, 3-F e 3-1
 Telefones: 31521/5 e 665176

Rua do Heroísmo, 291
 Armazém n.º 3
 Telefones: 52102 e 54391

Domingo, 14 de Junho de 1959

EXCURSÃO DA C. P.

A

FIGUEIRA DA FOZ

3.ª CLASSE — Esc. 90\$00

IDA: Lisboa (Sta. Apolónia), 8.46 p.; Alfaias, 11.17 c.; 11.20 p.; Figueira da Foz, 11.52 c.

VOLTA: Figueira da Foz, 20.10 p.; Alfaias, 20.40 c.; 20.51 p.; Lis

boa (Sta. Apolónia), 23.35 c. Os respectivos bilhetes estão à venda na estação de Lisboa (Rossio), desde as 8 horas do dia 8 do corrente (segunda-feira). Lotação limitada.

De uma semana para a outra

DIA 6

EM PORTUGAL — A princesa Margarida de Inglaterra chegou a Lisboa, em visita semi-oficial. * O público tomou conhecimento de uma questão entre o Estado e a Estoril-Plage sobre a posse do Tamariz. * Foi inaugurado o 3.º Festival de Música Gulbenkian. * Foi encerrada a Semana do Ultramar. * Partiu para Timor, o novo governador da província. * Tomou posse o secretário-geral do Ministério da Saúde, dr. Augusto Travassos. * Foi nomeada uma comissão para estudar a instalação siderúrgica no Norte.

NO ESTRANGEIRO — Anunciava-se que o rei Balduino casará com a princesa Maria Teresa de Bourbon-Parma. * Kruchchev disse, em Moscovo, que a Rússia instalará bases de foguetões na Albânia se não forem desnuclearizados os Balcãs. * No Congresso da N. A. T. O. o comandante supremo, general Norstad, disse que o Ocidente se não deixará intimidar pelas ameaças soviéticas. * Foi assaltada a Embaixada de Cuba na República Dominicana.

DIA 7

EM PORTUGAL — A princesa Margarida visitou o Presidente da República, seguindo para a Nazaré e Tomar. * Oeiras celebrou o 2.º centenário do seu concelho. * Perto do Porto caiu uma avioneta, morrendo 6 pessoas. * Faleceu a escritora D. Emília de Sousa Costa. * O ministro do Exército anunciou a remodelação do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

NO ESTRANGEIRO — A população de Bruxelas aclamou o príncipe Alberto e sua noiva a princesa Paola di Calabria. * Foi lançado o primeiro disco voador britânico. * Em Florença a Itália bateu Portugal, por 8-2, para o campeonato militar de futebol. * O luxemburguês Charly Gaul venceu a volta à Itália em bicicleta.

DIA 8

EM PORTUGAL — A princesa Margarida visitou o Ribatejo. * O embaixador da Bélgica.

gica entregou as credenciais ao Presidente da República. * Foi assinado o contrato colectivo de trabalho com os estivadores e conferentes marítimos do Douro e de Leixões. * Tomou posse a nova gerência do Ateneu Comercial de Lisboa. * Foi a concurso por 9.100 contos, a instalação de aquecimento e ventilação da Biblioteca Nacional.

NO ESTRANGEIRO — Nos meios diplomáticos reina certo desanimo quanto ao resultado da conferência de Genebra. * Adenauer desmentiu que o presidente Eisenhower tenha influenciado para renunciar a candidatura à Presidência da República. * Em Londres, Spaak, secretário-geral da N. A. T. O., disse que aos esforços militares, é preciso juntar um programa económico e social. * A Democracia Social venceu as eleições para o parlamento da Sicília.

DIA 9

EM PORTUGAL — O Presidente da República almoçou no acampamento da Mocidade Portuguesa, no Jamor. * A princesa Margarida visitou os Jerónimos e Queluz. * Começou na Feira do Ribatejo, em Santarém, o festival internacional de folclore. * Começou a reunião, em Lisboa, do Instituto Internacional de Arquitectos Nacionais. * Félix Correia falou no Rotary Clube sobre a sua experiência pessoal de jornalista.

NO ESTRANGEIRO — Parece aumentar o pessimismo sobre a conferência de Genebra e seus resultados. * A exigência francesa de compartilhar os segredos atómicos ameaça a aliança atlântica de grave crise. * No parlamento francês o debate sobre a Argélia provocou cisão nos representantes Argelinos da Assembleia.

DIA 10

EM PORTUGAL — O Dia de Portugal foi comemorado em todo o País. Em Belém, o Presidente da República deu recepção. * A princesa Margarida almoçou com o Presidente da República. * O Presidente da República condecorou 45 professores primários. * A Mocidade Por-

tuguesa prestou homenagem ao seu fundador, o dr. Carneiro Pacheco. * A R. A. F. fez exercícios sobre Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Na conferência de Genebra, a Rússia prontificou-se a garantir durante um ano as comunicações entre Berlim e o Ocidente pela forma que este indicasse. * O Ocidente rejeitou essa proposta. * O Presidente Kubitshchek de Oliveira presidiu a sessão solene do dia de Camões no Gabinete Português de Leitura.

DIA 11

EM PORTUGAL — A princesa Margarida tomou parte num jantar e baile do Casino do Estoril. * Regressou ao Rio de Janeiro, o general Juarez Tavora, que há dias estava em Portugal. * Tomou posse o novo presidente do Tribunal Pleno de Lisboa. * Em Goa, um avião holandês capotou ao aterrar; morreram sete pessoas.

NO ESTRANGEIRO — O Congresso Atlântico de Londres recomendou a entrada do Canadá e Estados Unidos para a O. C. E. E. * Em Genebra Herter avistou-se com Gromyko, explicando claramente a atitude ocidental. * O Governo da Venezuela pediu a retirada do embaixador da República Dominicana.

DIA 12

EM PORTUGAL — A princesa Margarida partiu para Inglaterra. * Os 8.000 contos do Santo António saíram em fracções, ao 87.471, vendido no Porto a gente pobre.

NO ESTRANGEIRO — Selwyn Lloyd pediu a todos que esqueçam os últimos dias da conferência de Genebra e que se recomece o trabalho. * Parece que falhou a greve bancária em Buenos Aires. * Começou em Madrid o julgamento de Angel Sanjaia, secretário falangista e sindical.

Brasília

— cidade do futuro

Brasília, futura capital do Brasil, é a primeira cidade do Mundo concebida para receber aviões a jacto. Antes mesmo de começar a ser construída, já possuía para esse efeito, uma pista de mais de três quilómetros.

Ate A grande marca Alemã em Refrigeração



FRIGORÍFICOS:	
Modelo ET 115	Esc.: 4.950\$00
• T 135	• 5.950\$00
• Juwell 130	• 6.750\$00
• Juwell 160	• 7.500\$00
• Juwell 190	• 8.950\$00
CONGELADORES:	
Modelo FT 130	Esc.: 8.650\$00
• TT 130	• 8.900\$00
TT 130 c/ tampa transparente	• 9.250\$00



N. B. — Todos estes modelos são equipados com compressores blindados, cuja garantia é de 5 anos



REPRESENTANTES:

FOCUS, LDA.

LARGO ANDALUZ, 1 • LISBOA

TELEF. 730131-730132-730133

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

NUNCA algum europeu viajara tanto pelo interior da China como Bill Waterson que por lá andara, durante quinze anos, a vender as suas mercadorias, as quais consistiam em tudo que lhe desse bom lucro com pouco trabalho. Durante essa longa vagabundagem observara as multiplas faces do estranho país: vira a China na paz e na guerra; internara-se naqueles distritos onde a fome devorava populações inteiras, percorrendo, dias depois, algumas das mais ricas e mais fecundas regiões do Mundo. Lidara com negociantes honestos e sociáveis e também com autênticos bandidos, desapiadados e de diabólica astúcia. Tudo isso, porém, fazia parte do seu modo de vida e, ao fim e ao cabo, parecia sempre ri-sosno e próspero.

Tinha a fama de milionário — e que bem podia ser verdade —, mas além do próprio Waterson, ninguém sabia a quanto montava a sua fabulosa riqueza. Verdadeiramente, ele não precisava de andar naquelas agitadas viagens, ano após ano, mas sentia-se subjugado pelo encanto daquele país e do seu povo. Aos que insistiam para que abandonasse esse género de existência errante e inquieto, costumava responder: — «Parece-me que acabarei por morrer na estrada!» — E abalava no seu velho carro para nova jornada pelo interior da China imensa e misteriosa.

Além desses negócios, tinha uma paixão avassaladora: o jogo do «poker». Toda a gente, na China, sabia que Waterson estava sempre pronto a travar uma partida fosse com quem fosse, onde e quando fosse — e por qualquer soma. Perdia, às vezes, mas ganhava com mais frequência. E nada parecia impressioná-lo, nem os próprios Chineses, estranhos, impenetráveis, com os quais geralmente jogava. Diziam que o rosto impassível do Europeu era ainda mais enigmático do que os deles próprios.

Não admirava, pois, que Waterson estivesse totalmente absorvido num renhido jogo de poker no dia em que caiu nas mãos de Chang, o chefe dos bandidos operando, então, ao longo da margem norte do Yang-Tsé. Contudo, ficara de certo modo surpreendido ao ver que um temível pirata procedia assim, abertamente, apenas a uns três dias de viagem de Xangai. Como, porém, estava cativo para pagar resgate, não se preocupou muito.

Cumprindo as ordens de Chang, Waterson começou a escrever ao seu banco, para que fosse entregue ao portador a soma do resgate: dez mil libras. Era dirigido a Mitchell, mas não se referia, claro, está, a qualquer resgate! Num simples bilhete dizia ao gerente do banco que, por exigências de uma transacção comercial, tinha necessidade urgente daquela importante quantia. Pedira-lhe o favor de mandar o dinheiro, na forma habitual, pelo portador, que embora não o parecesse, era pessoa de confiança. E logo que o mensageiro partiu, Chang propôs uma partida de poker.

— Ouvi dizer, meu amigo, que tu és o maior jogador de poker em toda a China. Mas isso não é verdade, pois o maior jogador sou eu! E vou provar-to!

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede — Calçada do Duque, 20 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Prevêm-se os portadores de obrigações das emissões a seguir indicadas de que, em 2 de Junho p. f., pelas 10 e 30 horas, se procederá na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Julho de 1959, a saber:

7.501 obrigações de 5 %, emissão de 1937, da antiga Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal; 75 obrigações 4 1/2 %, emissão de 1903, da Linha de Miranda a Bragança; 470 obrigações de 4 %, emissão de 1951; 7.990 obrigações de 4 1/2 %, emissão de 1954; 1.410 obrigações de 4 1/2 %, emissão de 1957; 940 obrigações de 4 1/2 %, emissão de 1959.

Lisboa, 15 de Maio de 1959.

O Conselho de Administração

— Acho bem! — concordou Waterson — Cá por mim, nunca perco!

— Hás-de perder este jogo, e depois de eu o ter ganho e de receber o dinheiro do teu resgate — acen-tuou o bandido, complacente —

«Bluff» no «Poker»

Texto integral
do conto de
Ian Baker

deixe-te ir embora! O que eu tiver ganho mandas-me para cá!

— Combinado!... Mas se eu ganhar?...

— Se tu ganhares, por um infeliz acaso, vais-te embora na mesma: Nunca falto á minha palavra!

E o jogo começou.

Na primeira noite, Chang ganhou á farta; na segunda, ganhou ainda, mas menos; e tornou a ganhar em mais duas noites sucessivas. Já, então, Waterson lhe devia mais de cinco mil libras e Chang mal podia conter a alegria pelo seu triunfo. O Inglês jogava na mesma, imperturbável, sem o menor sinal de estar triste ou contente. Na realidade, ele fazia os seus cálculos sobre o tempo que o mensageiro despachado ao banco levaria para regressar a Xangai. Pensou que seis dias fosse o tempo razoável para a jornada de ida e volta.

A sorte mudou no quinto dia e ganhou, continuamente, tudo quanto perdera. A noite, porém, Chang estava, de novo, na posição de vencedor e assim se manteve até á tarde do sexto dia, quando a sorte se voltou, em definitivo, para Waterson, que apertava o parceiro elevando, sucessivamente, as paradas e forçando o jogo. O bandido começou a respirar fundo, vacilando ao pegar nas cartas, com visível nervosismo. Estavam precisamente a meio de uma rija partida quando surgiu na sala o mensageiro que voltava do banco. Chang tomou o volumoso sobrescrito selado e mandou o homem embora. Waterson, atento, deixou escapar um breve suspiro de alívio, quando viu o pirata colocar o sobrescrito a seu lado sem o abrir.

— Isto pode esperar até acabarmos este jogo!... — rosnou o bandido, que daí a pouco estava outra vez a ganhar.

Waterson, menos interessado no poker, estava sob uma tensão esmagadora, iludido na sua expectativa, pois parecia-lhe estranho não ouvir tiros lá fora. Seria que Mitchell não compreendiera o significado do oculto do seu bilhete ou, então, o mensageiro escapara ás tropas governamentais. Naturalmente — pensou — fora isto o que acontecera.

Apenas por alguns momentos Waterson permitira, aliás, que a sua atenção se desviasse das cartas. Era outra vez o mesmo jogador encarniado e, de novo, a sua sorte parecia ter mudado, pois ganhou rapidamente sucessivas partidas. Chang, que já lhe devia oito mil libras, estava muito excitado e deixava bem perceber o seu jogo.

— «Um dos piores jogadores que tenho conhecido!» — disse Waterson, de si para si.

Ainda durante algum tempo o jogo — prosseguiu, sem grandes incidentes, até que, súbitamente, o bandido rompeu numa gargalhada triunfante, ao reparar nas cartas que tinha na mão. Waterson olhou para as suas e ficou na mesma. Chang pediu duas e a satisfação subiu-lhe ao rosto. O Inglês quis so uma, mas, como sempre, manteve o semblante impassível.

O Chinês fazia parada sobre parada, que o parceiro acompanhava, e, a certa altura, num gesto impaciente, agarrou no sobrescrito do resgate, atirando-o para o meio da mesa, num decisivo repto:

— Aposto dez mil libras!

— Mostre-me o seu jogo! — foi a resposta de Waterson, sem pestanejar.

Chang abriu as cartas em leque: quatro damas e um dez. Waterson teve um sorriso e espalhou as suas vagarosamente: quatro reis e um

O bandido ficou silencioso, por momentos, e exclamou, encolhendo os ombros:

— Basta!... Não jogo mais, por agora!... Tens uma sorte fantástica!... E logo depois de eu ter ganho por tanto tempo!

— Realmente, tenho muita sorte, nesta altura!... Mas havemos de nos encontrar de novo — disse Waterson, para o sossegar.

Na manhã seguinte, o Inglês saiu do acampamento dos bandidos, sob o olhar carrancudo de Chang, que não podia entender como fora enganado.

— Não se trata de enganar, geralmente — comentou Waterson, ao apertar-lhe a mão na despedida —, mas simplesmente de bluff. Você deitou abaixo muito jogo, quando ia ganhar pela certa, e quis ver o meu, quando era excelente. E é tudo!... Como sabe, no poker tudo é bluff! Waterson só parou quando estava já a muitas milhas de distancia do reduto de Chang. Então, com um largo sorriso, pegou do sobrescrito que o gerente do banco lhe mandara e abriu-o. Sacudindo-o para o exterior do automóvel, viu espalharem-se, em grande quantidade, papéis brancos, que o vento enrodilhava pela estrada.

— «Foi este o melhor bluff de todos!» — comentou, de si para si, pondo, de novo, o carro em andamento.

Em busca da santidade

O sempre inquieto e interrogativo Arthur Koestler publicou recentemente um estudo sobre os grandes sábios que transformaram o curso da ciência moderna: Galileu, Copérnico, Kepler, Newton. Deu-lhe o título de «The Sleepwalkers» (Os Sonambuloses), traduzindo assim a sua condição de exorbitados da vida — como tem sido o próprio Koestler. E, logo a seguir, concluiu uma viagem ao Japão, o romancista-panfletário deambulou pela Índia, fascinado pelos problemas da santidade da nossa época. O seu grande tema é agora a mensagem e a acção de Acharya Vinoba Bhave, um discípulo de Gandhi que lançou o movimento Bhoodan — misto de religião, de mística social, de campanha moralizadora que está a promover a partilha das terras entre os camponeses por doação voluntária dos seus tradicionais detentores. Arthur Koestler debruça-se agora com inquieta paixão nessa aventura colectiva de uma religião nova.

Ainda um livro da Guerra

Durante 16 anos, com a aplicação teimo-

sa de velho camponês do Don, o romancista Choklovkhov trabalhou na composição de um romance sobre a guerra passada. A obra foi agora editada em França sob o título «Ils ont combattu pour la Patrie» e tem sido saudada nos mais diversos sectores da crítica como testemunho admirável do heroísmo e do horror da guerra. Desde «Le Feu» de Barbusse, dizem os comentadores, nunca a vida dos que fizeram a guerra foi descrita com tão pungente verdade. A acção decorre nas mesmas esteiras do Don que o autor de «Terres défrichées» e «Le Don paisible» tem convertido em pano de fundo sugestivo e envolvente da sua obra de romancista.

Victor Hugo reabilitado

A Congregação do Santo Offício acaba de autorizar um editor italiano a publicar uma edição anotada dos «Miseráveis», isenta da condenação do Index. A obra estava incluída na lista das obras banidas pela Igreja desde 1864 quando Napoleão III persuadiu a Santa Sé a condenar a obra do seu velho inimigo Victor Hugo, então exilado em Guernsey. Cerca de 6.000 volumes de 4.000 autores

estão incursos na pena excomunicatória do Index, incluindo-se entre eles obras de Spinoza, Kant, Voltaire, Balzac, os dois Dumas, André Gide, Sartre, Moravia e muitos outros. A reabilitação dos «Miseráveis» é considerada indício de actualização do critério condenatório do Santo Offício romano.

Agrupamentos de «amigos» de escritores

Constituiu-se ultimamente em Atenas um «Grupo dos Amigos de Paul Claudel», sob a presidência da Takis Papatzonis, que tem sido tradutor fiel da obra do grego da poesia claudeliana. A comissão executiva do grupo vai promover edições das obras do poeta, representações das suas peças teatrais, conferências, etc. Em vários países — sem falar na França, onde existem ás centenas — esses grupos de «Amigos» de escritores têm proliferado largamente e realizado obra notável de convivência e devoção literárias. Em Portugal, pelo contrário, algumas tentativas raras nesse sentido malograram-se depressa — como foi o caso do Grupo de Amigos de Romain Rolland, para o qual chegaram a efectuar-se algumas diligências.

FRIGORIFICOS

PHILCO



É preciso ter visto um PHILCO para saber o que é um verdadeiro FRIGORIFICO

Na nova linha

1959

12 modelos diferentes desenhados especialmente para cada exigência

Todos os tamanhos — Todas as capacidades

PREÇOS DESDE 5.500\$00

Plano especial de pagamento

PHILCO

LISBOA — 7, Rua Alexandre Herculano
PORTO — 117, Rua St. Catarina



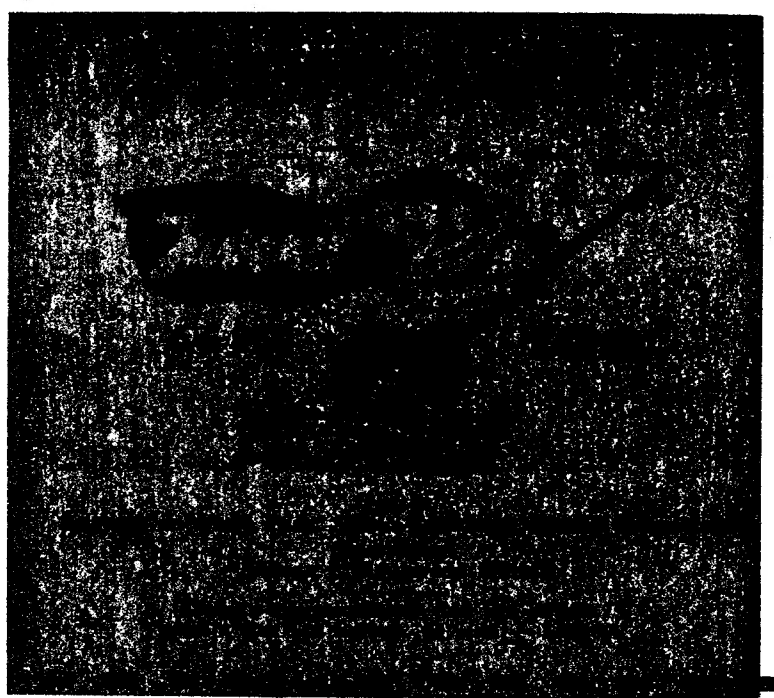
NOTAS DE LEITURA

Três homens do romance brasileiro

Se bem se recordam, terminámos a nossa última conversa quando nos referíamos ao livro de José Américo de Almeida «Bagaceira». Dizia eu o seguinte: que a leitura deste livro nos revelava uma transformação ao romance brasileiro; e como estávamos a discreitar apenas sobre a paisagem em três romances do país irmão, lembro-me de ter dito que o romance de José Américo de Almeida procura sugerir uma Natureza tipicamente nacional, brasileira, e as relações brasileiras que o homem mantém com ambiente que o cerca.

Talvez não esteja mal achado o termo: relações brasileiras. Os defensores da teoria do determinismo geográfico (sobretudo os alemães da Antropogeografia, que era um meio de demonstrar que o ambiente criava, para todo o sempre, raças inferiores e raças superiores) — os defensores do determinismo geográfico não atingiram que nas relações do homem com a Natureza não há uma natureza-em-si nem um homem-em-si, mas uma natureza-incessantemente-transformada-pelo-homem-e que, por sua vez, o transforma a ele também (embora em menor escala); e que o homem é um transformador que também sofre os efeitos das suas transformações, que ao mesmo que transforma, também é transformado.

José de Alencar, no seu O GUARANÍ, ainda não se dera conta (nem podia) que as relações dos seus compatriotas com a Natureza eram brasilei-



ras; que na medida em que o homem progredisse no domínio da natureza (sertões, ricos fecundos, florestas virgens, planaltos que pareciam inacessíveis) — esse homem estava criando o Brasil. José Américo de Almeida exprime já, e numa prosa singularmente sugestiva, as realidades profundas da natureza brasileira e o drama das relações do homem com ela:

«Num repentino desenfado, Dago-berio estirou o olhar, por cima das mangueiras meãs enfileiradas abaixo, para a estrada revoltada. Parecia a poeira levantada, a sujeira do chão num pé de vento.

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos — esqueletos redivivos, com o aspecto terrível e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam

aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma.

Eram retirantes. Nada mais.

Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, como se estivessem assombrados de si próprios.

Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.

Eis a verdadeira paisagem brasileira de uma região do grande país. Tendo encontrado o instrumento verbal capaz de a revelar. José Américo de Almeida acaba às vezes, por se deixar arrastar por um delírio de prosa que afoga as personagens do seu romance. O leitor sente que ainda falta alguma coisa; e profundando chega à conclusão que

(Continua na página seguinte)

O mais célebre de todos os violinistas nasceu em Génova, em 1782, e morreu em Nice, em 1840. Trabalhou primeiro com seu pai, e com mestres de nenhum renome; muito novo (os meninos prodígios dão grandes vantagens aos parentes e tutores), tocou em público, só mais tarde, em Parma, é que encontrou um grande mestre, Rolla, com o qual fez imensos progressos.

De 1797 a 1828 andou em digressões por Itália, começando, acompanhado pelo pai, pela Lombardia; um negociante de Livorno, entusiasmado pelo seu virtuosismo, ofereceu-lhe um esplêndido «Guarnierius», de que o artista nunca mais se separaria e que é hoje pertença do Museu Municipal de Génova.

De 1801 a 1804 teve um subitito interesse pela viola, para a qual escreveu dois duos em que o violino também participava. Em 1805 voltou, porém, à sua carreira de concertista. Em 1828 foi viver para a Austria (Viena) de que fez ponto de partida para várias digressões europeias.

Os artistas continuam a sentir a sua mão: as dificuldades de execução dos seus «Vinte e Quatro Caprichos», os «Concertos» e várias peças avulsas para violino e piano, ainda um século passado depois da sua morte não conseguiram ser dominadas pelos maiores concertistas.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 20 de Junho, acompanhadas do nome completo, data de nascimento, morada e da indicação dos três artigos que mais apreciaram esta semana.

Além dos prêmios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o Gigante desta semana.



entrevistas com adultos feitas por jovens

O nome do prof. Tomás Ribas é bem conhecido por todos aqueles que no nosso País se interessam ainda por Arte. Romancista, poeta, professor de música e bailado, crítico de «ballet» e teatro, conferencista e jornalista, Tomás Ribas ocupa hoje graças ao seu trabalho e saber um lugar de merecido destaque no meio cultural português. Era pois de grande interesse ouvir para o Juvenil um jornal da juventude e para a juventude as suas impressões sobre a mocidade dos nossos dias. E assim num dos inter-

— Acha sr. prof. que o «ballet» moderno satisfaz plenamente os anseios da moderna geração?

— Sem duvida. Não considero até que haja outro género de «ballet» que possa interessar tanto a juventude dos nossos dias como o «ballet» moderno.

— Lemos há tempos um artigo de sua autoria sr. prof. em que considerava o snobismo como um dos grandes males que afligem a nossa época. Pensa sr. prof., que o snobismo é um dos defeitos que mais se notam na juventude?

pensa que a juventude tem consciência das responsabilidades que a esperam no futuro?

A esta pergunta o nosso interlocutor hesita um pouco:

— Não... não sei bem porque até os adultos não sabem ainda o que será o futuro. O Mundo inteiro vive um momento difícil da História...

— Acha sr. prof. que a dança em Portugal está a atravessar um período florescente?

— Florescente não está porque está ainda num período de início cujo entusiasmo dos que aprendem dan-

Falando com TOMAZ RIBAS

valos do espectáculo que a Escola de Bailado Clássico do Teatro Nacional de S. Carlos veio dar a Torres Vedras procurámos obter algumas palavras do prof. Tomás Ribas. Ao saber ao que íamos o prof. Tomás Ribas colocou-se amavelmente à nossa disposição e o diálogo travado num dos corredores de acesso aos camarins decorreu mais ou menos nestes termos:

— Não, a juventude não é snob. A juventude de hoje está de certo modo desinteressada dos grandes problemas de Arte. Prefere o desporto à arte e literatura quando o ideal seria que prestasse igual interesse tanto à arte e à literatura como ao desporto.

— Julga que a juventude está apta a receber a herança literária e artística de Portugal, ou melhor,

ça e sacrifício dos que a ensinam nos faz crer num futuro em que o bailado poderá ser brilhante. Mas o bailado em Portugal jamais poderá ser uma realidade enquanto não desaparecerem os estúpidos mas por vezes justificáveis preconceitos de alguns pais que proíbem as filhas seguirem uma carreira artística de dança e os inteiramente estúpidos e injustificáveis que fazem com que os rapazes não aprendam dança. E' evidente, que uma companhia de bailado não pode ter apenas bailarinas mas tem que ter também bailarinos.

— E para terminar sr. prof., e na qualidade de escritor acha que será prejudicial à juventude a leitura de livros dos chamados escritores realistas?

A infância sem duvida. A juventude nada do que é verdadeiro e real é prejudicial desde que viva num ambiente familiar e social são e que saiba esclarecê-la. Pior do que mostrar a verdade é esconder a verdade.

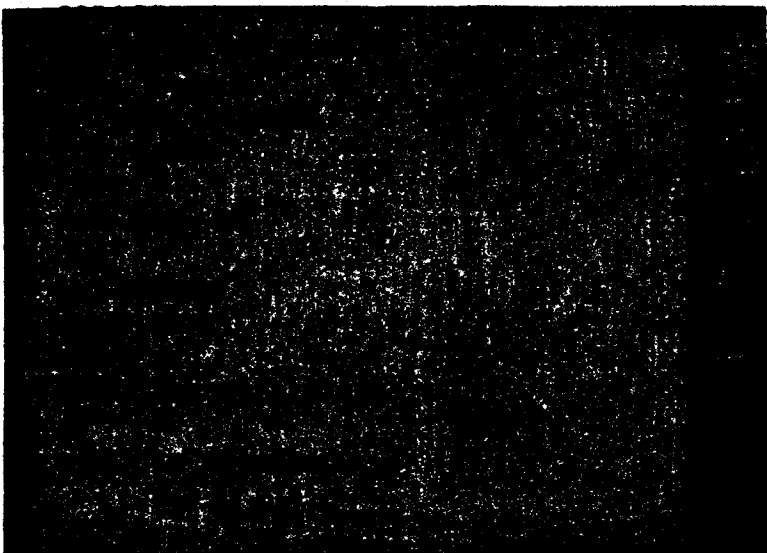
Já a despedir-nos formulámos ainda o desejo de saber mais concretamente quando sairiam os seus próximos livros «Para compreender o «Ballet» e os romances «Cais das Colunas» e «Nuvens de Angústia». Com a sua cativante simpatia o prof. elucidou-nos:

— Para compreender o «Ballet», sai no próximo dia 21 de Maio, indo eu à Portugal para os autografar. «Cais das Colunas», em Outubro; e «Nuvens de Angústia», no fim do ano.

E com esta notícia em primeira mão, cremos, deixámos a amável companhia do prof. Tomás Ribas.

FRANCISCO JOSÉ

AO CORRER DA PENNA



tomávamos mutuamente a sério. As cóleras de Mr. Cock abrandaram na minha presença. Quando se tornavam inevitáveis (Mr. Cock era um sanguíneo, forte como um touro, de humor muito variável), fugia a olhar para mim, pois a minha expressão trocista desequilibrava-o.

De vez em quando, a limpeza do material ou a necessidade de conceder algum repouso aos descarregadores, obrigavam-nos a fazer uma paragem. Foi o que nos sucedeu daquela vez em que um dos nossos melhores carregadores adoeceu com febre altíssima. Fizemos alto perto das grandes quedas de água conhecidas pelo nome de «Cascata do Demónio». A água despenhava-se de 40 metros de altura,

tingui-lo, a moiteira de pelo vermelho ao alto da cabeça...

Para a tarde, o macaco voltou. Empoleirado num ramo da árvore que cobria a minha tenda, fazia-me caretas inconcebíveis, terminadas com as gargalhadas chocar-seis que me enervavam. Outras vezes dava-lhe para imitar todos os meus gestos e expressões, com uma graça que ao mesmo tempo era divertida e desconcertante. Se me sentava, calmamente, a observá-lo, o da popa encarnada cruzava as pernas, encostava o focinho esperto à mão espalmada, com um ar pensativo e jocoso.

—Dá um balázio nesse tipo! — dizia Mike, o atirador que fazia equipa comigo.

Sorri. Encolhi os ombros.

a dar uma volta de espingarda pronta a dar fogo. De subito, ouvi, sobrelevando o ruído da água caindo dos seus quarenta metros, gritos angustiosos de socorro, de angústia.

—São bichos — disse o meu companheiro Mike, que possuía longa experiência da selva.

A medida que nos aproximávamos do rio, os gritos tornavam-se mais lanciantes. Não demorei a saber porquê: um macaco encontrava-se empoleirado no rochedo a meio do rio.

—E' o da popa! — exclamou Mike.

Era ele, de facto. Mas desta vez apetecia gracejar. Dava voltas sobre voltas na minúscula ilha onde

ra, refervia tumultuosamente no fundo do abismo onde uma luta de feras parecia desenrolar-se... Não muito longe, a meio do rio, havia um rochedo, á maneira de ilha, onde apenas as aves gigantesas pol-savam.

A novidade deste dia cifrou-se na morte de um belo casal de leões, resultado verdadeiramente inesperado, pois nada, nem aos mais experientes batedores, fazia prever a proximidade deles.

Quando, para repousar os nervos da emoção da caçada me deitei no acampamento, dei conta que um coco rebentava bem junto da minha cabeça. Levantei-me. Uma gargalhada correu de árvore em árvore... Ainda vi o macaco brincalhão sumir-se entre a folhagem. A dis-

—Que disparate! Sinto-me muito honrado pelo facto deste inteligente animal me ter tomado para seu modelo!

As ironias do macaco que a estranha popa encarnada caracterizava, não cessavam. Nem as partidas, que sempre culminavam com aquela gargalhada onde havia tanto de humano como de irritante...

No dia seguinte, abriguei-me do calor intenso á entrada da tenda. Em frente, havia a clareira, grande e limpa como um pátio de universidade. De repente, distingo alguém que passava, indiferente ao calor. E' o macaco de popa encarnada. Esforça-se por andar sobre as duas pernas, hirt, de cabeça bem jogada para trás, «como cu costume fazer»...

Pela tarde desse mesmo dia saí

fora parar não sei como — talvez por se haver partido o ramo da árvore sobranceira ao rio onde ele se encontrasse. Dali não poderia sair nunca mais. Se tentasse lançar-se á água seria irremediavelmente arrastado na corrente para o abismo.

Tirei-o daquela crítica situação, lançando-o, á maneira dos «cow-boys» perante a gritaria de toda a comunidade empoleirada nas árvores...

O «macaco da popa encarnada» não voltou a arremedar-me. No dia em que o acampamento levantou arraiais, deu provas de inquietação e de tristeza. Perseguiu-nos, enquanto pôde, de ramo em ramo... Até que, quando a vegetação se tornou mais cerrada, deixei de ver a original popa encarnada.

DIÁRIO DE BORDO NOTAS DE LEITURA

1237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril): Claro que te trocamos o livro. Mas é preferível vires pessoalmente, para não correremos o risco de te enviar qualquer outro que já possuas. Os livros são entregues em mão própria, aos amigos que vivam na região de Lisboa, com a respectiva identificação. Avenida de Roma, 78. 2.º, esq. a partir das 9 horas.

Minda Rebordão (Lisboa): Não ficaste inscrita por desconheceres a tua idade. Manda a tua ficha completa.

1602 — Maria Rita Pereira (Lisboa): Não é necessário que venhas tu. Basta que mandes alguém munido do teu cartão de identidade.

Artur Quintas Ferreira (Lisboa): Não te inscrevemos por ficha incompleta. Manda a idade.

Domingos Wiborg de Carvalho (Lisboa): Se não indicas quem e quando te acusaram de destruir, etc., não sei para que vem dirigida a nós a tua carta. Porque te não diriges directamente a essa pessoa que não queres nomear? Não podemos responder a assuntos que nos não dizem respeito. O «Juvenil» muito menos se destina a polémicas. Quanto ás alíneas que nos di-

zem respeito, serão focadas na Conversa da Semana, por quem de direito. Passo a palavra. No entanto, dir-te-ei que sem a indicação da idade, será impossível uma conversa conveniente. Estarás tu dentro da idade que corresponde aos nossos amigos? Quem mo garante? Por entre a tua longa carta, pareceu-me bem que não. E então, seria de lamentar que a tivesses escrito...

1128 — Manuel David Rodrigues (Vila Nova de Gaia): Segue o teu livro. De facto não o havíamos já feito, por haver certas dúvidas quanto ao «Juvenil» n.º 98. Manda dizer se recebeste.

1134 — Maria Isabel (Bombarral): Nada vejo no n.º 98, de 7 de Março, que te diga respeito, nem sei a que livro te referes, pois não temos lido algum com o título que indicas. E' favor esclarecer a questão. Será engano de numero do jornal?

Amigos novos entrados esta semana:

1621 — António Henrique Damão; 1622 — Carlos David Franco (Coimbra); 1623 — João Manuel de Melo; 1624 — Margarida Toscano Carmo; 1625 — Rui Castro Santos; 1626 — Isabel Maria Tomás Pacheco.



ESSES OLHOS LINDOS

Olho aqueles olhos lindos, reluzentes de ternura, onde brilha uma doçura que nos dá felicidade. Esses olhos lindos! Dam brilho, que só conhece a verdade, são de um castanho tão puro, que ao juro, que em ninguém há! Esses olhos, que ao amo com doçura, e, estão no meu coração. São os teus... Querido Papá?

(Continuação da página anterior) Américo de Almeida é ainda (e apenas) um espectador daquilo que descreve; não participa do mesmo drama.

Essa comunhão com o meio encontra-se já na obra de José Lins do Rego, tão prematuramente desaparecido. Aí se exprime num mesmo traço o homem brasileiro e a terra brasileira:

«As experiências confirmavam que com duas semanas de Inverno o Paraíba apontaria na várzea a sua primeira cabeça de água. O rio no Verão ficava seco, de se atravessar a pé enxuto. Apenas aqui e ali, pelo seu leito, formavam-se grandes poços, que venciam a estiagem. Nestes pequenos acúdes pescava-se, lavavam-se os cavalos, tomava-se banho. Nas vazantes plantavam batata doce e cavavam pequenas cacimbas para o abastecimento de gente que vinha das caatingas andando léguas de noite á cabeça. O seu leito de areia branca cobria-se de salsas. Nas grandes secas o povo pobre vivia da água salobra e das vazantes do Paraíba.

«O povo gostava de ver o rio cheio, a água correndo de barreira a barreira. Porque era uma alegria por toda a parte quando se falava na cheia que descia. E anunciavam a chegada como se se tratasse de visita de gente viva: — a cheia já passou na Guarita, vem em Itabaiana».

Falavam na cheia como se fosse visita de gente viva. A natureza humaniza-se; e a descrição da Natureza deixa de ser um espectáculo contado por um comunicativo espectador: é vivida, e Lins do Rego descreve-a como resultado de uma secular convivência entre a Natureza e o povo.

Por estas poucas linhas podem os nossos jovens leitores verificar uma das facetas de interesse de qualquer dos livros a que me refiro.

Outra vez Joana d'Arc

No primeiro inquérito que fizemos aos nossos jovens amigos verificámos que Joana d'Arc era um dos heróis favoritos das raparigas portuguesas. Com efeito na resposta á pergunta:

—Qual o teu herói preferido? O nome mais vezes repetido era o da Donzela de Donremy.

Todas essas nossas leitoras já este ano tiveram o prazer de encontrarem um belo livro sobre Joana d'Arc, ou melhor, sobre a vida em França no tempo da grande heroína. Agora passam a ter á sua disposição um livro sobre ela. O autor é bem conhecido da nossa juventude: Eri-co Veríssimo. Isto quer dizer que além de uma «A VIDA DE JOANA D'ARC», os nossos leitores terão mais uma oportunidade de ter um grande livro, um grande romance. «A Vida de Santa Joana», de Eri-co Veríssimo é mais um volume da colecção «Livros do Brasil», editada por Livros do Brasil, Lda.

Durante muito tempo esteve integrado o companheiro de Mr. Cock, inglês estabelecido na África do Sul. O seu nome rimava com o de Cooper. Excessivo nome para um membro de uma comunidade tirânica, que me repugnava. Comecei, para fugir a ele, não o tomando a sério. Respondia com gracejos ás suas prepotências. O companheiro, chamava-lhe Mr. Cock (Senhor Galo) em vez de Mr. Cooper... E um dia em que pretendia bater uma indi-cação, o companheiro levantou-se e, em inglês, declarou vencedor, ao primeiro round! Passado pouco tempo, não nos

melhor que ninguém com sua voz amiga ensina a querer bem à Paz e à Vida!

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 13 de Junho.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.º 108: I — GENTE NOSSA: ALGARVE. II — GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: MAQUIAVEL

1. — Amigo n.º 1158 — Maria José da Conceição Filipe (Sintra).
2. — Amigo n.º 1524 — José Coelho Pencarinha (Loulé).
3. — Amigo n.º 99 — Maria Cristina Bentes Ferreira (Lisboa).
4. — Amigo n.º 427 — Maria Otília do Lima Nobre (Queluz).
5. — Amigo n.º 1494 — António Degois Pereira (Lisboa).
6. — Amigo n.º 1182 — Agostinho José Gonçalves (Vila Chã de Aguiar).
7. — Amigo n.º 1280 — Maria Lucília Fazenda (Damaia).
8. — Amigo n.º 1029 — Maria Cristina Goulard da Silva (Lisboa).
9. — Amigo n.º 973 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Monchique).
10. — Amigo n.º 81 — Maria Luisa Chaves Dias (Lisboa).

- 1 e 2 — «O VELHO E O MAR», da colec. MINIATURA, Livros do Brasil, Lda.
- 3 a 5 — «O Velho e o Mar», da colec. Miniatura; Livros do Brasil, Lda.
- 6 — 4 volumes da Colecção de Encantar, da Clássica Editora.
- 7 e 8 — «CONTOS HUNGAROS», da Portugália Editora.
9. — «OS MELHORES CONTOS INDIANOS», da Portugália Editora.
10. — «O ROMANCE DE ISABEL», V volume, da Portugália Editora.

PREMIO PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE MAQUIAVEL

11. — Amigo 1584 — Gaetan Martins de Oliveira (Lisboa).
12. — «A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO», de Emile Mireaux — Livros do Brasil, Lda.
13. — «O VELHO E O MAR», da colecção MINIATURA, Livros do Brasil, Lda.

Gente NOSSA



Veio a madrugada nasceu rente ao chão mensagem sagrada a imitar coração.

Morango lhe deram por nome de gente — Caixinha de música com sangue lá dentro.

E a voz apregoa: «Morangos! Morangos!» E a gente sonhando rubros sonhos bons...

E Byron talvez ao seu childe Harold deu morangos doces da terra onde esteve.

(A terra serena que pra ver o mar subiu ao Castelo da Pena a sonhar...)

«Morangos! Morangos!» oigo eu. De repente o fruto cantando na boca da gente

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados

apelo, e baram d — Svein! mesmo t

gar o an meçaram Seis n ares com seis hom -Ferro s rochedos fitaram-s toda a Juvenil algazarra de guerr por enca da pene rita de niais aos diam o la torre.

Os ass tas de e em form —Cana Os noss trar os r pois é m abordage brarão acudir e ros lá de os freche e de Ru la a vo cou-lhe su de, o seu ro de inf dos, das Cedrique, Tiodulfo. apertou- murou — substitui olhon-o

Num d Inverno, d a chuva e imitação d conversar João no q quadra, co escapado ganancios A cama e carteira o nha desde E livros p da cartier dentro da — Os liv — Todos dinheiro... — Sim... eles ao p — Claro — Parec — E's n — Não. — Então — A pr tho eu a guns trab —Estav so. Acabei

Os CAVALEROS da TAVOLA REDONDA

BEDE e os cinco companheiros do seu grupo de combate não perderam um segundo: retesando os arcos, dispararam como se fossem um homem só: as flechas despediram um assédio de mau agouro e acertaram, sem baram da escada. —Svein! — gritou então Bede ao mesmo tempo que voltava a carrear

gar o arco —. Os inimigos já começaram a atacar-nos.

Seis novas flechas cortaram os ares como silvo estridente e mais seis homens de Turquino Mão-de-Ferro se despenharam sobre os rochedos. Bede e os companheiros fitaram-se sorrindo. Nessa altura toda a zona fronteira ao Bastião Juvenil animou-se com a pavorosa algazarra de centenas e centenas de guerreiros que brotavam, como por encanto, de todos os recessos da penedra. Svein acorreu á guarita de onde combinara fazer sinais aos companheiros que defendiam o lance da muralha abaixo da torre.

Os assaltos surgiam com florescas de escadas. Era uma ofensiva em forma.

—Camaradas! — bradou Svein. — Os nossos inimigos estão a concentrar os seus ataques na muralha, pois é mais baixa e de mais fácil abordagem. Por ora não se lembram do cubelo. Vamos, pois, acudir em massa aos companheiros lá de baixo; aqui apenas ficamos os frecheiros de Bede, de Götfrido e de Rualdo. Embora, amigos!

—Ia a voltar costas, mas a mão ficou-lhe suspensa no ar. Olhava Bede, o seu querido Bede, companheiro de infância, de todos os folguedos, das horas de estudo com frei Cedrique, do treino nas armas com Tiodulfo... Correu para o amigo e apertou-o nos braços. «Bede — murmurou — se eu faltar serás tu a substituir-me». O companheiro olhou-o com os seus pequeninos

olhos vivos como zangãos: «Não faltarás — ciciou ele, por seu turno. — Hoje foste armado cavaleiro e vais mostrar que os jovens têm o braço suficientemente forte para defender uma causa justa».

Svein afastou-se dele, agarrando pelos ombros e sorriu.

—Amigos! — despediu-se. — Cada um ao seu posto!

Logo desceu as escadas que partiam da guarita e encaminhou-se a passo largo para os adarves da extensa muralha, onde os jovens soldados faziam frente a ataques que, de momento a momento, se tornavam mais numerosos. Svein desembainhou a espada e acorreu

a um ponto onde acabava de surgir a cabeça de um guerreiro. Quando ergueu a espada sentiu um subito horror: matar! Ia matar! Recuou um pouco, quis largar a espada, mas viu a seu lado tombar ferido um mocinho, que se ficou a contorcer no chão; lembrou-se das palavras de Lançarote e de Bede. «Tenho de defender uma causa justa» — murmurou. No seu íntimo, porém, uma outra voz respondeu: «Mas porque há-de defender causas justas pela força das armas? Tu vais matar...».

—Mãe! — implorou o menino ferido. Onde estás, mãe?

Svein cerrou os dentes e com os olhos cegos de lágrimas despediu um tremendo golpe no elmo do assaltante. O homem ainda tentou



defender-se instintivamente com o braço, mas já a espada penetrara no elmo como um relâmpago. Atordado pela pancada, esbugalhou os olhos num grande espanto e tombou sem vida sobre os assaltantes que o seguiam, na escada.

Imediatamente Svein espetou uma forquilha ali caída no chão num dos varais da escada e com o joelho em terra empurrou para a frente com quanta força possuía. Dois moços vieram ajudá-lo e, lentamente, a escada começou a ceder e acabou por cair com enorme estrondo. Faltando-lhes o apoio também os três jovens afocinharam violentamente. Svein tocou no menino ferido; estremeceu ao sentir que uma das mãos se empapava num sangue que não era seu; então levantou-se de um salto e gritou por uma das jovens que ficara encarregada de tratar dos feridos.

Novos apelos o solicitavam. No ângulo que a muralha e o cubelo faziam aparecer um assaltante. Já conseguira pôr uma perna no intervalo de uma ameia e erguia-se nos braços possantes. Svein apanhou a espada e, acompanhado pelos dois jovens de há pouco, veio, sem demora, ao ataque. «Deixo-o subir para o atacar mais facilmente?» — pensou. A resposta foi-lhe dada por um dos companheiros, que sem hesitação embebeu a lança no assaltante, um homem de estatura colossal e barba cor de fogo. Svein fechou os olhos, horrorizado. De si para si dizia que não era capaz de ser um cavaleiro, que iludira a confiança de todos, desde Lançarote a Bede e aos jovens da sua idade ou mais novos ainda. Olhou para o cubelo e distinguiu a cabeça de Bede; lá de cima veio uma descarga cerrada de flechas que atordou os ares com seu silvo anunciador da morte! depois Bede ergueu um braço e saudou o amigo.

Foi como se nova força o revigorasse. «Há momentos na vida em que é preciso matar para defender a justiça — murmurou, ao mesmo tempo que se encaminhava para as ameias e agarrava nas asas de um caldeiro cheio de pês. «Quando a injustiça tem a força nas mãos, só com a força se lhe pode responder». Concentrou toda a sua força para conseguir levantar o caldeiro; o suor desprendia-se-lhe em grossas bagas. Eram amargas. Cuspia. Fincou-se bem, deu um balanço com o corpo e trouxe o caldeiro até um dos muros; depois derramou-lhe o líquido para baixo, sobre um novo negro de guerreiros. Uma seta assobiou-lhe junto á face; outra cravou-se-lhe num ombro. O ferimento deu-lhe mais coragem! parecia-lhe ter mais um motivo para usar da força bruta, para aceitar como possível a selvajaria da guerra. Cerrou os dentes e arrancou de uma só vez a flecha. Vinha rubra de sangue e era seu, aquele sangue. «Hei-de guardar esta flecha» — disse. — Hei-de guardar esta flecha, para que nunca mais esqueça».

Olhou em redor.

—Para a frente! — gritou, sentindo o peito empapado de sangue.

Dezenas de bocas juvenis lhe responderam num Viva! E Svein viu que todos venciam o horror de fazer mal a alguém; viu que todos viviam corajosamente aquele momento terrível para os que viviam dentro do castelo; que davam a sua vida para a liberdade comum; e sentindo que acabava de passar por uma longa transformação no prazo de escassos minutos, lançou-se para onde era mais acesa a luta.

(Continua)

Abre a boquinha...

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

A primeira vista, poderiam pensar que todos os herbívoros possuem o mesmo tipo de dentição. Mas só á primeira vista.

O elefante, por exemplo, tem dentes trituradores, como o cavalo. Mas o esmalte destes molares tem, no elefante, pregas profundas, muito juntinhas. E porquê esta diferença? Simplesmente, porque tem necessidade de mastigar grandes pedaços de grandes e duras raízes, de galhos, ou mesmo de ramos, lenhosos ramos que dão muito mais trabalho que os saborosos frutos ou as folhas tenras.

A natureza é tão perfeita em tudo quanto faz, que pensou remediar o gasto destes dentes, que, calculam, é grande. Claro que este des-



gaste leva muito tempo a fazer-se, mas uma vez que se dá, o dente cai. Isto passa-se com os dentes da frente. Caído um, logo o seguinte avança e procura tomar o lugar do primeiro. São seis e grandes, os dentes que assim procedem. Seis de cada lado da mandíbula superior. São tão grandes que um só deles ou mesmo metade de um, entra em função de cada vez. A medida que vão caindo, cada um deles vai chegando á frente. Mas isto leva a vida do animal que é, como bem sabem, bastante longa.

As presas que parecem inúteis, com o seu comprimento, são, pelo contrário, de grande utilidade. Ajudam o animal a fender as cascas das árvores, para arrancar raízes e até árvores inteiras. O marfim resiste a todo este esforço, pois não é quebradiço.

As presas do elefante podem ser comparadas aos incisivos, atingindo um comprimento de 1,20 a 1,80 metros. Na base de cada presa, existe uma cavidade cônica e não uma raiz, como nos outros dentes. As presas têm, a princípio um pouco de esmalte na ponta que logo se gasta. Então, sem este revestimento duro, ela pode ter a fantasia de crescer, tornando-se cada vez maior em vez de se ir desgastando. A parte oca da base contém uma substância que sempre vai dando o marfim.

As presas têm um grande peso, ajudam a obtenção do alimento, mas não serve para triturá-lo.

Contudo, pela dureza e pela elasticidade, estas presas são aproveitadas pelo homem, para fabrico de bolas de bilhar, e muitos outros objectos: cabos de facas, pentes e instrumentos científicos.

de tranças «que viera certamente há pouco tempo da terra», ao senhor elegante que «olhou durante dois segundos para o jogo», á angústia do cateleiro «que tinha imensa vontade de ganhar a vida».

O tema, aparentemente insignificante, aparece-nos servido por uma prosa sem artifícios, com movimento e graça. No entanto, a Alcídia deve fiscalizar melhor essa naturalidade (sem a abandonar, atenção!) para evitar cair em armadilhas de mau gosto que uma naturalidade desgovernada pode criar...

Agora vou-te contar uma coisa: ontem ia eu no «eléctrico». Entrou um cateleiro. Lembrei-me da Alcídia. O ambiente que ela descreve, está certo. Então fiquei com a impressão de que a Alcídia ia ali, á minha beira... Talvez aquela moça compenetrada, com a mala dos livros no regaço. E tão simpática, uma expressão entre observadora e carinhosa... Baixei-lhe a cabeça, num cumprimento que não foi correspondido. Ter-me-ia enganado? A Alcídia que o diga!

Ora o moço, não querem ver! E eu a julgar que ele vivia só para a literatura!

MARIO CASTRIM

Colaboradores

Criticaremos nesta secção todos os trabalhos originais enviados pelos nossos leitores de idade não superior a vinte anos.

A colaboração pode ser acompanhada de uma fotografia (de quaisquer dimensões) do autor, e deve ser dirigida a CRÍTICA DO JOÃO, «Diário de Lisboa Juvenil», Rua Luz Soriano, 44.

ATENÇÃO!

Mais uma vez pedimos aos amigos que não se esqueçam de, ao enviarem as suas respostas para o concurso, de nos indicar:

- 1—O nome completo
- 2—A data do nascimento.
- 3—A morada
- 4—Se estudam, em que curso e ano.
- 5—Os três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil».

Estas recomendações tanto dizem respeito ao concurso «Gente nossa» como ao concurso «Gigantes da Humanidade».

Num destes aborrecidos dias de Inverno, desculpem, de Verão, com a chuva caindo a potes, autentica imitação do dilúvio, encontrei-me a conversar com o nosso crítico João no quarto dele. Uma pequena quadra, com janelas para um parque escapado (por enquanto!) á fúria gananciosa dos mestres de obras. A cama está a um canto. A meio, a carteira onde trabalha e o acompanhada desde o primeiro ano do liceu. E livros por todo o lado: em cima da carteira, da cama, nas paredes, dentro da arca de sandalo...

—Os livros são todos teus?

—Todos. Comprados com o meu dinheiro...

—Sim... E dormes sempre com eles ao pé de ti?

—Claro. Porquê?

—Parece-me pouco... saudável.

—E's médico?

—Não.

—Então como sabes?

—A propósito de livros... (ata-lho eu a disfarçar). Recebeste alguns trabalhos para crítica?

—Estava justamente a tratar disso. Acabei mesmo agora de ler uma

colaboração. «Amanhã anda á roda!».

Antes de te falar propriamente deste trabalho, deixa-me dizer que noto por vezes uma certa inatencionalidade na poesia e na prosa de certos jovens, um som falso, a oco...

—E a que atribues tu...

—Parece-me que á tendência de fugirem á realidade, á sua realidade. Entram no domínio da imaginação, invadem meios e ambientes, que não conhecem suficientemente, descrevem pessoas como quem faz geometria no espaço, relatam factos e situações que não viveram ou não estão suficientemente «maduros» para entender na sua complexidade e verdade...

—Mas... nessa ordem de ideias, os jovens ficavam com as portas da literatura encerradas visto que para escrever é necessário ter experiência; a experiência vem com os anos.

—Evidentemente, a experiência vem com os anos; mas a cada idade corresponde uma experiência. A experiência dos jovens — eis a que os jovens devem reflectir. E os seus anseios, os seus ideais ge-

PROBLEMAS DOS JOVENS

«Um espelho embaciado»

(Conclusão do numero anterior)

entrega com mais intensidade a filosofia da vida, quando adquire com mais intensidade ideias próprias, e... quando haja ressentimentos acumulados, torna-se uma época conflituosa. Esfriam assim as relações entre pais e filhos, eles evitam-se e resulta que o jovem não encontra no lar aquela felicidade que gostaria de encontrar, sofrendo com isso. Por vezes, também, a separação gradual e sem conflitos, mas que nem mesmo por isso deixa de ter funestas consequências. Dá-se isto geralmente quando o pai se quer tornar, a seu modo, uma pessoa respeitável, exigindo do filho o máximo respeito, não se permitindo a certas liberdades, não acambrando com o filho. Mas, pergunto: Será necessário esse tal respeito? Ou melhor, será preferível o respeito do filho pelo pai, a uma amizade profunda entre os dois? Parece isto uma alternativa, e, na verdade, é-o, pois julgo difícil daquela maneira conservar simultaneamente os dois. E, pergunto agora: será possível um filho desrespeitar um pai que sabe ser um orientador, um confiante, um amigo enfim, quando o é necessário ser? Uma vez, pois, que o jovem se não encontra satisfeito no seu círculo familiar, ele afasta-se cada vez mais do pai, o qual muitas vezes nem se dá ao trabalho de tentar reconquistá-lo, evita conversas, deixa até de seguir conselhos úteis, torna-se solitário, desconfiado, e até sob a torrente de críticas constantes, chega de facto a convencer-se de que é um inútil, mau, sem valor, criando complexos que o inferiorizam, até mesmo quando ele procura contrair novas amizades. Torna-se o «incompreendido», a «última», como os pais, certos de lhes terem dado tudo que precisavam, lhe chamam, dando tratos à imaginação porque será ele assim.

Desta maneira, rapazes e raparigas, procuram o convívio de outros rapazes e raparigas com quem buscam desordenadamente o divertimento e o prazer que não encontram em casa. Muitas vezes, encontram-se na verdade bons companheiros, tais como colegas, amigos de longa data, etc., aos quais basta uma amizade sincera, que se fortalece com o tempo. Pode porém acontecer também que, plenos de complexos, querendo provar a si próprios pelo menos, que não são inferiores aos outros, adoptam as chamadas «penétras», e afivelam uma máscara que muitas vezes não conseguem tirar a tempo, habituando-se a ela, tornando-se tolos e presumidos, involuntariamente. Claro está, que entre rapazes que vivem a querer provar aos outros que são mais do que eles, não se pode contrair uma verdadeira amizade. Juntam-se assim em grupos em que cada um pretende ser considerado superior, o que é afinal o que eles têm em vista. Para isso inventam «qualidades»: conquistam todas as raparigas, (ou fazer perder a cabeça a todos os rapazes, caso seja rapariga), guiar muito bem (pondo em risco a sua vida e a dos seus companheiros ao procurar demonstrar suas proezas), ser o mais forte e mais corajoso de todos (o que lhe dá um carácter agressivo), e por fim, adopta um sentimento artístico. bate-os a todos no «rock'n'roll», e por vezes filosófico, quando procura agir segundo a doutrina de Jean-Paul Sartre, do existencialismo.

Pode-se comparar isto a uma arena onde vários contendores se digladiam até o mais forte ou astucioso derrotar os outros, obrigando-os a ajoelhar perante ele. Nos grupos mais pacíficos, o chefe é geralmente o que possui mais forte personalidade; nos grupos mais turbulentos, a «coisa» é geralmente feita à força de punhos.

Eis pois a hierarquia do bando, gang, seita, etc.: um grupo de rapazes que procuram de qualquer maneira meter respeito aos outros e um pequeno grupo de elite, tudo isto sob as ordens de um chefe, o qual é incontestado enquanto tiver poder para opor aos outros. Um dos processos que possuem de se elevar, é gozando o parceiro, isto é, divertindo-se à custa de outro ou outros impedindo-os de reagir, a não ser quando a sua reacção pode provocar a chacota dos outros, tudo isto, com o fim de suscitar a admiração do grupo. (Estão a ver, por

exemplo, o que não é alguém divertir-se impunemente à custa de alguém que os outros temem...). Esse tal parceiro é geralmente alguém que tenta integrar-se no grupo, desde que não seja primo ou irmão do chefe, ou não apresente quaisquer outras «credenciais» de valor. E' pois esse desgraçado que é vítima das atrocidades dos outros, é o boi do grupo, o criado servil, até que resolva afastar-se do grupo ou venha outro ocupar o seu lugar, sendo este agora vítima principalmente daquele que o ocupara anteriormente e, que não podendo vingar-se nos outros, se vinga nele. E' assim que todas aquelas bestas se procuram tornar mais violentas, mais cínicas e mais egoístas, tentando cada vez fazer mais e mais, ou seja, pior e pior, até atingir os mais profundos requintes da maldade, o que os outros não tenham coragem ou não possam chegar. E é com esse fim que ele parte uma vidraça com uma pedrada para mostrar a sua «descontracção», mostra a sua valentia batendo num outro (que geralmente sabe que é mais fraco), se adentra como conquistador de raparigas, e... por esta ordem, procura demonstrar a facilidade que possui em roubar uma mulher, em estragar ou roubar um automóvel, como é capaz de agredir um transeunte desprevenido e até o sadismo com que o mata, tudo isto, para fazer o que os outros não fazem. E' claro que ele só atinge esta «perfeição», quando integrado no grupo, quando não pensa nas consequências dos seus actos, quando se satisfaz por saber que os outros são tão culpados como ele e que sofrerão o mesmo castigo se forem apanhados, e por contar quase sempre com a colaboração do grupo, pois muitas vezes a sugestão que leva os outros a actuar, tem tanto valor perante eles como se o acto fosse praticado por quem teve a ideia (e aquele que tem mais ideias, é o melhor), pois logo que do grupo se afasta, deixa de estar obcecado pelo desejo onipotente de mostrar o que vale, desejo esse que lhe não deixa medir a extensão e consequências dos seus actos e, uma vez tirada a sua máscara de granito, torna-se, como anteriormente era, um covarde, um medroso, vergado pelo complexo de inferioridade, com tantas ou mais fraquezas que o tal «anjinho» à custa do qual ele se divertia.

RUI CARLOS CORREIA VIEIRA
(17 anos)

VISTOS PELOS JOVENS

CARACOLETAS



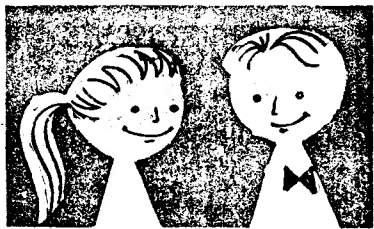
Tenho um amigo que é professor primário num bairro pobre de Lisboa. Fui visitá-lo, ontem. Mal entrei na sala, os meninos puseram-se de pé, felicíssimos daquela oportunidade de fazerem barulho. Dois vi eu que se beliscavam à sucupa; livros fechavam-se ruidosamente; longe, um assobio cíciado imitava na perfeição a fuga do avião a jacto... — Meninos! — trovejou o meu amigo, batendo com a régua preta no tampo da secretária. E com uma expressão de enfado: — Estão insuportáveis, hoje. De vez em quando é assim. O ar está percorrido por uma corrente eléctrica, os miudos sentem-lhe os efeitos... — E depois de uma breve pausa: — Nunca tiveste admiração por ti próprio? Sem modestia, responde... Nunca? Pois eu confesso que tantas vezes me tenho elogiado. E' difícil, entretanto, não resolver certos assuntos à pancada, à reguada. Tão cómodo! Tão fácil, dominar pe'o terror... Uma re-

guada, ou duas, e os animos logo serenavam. Pelo menos a superfície... Mas diz lá tu... Olha para essas caritas que aí estão... O que elas reflectem de falta de tudo, até de carinho... Achas que eu seria capaz, hem?... Achas?... sem ficar coberto de vergonha?... de nojo?... Disse-lhe que não exagerasse, nessa história de falta de tudo... Não exagero — tornou. — Conheço os bem... Fez um gesto para o fundo da sala: — Tu aí... Tu não... O do lado, o Mariano... Olha lá, ó Mariano, o que foi que comeste hoje ao almoço? — Sopas... — E um bocadinho de pão... Fez que sim com a cabeça. — Com manteiga... — torna o meu amigo. Mariano riu, a mostrar as favolas: — Estás a rir?... — A gente não semos ricos... — Somos! — emenda o meu amigo. — E carne, quando foi que tu comeste? Encolhe os ombros. A malta ri. «No

CONVERSA DA SEMANA

O Amigo n.º 1494 — António Degóis Pereira (16 anos) responde a algumas perguntas das Conversas das Semanas passadas:

1.ª: Que penso do «Juvenil»? Nem se pergunta: é de facto um «Juvenil» onde nem sequer falta



A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

Vou dar conta aos meus leitores dos resultados a que cheguei esta semana nas averiguações sobre três palavras: conservatório, finês e bluff.

Porque damos o nome de Conservatório aos estabelecimentos de ensino de músicos e actores? Se, conforme a própria palavra o diz, conservatório vem de conservar, o que é que essas escolas conservam?

Também os Franceses lhes chamam conservatores, mas, tal como sucede com a nossa palavra, a sua origem é o italiano.

Na doce língua de Dante chamam assim às escolas de canto e representação não queria significar que a Arte lá estivesse de conservar... «Conservatório» significava o mesmo que asilo, orfanato, creche ou então como já hoje se diz muito para substituir esta ultima, infantiário, e referiam-se a instituições de carácter religioso. No Conservatório de Santa Maria di Loreto, em Nápoles, tratava-se de ensinar o canto eclesiástico às crianças mais dotadas. Esses conservatórios eram como viveiros onde plantavam as tenras se defendiam, se conservavam.

Aos habitantes da Finlândia, progressivo país do Norte da Europa, chamamos nós finlandeses ou fineses. Porquê?

O escritor latino Tácito, historiador, autor dos *Anais*, das *Histórias*, dos *Costumes dos Germanos*, chamava Fenni, ou Finni, aos habitantes daquela região. Estes ficaram, para todo o sempre, fineses... A palavra Finlândia significa, assim, «terra dos fineses» e a língua que falam é o *finico*.

Como curiosidade, e para vermos

a vitalidade das palavras, vem a propósito referir que o historiador Tácito viveu entre os anos 55 e 120 da nossa era...

A palavra finês, ainda de uso quotidiano, tem a linda idade de mil e oitocentos anos...

Embora raros de nós o saibamos jogar (e o prejuízo não é muito), haverá pouca gente que desconheça o jogo chamado «bluff». Consiste ele em fazer crer que se está de posse de um excelente jogo, quando a realidade é bem outra, ou então no contrário disso... Trata-se, como já perceberam, de um logro, de um engano, de uma intrujice.

POR NATALIA DA FONSECA

A popularidade em certos meios de que goza o jogo fez que a palavra se generalizasse e se passasse a denominar «bluff» — na Arte, na política, na vida — tudo o que fosse fingimento, simulação, mentira bem organizada.

Ora já basta que empreguemos palavras estrangeiras quando não temos outras capazes de as substituir. Em português, além das que foram citadas, temos ainda outra, muito sugestiva: *cacha*. Camões dizia:

«Oh, que doce fingir, que doce cacha...»

Nos jogos significava precisamente o mesmo que o inglês «bluff». Dizia-se *envidar de cacha* quando se fazia... «bluff»...

Ainda hoje quando se diz que um jogador faz «cachinha» nos estamos servindo do nosso antigo e expressivo «cacha».

a colaboração dos jovens para ser verdadeiramente juvenil.

2.ª: Em meu ver o que devia ser modificado eram aqueles artigos das páginas centrais que parecem não ter fim; em seu lugar poriam mais trabalhos nossos.

3.ª: Na primeira página deveriam ter sempre uma secção onde mencionassem os Amigos que colaboravam e se a primeira vez ou não que o faziam, e dar a respeito dos artigos publicados uma opinião.

4.ª: Acho muito bem o inquérito. Só não faço é ideia do que pretendem. Em todo o caso preferiria que o publicassem de uma só vez.

5.ª: Gostava de facto que se fizesse um Inquérito junto de pessoas adultas de destaque acerca da juventude do seu tempo e da actual.

Apreciámos bastante a franqueza das tuas opiniões. Eis exactamente o que pretendemos. Quanto às tuas sugestões:

2.ª: Queremos que 50 % da colaboração seja feita pelos nossos jovens Amigos; o restante será para reportagens e actividades culturais ou artigos de divulgação. A reforma que desejamos fazer será em grande parte fruto da vossa colaboração e críticas.

3.ª: Esta proposta merece estudo.

2

O Amigo de Castelo Branco, Manuel Paula Campos (não me diz o numero e aqui não tenho oportunidade de o saber) faz também o seu depoimento sobre as Conversas anteriores:

Inquérito: Devia focar os pontos seguintes: factor religioso (influência ou necessidade da religião); factor social (relações entre jovens); factor cultural e educativo (nível cultural da juventude); factor físico (desportos e educação física).

Acho que se deve fazer uma pergunta de cada vez, pois de contrário não responderei tão bem e tão longamente.

Sobre o «Juvenil»: acho-o bom, mas talvez um pouco incompleto. Parece-me que sendo a finalidade dele provocar um encontro entre jovens, não se deveria só dedicar a trabalhos literários. O que têm feito é bom, pois dá ao que se revelem jovens de talento; quer-me parecer, porém, que contribuiria ainda mais para auxiliar os jovens se nas suas páginas se ventissem problemas que interessam aos jovens dando-lhes assim oportunidade para os discutir.

Nesta conformidade, parece-me que se poderia tratar assuntos de cinema (a sério), teatro, sociologia, arte, literatura. Para isso seria até ótimo que entre os Amigos se fizessem equipas de estudo, o que também permitiria um intercâmbio de trabalho juvenil, muito útil, e sério.

Evidentemente que o jornal necessitava de ter, para isso, mais páginas.

As tuas opiniões, Amigo Paula Campos, posuem grande interesse. Refiro-me em especial às tuas opiniões sobre o «Juvenil». A tua ideia de centros de estudo com pequeno numero de jovens é excelente e já está a começar a ser posta em prática, (ou se-lo-á brevemente) com os teus colegas de Lisboa, José Carlos Junça de Moraes, Luís Chaves, e outros.

A publicação de trabalhos de divulgação vossos sofre de uma dificuldade: para se divulgar é necessário possuir-se uma cultura profunda, o que não se pode exigir com a vossa idade. Por enquanto, o que se me afigura indicado é a publicação de trabalhos de divulgação de adultos, a manutenção do consultório cultural que tem funcionado com bastante irregularidade, mas deverá voltar a ser semanal.

Vou pedir a jovens de Lisboa que te escrevam, sobretudo os acim citados. Eles querem montar no «Juvenil» uma secção de Cinema e nós dar-lhes-emos todo o apoio.

dia de S. Nunca á tarde!» ouço uma voz. De repente, Mariano estende o braço. Os olhos brilham:

— Senhor Professor, ontem o meu jantar foi só carne...

«Ora toma!» Digo eu só para comigo. Toma para não estares sempre com a mania que os outros passam fome de rabo... Amarelo e doentio é o miúdo, o Mariano, mas por falta de carne está provado que não!

— Sim? — exclama o meu amigo a ganhar tempo. — E que espécie de carne, pode saber-se?

— Caracóis. Duas caracoletas assadas...

A sala vem abaixo com a risota. O meu amigo bate com a régua no tampo da mesa:

— Calada! Não querem lá ver?

— Caracoletas... — digo eu, ao descer os degraus. — Caracoletas assadas...

Esforço-me por desviar o pensamento, a cortar o caminho á náusea que me invade. — MANUEL AGRA